RENATA PLAZA TEIXEIRA

MUSA LATRINALIS:
DIFERENÇAS SEXUAIS
EM GRAFITOS DE BANHEIRO

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Experimental

Orientador: Profa. Dra. Emma Otta

São Paulo

1998

**MUSA LATRINALIS:
DIFERENÇAS SEXUAIS
EM GRAFITOS DE BANHEIRO**

RENATA PLAZA TEIXEIRA

BANCA EXAMINADORA

Américo Pellegrini Filho

(Nome e Assinatura)

CÉSAR ADES

(Nome e Assinatura)

Emma OTTA

(Nome e Assinatura)

Dissertação defendida e aprovada em: 05/02/1999

Esta dissertação é dedicada
ao Luís, meu marido, e à
Letícia, minha filha

AGRADECIMENTOS

Ao Luís Augusto Barbosa, meu marido, pela dedicação, paciência, compreensão, carinho e por sua fundamental colaboração em todos os momentos dessa minha caminhada, participando, inclusive, da coleta de dados em banheiros masculinos e do registro fotográfico dos grafitos.

À Letícia Barbosa Plaza, minha filha, pela força que sempre me ofereceu através de sua infinita alegria.

À Bruna, à Luna, à Raísa, ao Pedro e à Gabriela, meus sobrinhos, por, junto com Letícia, mostrarem que vale a pena lutar por nossos ideais.

Aos meus pais, Wilmes Roberto Gonçalves Teixeira e Candida Maria Plaza Teixeira, pela colaboração através de levantamento bibliográfico realizado em Nova Iorque, pelas importantes sugestões por ocasião da leitura deste trabalho e, principalmente, pelo amor com que sempre me recebem.

Ao Ricardo Roberto Plaza Teixeira, meu irmão, pelo carinho, pelas importantes fundamentais contribuições, em especial através de levantamento bibliográfico realizado na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e da aplicação de questionários em alunos de segundo grau de uma escola pública de São Paulo.

Ao Roberto Augusto Plaza Teixeira e à Débora Garcia y Narvaiza, irmão e cunhada, pais da Gabriela, pelo apoio e carinho.

Aos Profs. Cesar Ades e Américo Pellegrini Filho pelas fundamentais sugestões apresentadas por ocasião do exame de qualificação.

Às colegas de graduação Flávia Garrafa Borges, Fabiana Follador e Ambrósio, Rachel Lenneberg Hoshino, Sílvia Lima Vallochi, Luciana Menin Lafraia, Ana Paula Oliveira e Silva e Iara Lopes Patarra por terem partilhado comigo a coleta de dados na primeira etapa da pesquisa.

Ao amigo Pedro Ancona Lopes Mindlin e ao Ivan Luís Vieira pelo auxílio na coleta de dados em banheiros masculinos.

À Juliana Kurasawa e à Fabiana Ribeiro Fenili pela aplicação de questionários em estudantes universitários.

À Profa. Dra. Linda Lee Ho pelo auxílio na análise estatística.

Ao Prof. Dr. Lino de Macedo pelas relevantes contribuições, inclusive na forma de sugestões de leitura.

Aos professores do Departamento de Psicologia Experimental, em especial a Profa. Dra. Vera Silvia Raad Bussab e o Prof. Dr. Takechi Sato, pela agradável convivência e pelo apoio.

A todos os amigos e colegas pelo incentivo constante. Em especial, à Tuca e ao Marcão pelo apoio diário à distância, à Ciça pelas contribuições e amizade e à Kelma pelo apoio diário na proximidade.

À FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e à CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento desta pesquisa.

E, finalmente, à Profa. Dra. Emma Otta pela dedicação e infinita paciência com que me orientou na realização deste trabalho, empenhando-se sempre em lutar contra as dificuldades muitas vezes envolvidas no estudo dos grafitos de banheiro, material humano extremamente rico, mas pouco investigado.

“Gostaria pois que a fala e a escuta que aqui se trançarão fossem semelhantes às idas e vindas de uma criança que brinca em torno da mãe, dela se afasta e depois volta, para trazer-lhe uma pedrinha, um fiozinho de lã, desenhando assim ao redor de um centro calmo toda uma área de jogo”.

Aula
Roland Barthes

Agradeço a todos por participar comigo desse jogo...

***Homo sum: nihil humani
a me alienum puto.***

“Sou homem: nada do que é humano
eu considero alheio a mim.”

TERÊNCIO (190?-150 a.C.),
O Carrasco de si Mesmo, I.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	x
LISTA DE TABELAS.....	xi
RESUMO.....	xiii
ABSTRACT.....	xiv

1 INTRODUÇÃO

1.1 Diferenças culturais.....	2
1.2 Sexualidade.....	4
1.2.1 Diferenças socioeconômicas e sexuais.....	6
1.2.2 Sexualidade adolescente.....	8
1.2.3 Sexualidade adulta.....	9
1.3 Contextualização da pesquisa e objetivos.....	11

2 LEVANTAMENTO GERAL DE CONTEÚDOS EM GRAFITOS DE BANHEIRO

2.1 Introdução.....	16
2.2 Método.....	17
2.2.1 Sujeitos.....	17
2.2.2 Procedimento.....	18
2.3 Resultados.....	20
2.4 Discussão.....	24

3 TERMOS SEXUAIS EMPREGADOS POR HOMENS E MULHERES

3.1 Introdução.....	32
3.2 Método.....	33
3.2.1 Material amostrado.....	33
3.2.2 Procedimento.....	33
3.3 Resultados.....	35
3.4 Discussão.....	42

4 CONTEÚDOS SEXUAIS PRODUZIDOS POR HOMENS E MULHERES

4.1 Introdução.....	54
4.2 Método.....	55
4.2.1 Material amostrado.....	55
4.2.2 Procedimento.....	55
4.3 Resultados.....	58
4.4 Discussão.....	65

5 O QUE PENSAM OS ESTUDANTES SOBRE OS GRAFITOS DE BANHEIRO?

5.1 Introdução.....	72
5.2 Método.....	75
5.2.1 Sujeitos.....	75
5.2.2 Procedimento.....	76
5.2.2.1 Questionários.....	76
5.2.2.2 Coleta de dados.....	77
5.3 Resultados.....	78
5.4 Discussão.....	92

6 CONCLUSÕES

6.1 Derrubando resistências: a pesquisa com grafitos de banheiro.....	110
6.2 A magia da escrita e os grafitos de banheiro como “tela pública de projeção de desejos insatisfeitos”.....	114
6.3 A complexidade humana e os grafitos como “testes projetivos auto-administrados”.....	116
6.4 Que projeções são essas? – Conclusões gerais delineadas em nossa pesquisa.....	117
6.5 Outras projeções: propostas para futuras pesquisas.....	120

ANEXOS.....122

A Distribuição de termos ligados a sexualidade empregados em grafitos e respostas a grafitos de banheiros masculinos de “cursinhos”.....	123
--	-----

B Distribuição de termos ligados a sexualidade empregados em grafitos e respostas a grafitos de banheiros femininos de “cursinhos”.....	125
---	-----

C Distribuição de termos ligados a sexualidade empregados em grafitos e respostas a grafitos de banheiros masculinos da universidade.....127

D Distribuição de termos ligados a sexualidade empregados em grafitos e respostas a grafitos de banheiros femininos da universidade.....130

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....132

APÊNDICES.....139

1 Questionários aplicados em estudantes de uma escola pública.....140

2 Questionários aplicados em estudantes universitários.....142

LISTA DE FIGURAS

Figura n.	Página
2.1 Registro fotográfico de grafitos produzidos em banheiro masculino universitário.....	19
2.2 Registro fotográfico de grafitos produzidos em banheiro masculino de “cursinho”	26
2.3 Registro fotográfico de grafitos produzidos em banheiro feminino universitário.....	28
3.1 Registro fotográfico de grafito produzido em banheiro masculino universitário.....	41
4.1 Registro fotográfico de grafitos produzidos em banheiro feminino universitário.....	57
4.2 Registro fotográfico de grafitos produzidos em banheiro masculino universitário.....	64

LISTA DE TABELAS

Tabela n.	Página
2.1 Resumo dos temas por ambiente, “cursinho” e universidade, bem como valores de qui-quadrado.....	21
2.2 Temas por sexo e ambiente, “cursinho” e universidade, bem como valores de qui-quadrado.....	22
3.1 Termos ligados à sexualidade produzidos por homens e mulheres no “cursinho” e na universidade, bem como valores de qui-quadrado e de probabilidade associados.....	35
3.2 Quantidade de termos diferentes usados para se referir aos temas mais freqüentes, bem como proporção entre número de termos empregados para cada tema (N) e número total de termos (T).....	38
4.1 Temas ligados à sexualidade produzidos por homens e mulheres no “cursinho” e na universidade.....	59
4.2 Conteúdos sexuais significativos incluídos no modelo de Regressão Logística para os “cursinhos”.....	60
4.3 Conteúdos sexuais significativos incluídos no modelo de Regressão Logística para a universidade.....	61
4.4 Freqüências absolutas e relativas de termos utilizados em xingamentos empregados por estudantes de “cursinho” e universitários, bem como respectivos valores de qui-quadrados.....	62
5.1 Freqüências das respostas à questão 1 (“Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?”) por ambiente.....	79
5.2 Freqüências das respostas à questão 1 (“Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?”) por sexo em cada ambiente.....	81

- 5.3 Frequências das respostas à questão 2 (“Sobre o que *as pessoas do mesmo sexo do respondente* mais gostam de escrever?”) por sexo em cada ambiente.....84
- 5.4 Frequências das respostas à questão 3 (“Sobre o que você acha que *as pessoas do sexo oposto* mais gostam de escrever?”) por sexo em cada ambiente.....87
- 5.5 Frequências das respostas à questão 4 (“Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?”) por sexo em cada ambiente.....88
- 5.6 Frequências de grafitos transcritos em resposta à questão 4 (“Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?”) por sexo em cada ambiente.....92

RESUMO

TEIXEIRA, Renata Plaza. *Musa latrinalis*: diferenças sexuais em grafitos de banheiro. São Paulo, 1998. 159p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Grafitos foram coletados ($N = 1349$) em banheiros de “cursinhos” pré-vestibulares e de uma universidade, localizados em São Paulo (SP). Realizaram-se três estudos com esse material e um estudo exploratório envolvendo a aplicação de questionários em estudantes. O primeiro estudo compreendeu o levantamento de categorias de conteúdo dos grafitos. Não foram encontradas diferenças de gênero significativas na categoria sexo considerada amplamente. O segundo estudo abrangeu o exame dos termos sexuais empregados nos grafitos e o terceiro estudo promoveu a análise das diferentes categorias de conteúdo sexual dessas inscrições. No segundo e no terceiro estudos, predominaram conteúdos anais nos grafitos masculinos dos “cursinhos” e xingamentos sexuais nos grafitos masculinos da universidade, quando comparados com os grafitos produzidos pelas mulheres nesses ambientes. No segundo estudo, também foi observada uma alta frequência de conteúdos hostis nos grafitos masculinos dos “cursinhos”. Esses dois estudos apontaram, ainda, maior produção de conteúdos classificados na categoria “elogio sexual” por parte das mulheres que por parte dos homens na universidade. Nos grafitos sexuais agressivos, os homens voltaram sua hostilidade contra homossexuais masculinos e as mulheres, contra prostitutas. Com o objetivo de melhor compreender os aspectos motivacionais da produção de grafitos de banheiro, realizou-se um quarto estudo que envolveu a aplicação de questionários em 83 estudantes. Os resultados foram, em geral, consistentes com os alcançados nos estudos anteriores. Uma grande porcentagem de homens, tanto no segundo grau, quanto na universidade, mencionou sexo e xingamento como tópicos preferidos pelos produtores de grafitos do sexo masculino. Mulheres, especialmente no segundo grau, afirmaram ser o amor um dos temas preferidos pelas próprias mulheres. Na universidade, no entanto, as mulheres mostraram-se menos românticas e apontaram o sexo como sendo o assunto feminino de maior interesse.

ABSTRACT

TEIXEIRA, Renata Plaza. *Musa latrinalis*: sexual differences in restroom graffiti. São Paulo, 1998. 159p. Master Thesis. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Graffiti were collected ($N = 1349$) in restrooms from “cursinhos” (secondary school courses that prepare students to get into the university) and from a university, located in São Paulo, SP, Brazil. Three studies were carried out with the data, as well as an exploratory study involving the use of questionnaires. In the first study, graffiti were classified according to 18 content categories for verbal inscriptions and four content categories for the drawings. No significant gender differences were found in terms of frequency of sexual graffiti. The second study included an analysis of the sexual terms used in the graffiti, and the third study involved an investigation of the different categories of sexual content of such inscriptions. In the second and the third studies, there was a greater frequency of anal content among graffiti produced in the male restrooms of the “cursinhos” and sexual insults among graffiti produced in the male restrooms of the university, when compared to the production of inscriptions in the female restrooms of those places. A high frequency of hostile graffiti was also found in the male graffiti produced in the “cursinhos”. Furthermore, both studies revealed a greater frequency of contents classified as “sexual compliment” produced by women than by men in the university restrooms. Aggressive sexual graffiti revealed that men directed their hostility against male homosexuals and women, against prostitutes. Aiming at the comprehension of motivational aspects involved in the production of restroom graffiti, a fourth study was carried out with the use of questionnaires that were answered by 83 students. Generally, the results were consistent with the ones observed in the other studies. A great percentage of men, in the second grade and at the university, mentioned sex and insults as the male preferred topics. Women, especially in the second grade, stated that love was one of the women’s favorite themes. At the university, women appeared to be less romantic and chose sex as the most interesting female subject.

CAPÍTULO 1

Introdução

1 INTRODUÇÃO

Grafitos de banheiro, também denominados escritas latrinárias, são inscrições encontradas em banheiros públicos, preponderantemente nas portas, mas também em outros lugares, tais como as paredes e, às vezes, o teto.

Apesar de serem considerados, por alguns, meras inscrições sem sentido, produzidas ao acaso, ou simplesmente atos de vandalismo, tais grafitos constituem, em verdade, uma importante fonte de pesquisa, que pode interessar a diversas áreas do conhecimento, tais como Linguística, Sociologia, História e Psicologia.

As escritas latrinárias, pelas condições especiais de sua produção, têm muito a contribuir para a compreensão de certos fenômenos psicológicos, bem como de aspectos sociais e culturais da humanidade. Neste interessante campo, todavia, a literatura brasileira é relativamente escassa.

1.1 Diferenças culturais

Grafitos podem ser encontrados em diversos lugares, bem como em diferentes contextos históricos. O hábito de escrever em paredes é bastante antigo, o que é atestado por inscrições deixadas nas paredes das ruínas de Pompéia (Anderson &

Verplanck, 1983; Funari, 1996; Ramos, 1994), onde romanos as produziram, em latim e em grego, também nas paredes dos banheiros de suas casas (Neto, 1992). Devido às altas temperaturas das lavas do Vesúvio, não foram encontrados livros em Pompéia (PRIAPEOS — Grafitos Amatorios Pompeyanos, 1990). Restaram, no entanto, os grafitos como importante fonte de estudo da cultura pompeiana, esse tipo de material podendo ser analisado, portanto, sob o ponto de vista cultural.

Existem poucos estudos comparativos de inscrições produzidas em paredes de banheiros em diferentes culturas, cabendo mencionar os trabalhos de Olowu (1983), Sechrest e Flores (1969), Ahmed (1981) e, mais especificamente a respeito de questões sociais, Nwoye (1993). Olowu (1983) comparou amostras de grafitos de banheiros de universidades britânicas e nigerianas. Os dois grupos de estudantes mostraram-se, em certa medida, semelhantes quanto ao modo de pensar, mas foram verificadas algumas interessantes diferenças. Olowu (1983) observou, por exemplo, que as categorias “superstição” e “animismo”, predominantes na amostra nigeriana, estavam ausentes na amostra britânica. Sechrest e Flores (1969) compararam inscrições produzidas em banheiros masculinos localizados, em sua maioria, em restaurantes e bares dos Estados Unidos e das Filipinas, tendo constatado igual probabilidade de filipinos e americanos produzirem inscrições heterossexuais. Contudo, observaram entre os filipinos, menor probabilidade de produzir inscrições homossexuais (2% x 42%). Segundo estes autores, a alta porcentagem de grafitos de conteúdo homossexual nos Estados Unidos pode ser atribuída ao elevado grau de conflito relacionado à homossexualidade existente nesse país.

Ahmed (1981) investigou diferenças culturais e de gênero em grafitos de quatro escolas canadenses de segundo grau, ligadas, duas delas, à língua francesa e as outras duas, à inglesa. Observou diferenças culturais relativas ao grau de

envolvimento com assuntos políticos por parte dessas populações, sendo que os estudantes canadenses de origem francesa fizeram maior número de inscrições de conteúdo político que de qualquer outro tipo, em proporção maior que os estudantes de origem inglesa.

Nwoye (1993) desenvolveu um estudo com grafitos coletados em prédios da Universidade de Benin, Nigéria e concluiu que os grafitos, longe de serem meros atos de vandalismo, são, em verdade, modos expressivos de articular questões sociais e políticas, adotados por grupos aos quais foram negadas outras vias de expressão pessoal. Os estudantes nigerianos correspondem a um desses grupos, articuladores de questões desse tipo, e têm sido vistos, por sucessivos governos, conforme relata o autor, como agentes de desestabilização, sofrendo uma série de restrições por parte das autoridades. Por não possuírem meios para articular livremente questões sociais e políticas, os grafitos representam, para os estudantes, uma importante via de comunicação.

1.2 Sexualidade

Grafitos de banheiro também podem ser objeto de pesquisas relativas a semelhanças e diferenças sexuais. Contudo, não existem muitos estudos abordando esse tema e tal escassez é ainda maior no Brasil. Como os grafitos são um canal pelo qual os indivíduos veiculam idéias, expressam fantasias e manifestam facetas de seu comportamento, é importante que esse material seja analisado.

Apesar de o uso diferencial de linguagem verbal por homens e mulheres ter sido extensivamente estudado (Coyne, Sherman & O'Brien, 1978; Levin & Arluke, 1985; Holmes, 1992), o uso da linguagem escrita, particularmente os grafitos, tem atraído atenção bem menor (Loewenstine, Ponticos & Paludi, 1982), sendo que

Kinsey, Pomeroy, Martin e Gebbard (1953) foram os primeiros pesquisadores a apontar a importância dos grafitos para a compreensão das diferenças de atitudes sexuais básicas. No âmbito reservado de um banheiro, onde o anonimato é assegurado, idéias podem surgir sem censura externa, de modo que os grafitos acabam por servir, freqüentemente, como um canal seguro para a expressão de impulsos sexuais.

A autonomia conferida pela situação de anonimato, no entanto, pode ser relativa: se, por um lado, não há censura externa, por outro, existem regras internalizadas que levam as pessoas a se submeter a uma censura interior. De qualquer modo, a produção de grafitos de banheiro é marcada pela espontaneidade: *“los grafitos están escritos – al menos los privados – espontáneamente, sin voluntad de permanencia, ni estilo ni sofisticaciones”*¹ (PRIAPEOS — Grafitos Amatorios Pompeyanos, 1990, p.82-83).

Pellegrini Filho (1987) realizou uma análise comunicacional de 3.920 registros de folclore escrito, dos quais 839 correspondiam a grafitos de banheiro. O material foi coletado durante 17 anos, entre 1970 e 1986, e abarcou diferentes regiões do Brasil. Para o autor, no banheiro o indivíduo rompe com certos padrões comportamentais:

“Embora abranjam uma variada gama de assuntos, os grafitos reunidos em Latrinária permitem, graças às circunstâncias oferecidas pelo local, a liberação de tensões, a nível de expressão verbal escrita (também pela expressão icônica). Livre de cabrestos sociais, o emissor se sente propenso a desrespeitar padrões de comportamento aceitos como ‘certos’ e ‘normais’. Noutras circunstâncias, o mesmo emissor

¹ “Os grafitos estão escritos – pelo menos os privados – espontaneamente, sem vontade de permanência, nem estilo, nem sofisticações” (tradução da autora).

não escreveria os textos encontrados em sanitários públicos. Ora, assim sendo, o grafito de banheiro pode ser comparado ao carnaval; se este é um tempo de transgressões da ordem estabelecida, o sanitário público é um local onde se expressam conteúdos que, da mesma forma, transgridem a ordem estabelecida ... Assuntos 'fora de cena', obscenos, são tratados com toda a liberdade..." (p.242).

Portanto, as inscrições produzidas nos banheiros podem revelar fantasias sexuais trazidas espontaneamente para o registro da escrita em um local que permite sua leitura por parte de um grande número de pessoas.

1.2.1 Diferenças socioeconômicas e sexuais

Ao estudar a influência que o nível socioeconômico exerce na produção das escritas latrinárias, Wales e Brewer (1976) verificaram que inscrições predominantemente românticas foram produzidas por estudantes do sexo feminino de segundo grau e de nível socioeconômico mais baixo, sendo que, com o aumento do nível socioeconômico, tais escritas dessas estudantes tornaram-se menos românticas.

Sechrest e Olson (1969) estudaram inscrições de paredes de banheiros masculinos em quatro tipos de instituições de ensino médio e superior nos Estados Unidos, as quais também diferiam quanto aos níveis socioeconômicos. As instituições que atraíam maior número de estudantes provenientes de estratos socioeconômicos mais altos eram as escolas profissionais (cursos universitários que formam, por exemplo, médicos, advogados, dentistas) e os cursos universitários com duração de quatro anos. Por outro lado, a maior parte dos estudantes das faculdades juniores (faculdades nos Estados Unidos e no Canadá em que os alunos estudam apenas por dois anos) e das escolas de comércio provinha de estratos

socioeconômicos mais baixos. Os autores observaram que inscrições heterossexuais eram mais freqüentes em escolas tanto de comércio quanto profissionais. Também constataram que expressões de hostilidade, direcionadas em especial, segundo os autores, contra “grupos raciais e étnicos”, foram mais freqüentes e variadas nas escolas de comércio e nas faculdades juniores do que em outras instituições, ou seja, manifestaram-se mais fortemente na população de estudantes de nível socioeconômico mais baixo.

Em um estudo com grafitos coletados em banheiros masculinos de nove prédios do *campus* da Universidade do Tennessee, em Knoxville, Anderson e Verplanck (1983) concluíram que as escritas latrinárias claramente refletem importantes questões sociais contemporâneas e que o conteúdo dos grafitos difere significativamente entre os prédios freqüentados pelas diferentes populações de estudantes. Observaram, na literatura, um declínio na produção de grafitos sexuais desde o estudo de Kinsey et al. (1953). Nesse estudo, 86% dos grafitos masculinos foram considerados eróticos ou sexuais, enquanto apenas 11,1% das inscrições que fizeram parte da amostra de grafitos masculinos coletados por Anderson e Verplanck (1983) foram classificadas dessa maneira. Citam, ainda, previsão feita por Stocker, Dutcher, Hargrove e Cook (1972) de que grafitos homossexuais praticamente desapareceriam em cinco a dez anos contados a partir de 1972. Stocker et al. (1972) analisaram inscrições coletadas em três universidades norte-americanas em um período de dois anos (em 1970 e 1971) e constataram uma diminuição na quantidade de grafitos de conteúdo homossexual no decorrer desse período. Anderson e Verplanck (1983) concordam com essa previsão de Stocker et al. (1972), afirmando que na Universidade do Tennessee, ao menos, os grafitos homossexuais pareciam estar por desaparecer, já que a porcentagem por eles encontrada de inscrições com

esse tipo de conteúdo foi pequena quando comparada com os dados estatísticos apontados por outros autores. Dezesseis por cento das inscrições envolvidas no estudo de Anderson e Verplanck (1983) foram classificadas como homossexuais, contra 75% relatados por Kinsey et al. (1953) na década de 50, 42% indicados por Secherest e Flores (1969) na década de 60 e 36% apontados por Secherest e Olson (1971) na década de 70. Anderson e Verplanck (1983) afirmam, também, que observações a respeito das preocupações e interesses imediatos de populações podem ser feitas a partir daquilo que elas escrevem nas paredes dos banheiros. Segundo eles, *“the walls not only speak, they shout”*² (Anderson e Verplanck, 1983, p.357).

1.2.2 Sexualidade adolescente

As escritas latrinárias também já foram material de estudo para a análise da personalidade do adolescente. Peretti, Carte e McClinton (1977) desenvolveram uma pesquisa com grafitos escritos por jovens, tendo estudado grafitos dos banheiros freqüentados por alunos da sétima e oitava séries de quatro escolas de primeiro grau em Chicago. As inscrições foram consideradas representativas da personalidade do adolescente, tendo sido verificadas diferenças significativas entre meninos e meninas. No início da adolescência, a maior parte dos grafitos versou sobre sexualidade. Entre os meninos, as categorias mais freqüentes foram “maturidade sexual” e “atividade sexual”, e, entre as meninas, “desejo sexual”. Portanto, o início da adolescência masculina parece tender mais para a atividade sexual enquanto a personalidade adolescente feminina parece inclinar-se mais para o desejo sexual.

Ahmed (1981), que estudou grafitos produzidos por estudantes canadenses de segundo grau, como já foi mencionado, constatou que as meninas escreveram muito

² “As paredes não só falam, mas também gritam” (tradução da autora).

mais do que os meninos, dado que difere dos resultados obtidos em estudos anteriores. Nos banheiros femininos, mais que nos masculinos, predominaram inscrições românticas, ao invés de eróticas. Não foram verificadas diferenças de gênero quanto à proporção entre a quantidade de grafitos relacionados a sexo e o número total de grafitos.

1.2.3 Sexualidade adulta

O final da década de 60 e o início dos anos 70 foram caracterizados por grandes mudanças sociais, parecendo haver ampla evidência de alteração de atitudes relativas a papéis sexuais (Mason, Czajka & Arber, 1976; Thorton & Freedman, 1979). As mulheres tentaram liberar-se dos papéis convencionais de gênero, duplos padrões morais foram questionados e elas tornaram-se sexualmente mais agressivas (Arluke, Kutakoff & Levin, 1987). Surpreendentemente, grafitos de banheiro têm revelado atitudes tradicionais de papéis sexuais e, apesar de a privacidade e o anonimato estarem garantidos nos banheiros, vários pesquisadores descobriram que os autores de grafitos frequentemente seguiram estratégias de comunicação socialmente condicionadas.

Kutakoff (1972) examinou mais de 500 grafitos de banheiros de faculdades situadas na região de Boston e observou que as mulheres produziram um número muito menor de grafitos que os homens, bem como menor número de obscenidades e de referências a masturbação, homossexualidade, relação sexual ou doença venérea. Os grafitos femininos mostraram-se mais conservadores, convencionais e subordinados aos padrões de decência da classe média.

É interessante verificar que a diferença de gênero parece ter aumentado ao longo do tempo no que se refere às inscrições produzidas em banheiros, ao invés de

ter diminuído. Arluke et al. (1987) verificaram grafitos de estudantes universitárias na área de Boston-Cambridge com menor número de referências sexuais que os de estudantes do sexo masculino. Nos anos 70, 25% dos grafitos femininos, contrastando com 35% dos grafitos masculinos, referiam-se a temas sexuais. Por sua vez, na década de 80, foi encontrada uma quantidade significativamente maior de grafitos de ordem sexual nos banheiros masculinos (46%) que nos femininos (26%). Assim sendo, na realidade, aumentou a diferença entre os sexos, já que as produções femininas não sofreram mudanças significativas, enquanto as masculinas apresentaram um número significativamente maior de grafitos com conteúdo sexual.

Giraldi, Faldini, Bachetto, Torrezan, Porto, Rocha, Oliveira e Otta (1991), bem como, novamente, Otta (1993), estudaram inscrições em paredes de banheiro em prédios de uma universidade brasileira. Assim como Kutakoff (1972), observaram que os homens produziram mais inscrições que as mulheres, porém os conteúdos sexuais estavam igualmente representados nos banheiros masculinos e femininos. Apesar de os conteúdos sexuais estarem igualmente representados nos banheiros masculinos e femininos, romantismo, problemas pessoais e moralidade prevaleceram nos femininos, sendo que comentários relativos à AIDS, ausentes em estudos prévios, foram citados a partir da década de 90.

Estudando grafitos produzidos por estudantes universitárias norte-americanas, Cole (1991) verificou que as inscrições femininas eram principalmente interpessoais, interativas, envolvendo conselhos e direcionadas a relacionamentos. Bruner e Kelso (1981), por outro lado, constataram que os grafitos masculinos mostraram-se mais pejorativos, negativos e hostis, objetivando subordinar indivíduos considerados “inferiores” segundo a raça, a orientação sexual ou o gênero. Apesar das

interessantes análises qualitativas, estes estudos podem ser criticados por serem basicamente impressionistas e anedóticos.

1.3 Contextualização da pesquisa e objetivos

A presente pesquisa foi desenvolvida em quatro etapas, que geraram quatro estudos diferentes, porém interligados.

A primeira fase ocorreu em 1992, quando fiz parte de uma equipe que realizou a coleta dos dados, sob forma de cópia de todos os grafitos produzidos em alguns “cursinhos” e em uma universidade da cidade de São Paulo (SP), Brasil, material submetido a uma análise quantitativa inicial. Nossa hipótese, então, era que as diferenças sexuais diminuiriam com a idade e o nível de escolaridade. Realmente, constatamos menor número de categorias de grafitos diferenciadoras de sexo entre os estudantes universitários que entre os alunos dos “cursinhos”. Ao contrário do que imaginávamos, não foram observadas diferenças relativas à produção de grafitos de conteúdo sexual efetuada por estudantes masculinos e femininos nos dois ambientes. Esse estudo, que se originou de um trabalho de campo desenvolvido para a disciplina “Psicologia Experimental II”, ministrada pela Profa. Dra. Emma Otta e pelo Prof. Dr. Cesar Ades no curso de graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, resultou em um artigo publicado em 1996 na revista norte-americana *Psychological Reports* (Otta, Lafraia, Hoshino, Teixeira, Vallochi e Santana, 1996) e relatado no Capítulo 2 desta dissertação de mestrado (“Levantamento geral de conteúdos em grafitos de banheiro”).

Interessadas em estudar a sexualidade humana, realizamos uma segunda análise do material, desta vez focalizando os termos sexuais empregados nos grafitos presentes nos banheiros dos “cursinhos” e da universidade. Apesar de não terem sido

verificadas, no primeiro estudo, diferenças entre a produção masculina e feminina de grafitos classificados na categoria “sexo”, supúnhamos que uma análise mais pormenorizada do conteúdo sexual dos grafitos pudesse revelar eventuais diferenças. Uma vez que objetivávamos trabalhar com vocábulos, esse segundo estudo envolveu somente os grafitos verbais. A análise dos termos sexuais dos grafitos foi realizada em 1996, em projeto de iniciação científica financiado pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), sob a orientação da Profa. Dra. Emma Otta, quando estava no último ano do curso de graduação em Psicologia no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Foram constatadas algumas diferenças entre a produção masculina e feminina de termos sexuais empregados nos grafitos analisados e os resultados obtidos são apresentados no Capítulo 3 desta dissertação (“Termos sexuais empregados por homens e mulheres”).

Com o intuito de dar continuidade ao trabalho realizado com os grafitos de conteúdo sexual no projeto de iniciação científica, desenvolvemos uma terceira análise do material. Desejávamos verificar se as diferenças apontadas pela análise dos termos sexuais isolados empregados por homens e mulheres nos grafitos presentes nos banheiros também seriam constatadas quando da análise dos grafitos sexuais considerados como unidades de resposta. Ou seja, pretendíamos verificar se haveria relação entre a parte (termo sexual empregado no grafito) e o todo (grafito como unidade de resposta). Uma vez que o segundo estudo, devido ao interesse pelos vocábulos sexuais, havia sido realizado somente com inscrições verbais e já que pretendíamos cotejar seus resultados com os alcançados neste terceiro estudo – que envolveu a análise dos grafitos sexuais considerados em sua unidade – trabalhamos, mais uma vez, apenas com as inscrições verbais.

O correspondente estudo teve início em 1997 e foi a base do projeto de pesquisa desenvolvido no curso de pós-graduação em Psicologia, sob a orientação da Profa. Dra. Emma Otta, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, que contou com o apoio financeiro da CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Mais uma vez foram verificadas diferenças na produção de grafitos sexuais por homens e mulheres, e a correspondente análise de resultados foi apresentada no “II *Congreso Iberoamericano de Psicología*”, realizado na *Universidad Complutense de Madrid* (UCM), em Madri, Espanha, em 16/07/1998, sob o título “Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero”, tendo sido publicada no CD-ROM dos anais daquele congresso, análise essa que está descrita no Capítulo 4 desta dissertação (“Conteúdos sexuais produzidos por homens e mulheres”).

O Capítulo 5 deste trabalho, sob o título “O que pensam os estudantes sobre os grafitos de banheiro?”, partiu do interesse em compreender melhor os produtores de grafitos. O estudo das inscrições em portas e paredes de banheiros públicos é muito interessante por ter como objeto de pesquisa um material humano produzido em condições muito especiais, entre as quais se destaca o anonimato. Assim, dentro das cabines dos banheiros públicos, protegidas pelo anonimato, as pessoas podem dar maior vazão a fantasias, pensamentos, sentimentos. No entanto, esse tipo de material apresenta uma dificuldade intrínseca, qual seja, a de, em verdade, desconhecermos os reais produtores das inscrições ali realizadas. Movidas pelo desejo de tentar desvendar um pouco mais a respeito dos autores dos grafitos e seguindo sugestões oferecidas pela banca examinadora do exame de qualificação para o mestrado – realizado em 19 de setembro de 1998 e da qual participaram os Profs. Drs. Cesar Ades e Américo Pellegrini Filho, bem como a Profa. Dra. Emma Otta – aplicamos

questionários em estudantes de uma escola de segundo grau e em universitários, a fim de conhecer o que pensam adolescentes e jovens adultos a respeito deste tema.

Finalmente, no Capítulo 6, “Conclusões”, buscamos relacionar os resultados alcançados nos estudos realizados com o material e com a aplicação dos questionários. Também desenvolvemos algumas idéias gerais a respeito dos grafitos e de temas a eles relacionados, realizando, ainda, reflexões acerca do saber científico. Por fim, apresentamos sugestões para futuras pesquisas com grafitos de banheiro.

CAPÍTULO 2

Diferenças sexuais em grafitos de banheiro

2 LEVANTAMENTO GERAL DE CONTEÚDOS EM GRAFITOS DE BANHEIRO

2.1 Introdução

Os dados analisados neste primeiro estudo e nos outros dois que se seguiram foram coletados em 1992. Essa primeira análise envolveu todo o *corpus* e gerou um artigo que foi publicado na revista *Psychological Reports* em 1996 (Otta et al., 1996), cujos resultados deram origem às pesquisas posteriores, relatadas nos próximos capítulos.

Compararam-se grafitos produzidos em banheiros de “cursinhos” e de uma universidade, localizados na cidade de São Paulo (SP), Brasil. Nossa hipótese era que haveria menor número de categorias diferenciadoras de gênero na população de estudantes universitários, por possuírem maior grau de escolaridade e, em geral, mais idade.

2.2 Método

2.2.1 Material amostrado

Vinte e oito banheiros masculinos e 28 banheiros femininos foram pesquisados na área metropolitana de São Paulo, metade deles localizados em três “cursinhos” (cursos preparatórios para o “exame vestibular”, ao qual os estudantes devem se submeter para ingressar na universidade), a outra metade em seis prédios do *campus* principal da universidade (Economia e Administração, Ciências Sociais, Matemática, Biociências, Educação e Arquitetura). Em cada prédio, foram examinados os banheiros localizados acima do andar térreo como forma de minimizar o uso por parte de visitantes, excluindo-se os banheiros de empregados e funcionários³. Foram sempre amostrados um banheiro masculino e um feminino localizados próximos um do outro. Os dados foram coletados durante um período de três meses (setembro a novembro) em 1992. Uma vez que os banheiros não são pintados com frequência, e que serviços diários de faxina não costumam incluir as paredes, foi possível coletar um grande número de inscrições.

Quanto aos estudantes de “cursinho”, eles pertencem, em sua maior parte, à classe média de São Paulo e, geralmente residem na cidade de São Paulo. Embora alguns deles sejam procedentes de cidades do interior do Estado de São Paulo ou mesmo de outros Estados, e até, inclusive, de outros países, todos têm um objetivo em comum, o de ingressar na universidade e, para tanto, contam com renda suficiente a fim de arcar com as mensalidades dos “cursinhos” e os futuros gastos quando do ingresso no curso superior.

³ Em verdade, desconhecemos as características dos reais produtores dos grafitos (Sechrest & Olson, 1971), dificuldade esta enfrentada quando se estuda esse tipo de material. No entanto, relativamente aos grafitos analisados neste trabalho, podemos supor que, em sua maioria, tenham sido produzidos por estudantes de “cursinho” e universitários, embora não haja certeza de que tenham sido escritos exclusivamente por eles, pois também existe a possibilidade de alguns terem sido produzidos por professores, faxineiros, outros funcionários ou visitantes.

Na universidade, a população estudantil é igualmente constituída por indivíduos que, em geral, pertencem à classe média e contam com um respaldo econômico familiar que lhes facilita o ingresso no curso superior, sendo que boa parte dos estudantes fez “cursinho” e completou o segundo grau em escolas particulares. Alguns dos estudantes também são procedentes de outras cidades do Estado de São Paulo, de outros Estados ou até mesmo de outros países. Todos, porém, têm um objetivo em comum: obter um diploma de curso superior.

2.2.2 Procedimento

Cada grafito foi copiado, a fim de evitar interpretação preconceituosa, e classificado como inscrição verbal ou desenho. Foi também efetuada documentação fotográfica de grafitos produzidos em banheiros masculinos e femininos dos “cursinhos” e da universidade. As inscrições verbais foram subseqüentemente classificadas em uma de 18 categorias, que incluíram os seguintes temas: presença, esporte, religião, preconceito, insulto, política, romantismo, sexo, drogas, música, crítica ao grafito, escatologia, humor, filosofia, gramática, escola, higiene e outros. Os desenhos foram classificados em uma de quatro categorias: romantismo, sexo, símbolos e outros. As categorias eram mutuamente excludentes, para que todos os grafitos fossem classificados em apenas uma categoria, conforme o conteúdo predominante. Seguem, abaixo, alguns exemplos de grafitos e de sua classificação:

“Rodrigo” (presença);

“Inconsciente coletivo é pegar ônibus errado” (humor);

“93 está chegando. Vote parlamentarismo e república” (política);

“O nada havendo partido, resta o castelo da pureza” (filosofia);

“Sexo todo dia faz bem ao coração” (sexo).

A Figura 2.1 apresenta registro fotográfico de grafito produzido em banheiro masculino universitário. Nele, há um comentário a respeito do próprio ambiente em que esse tipo de produção é realizada.

Luis Augusto Barbosa

Figura 2.1 – Registro fotográfico de grafito produzido em banheiro masculino universitário.

Foram usados os mesmos critérios de Sechrest e Flores (1969) e Wales e Brewer (1976) para determinar a unidade de resposta. Consideramos uma unidade qualquer produção realizada pelo que as evidências indicavam ser um indivíduo em uma determinada ocasião. As principais pistas usadas para a identificação de uma unidade de resposta foram os tipos de escrita, os tipos de ferramentas de escrita, a cor, a proximidade e a consistência temática. Uma única palavra foi considerada uma unidade, bem como uma lista de membros de uma gangue, sendo que inscrições que

eram respostas ou comentários a respeito de outras inscrições foram consideradas como distintas unidades de resposta. Cada unidade de resposta foi classificada em somente uma categoria de conteúdo⁴. A determinação de categorias excludentes foi necessária a fim de que os dados pudessem ser analisados através da técnica estatística do qui-quadrado, com o objetivo de serem verificadas as categorias que diferenciavam significativamente as inscrições produzidas nos “cursinhos” e na universidade, bem como as realizadas por homens e por mulheres nos dois ambientes⁵.

Os grafitos foram classificados em categorias de conteúdo por três avaliadores. Para aferir o grau de fidedignidade, 20% dos dados, escolhidos ao acaso, foram julgados pelos avaliadores, tendo ele sido calculado dividindo-se o número de classificações em que os juízes concordaram pelo total de inscrições classificadas. O grau de fidedignidade entre os juízes foi de 0,93 para as inscrições verbais e 0,95 para os desenhos.

2.3 Resultados

Do total de grafitos coletados (1.349), 63% correspondiam aos “cursinhos” e 37%, à universidade. Considerando-se cada grafito como uma resposta binária, ou seja, inscrição verbal ou desenho, a análise pelo método de Grizzle, Starmer e Koch (1969) mostrou que o número de inscrições verbais ultrapassou o de desenhos em

⁴ O processo de classificação dos grafitos em uma única categoria apresentou, contudo, algumas dificuldades para os juízes. Frequentemente, grafitos classificados em uma determinada categoria também faziam referência a outros conteúdos. Inferia-se qual teria sido a principal motivação dos autores dos grafitos, uma vez que desconhecíamos sua verdadeira intenção.

⁵ Assim como Wales e Brewer (1976), efetuamos a análise dos dados através do qui-quadrado. Todos os valores de p foram corrigidos pelo método de comparações múltiplas de Bonferroni. Contudo, concordamos com Wales e Brewer (1976) e Sechrest e Flores (1969) que uma interpretação rigorosa do qui-quadrado requer total independência de eventos, o que significaria pressupor que cada inscrição não fosse influenciada por uma anterior, fato, a rigor, pouco provável no que se refere a grafitos. No entanto, quando as diferenças apresentadas são extremamente grandes, como se verificou na presente pesquisa, a magnitude das observações sobrepuja-se à fraqueza de rigor estatístico (Ahmed, 1981).

ambos os locais e para ambos os sexos (sexo masculino: 89% de inscrições verbais x 11% de desenhos; sexo feminino: 93% de inscrições verbais x 7% de desenhos) sendo que os homens produziram mais desenhos que as mulheres.

A Tabela 2.1 apresenta as quantidades e porcentagens de temas de grafitos de acordo com os locais estudados. Foram relatadas apenas as categorias cujas frequências eram maiores que 7,5% em uma das amostras, as categorias de menor frequência tendo sido agrupadas em “outros”. Testes de qui-quadrado foram realizados para comparação de cada uma das categorias com todas as demais agrupadas, dispostas em uma tabela de contingência 2 x 2.

Tabela 2.1 Resumo dos temas por ambiente, “cursinho” e universidade, bem como valores de qui-quadrado

Temas	“Cursinho”		Universidade		χ^2
	n	%	n	%	
Inscrições verbais					
Esporte	176	23	3	1	112,22***
Insulto	103	13	42	9	4,56
Política	22	3	63	14	53,97***
Presença	86	11	16	4	21,68***
Escola	75	10	44	10	0,00
Romantismo	78	10	29	6	4,93
Sexo	58	7	142	31	118,49***
Outros	175	23	115	25	1,49
Total	773		454		
Desenhos					
Romantismo	13	17	2	4	4,32
Símbolos	23	30	5	11	6,09*
Sexo	23	30	27	59	9,58*
Outros	17	22	12	26	0,22
Total	76		46		

* $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$.

Foram encontradas diferenças significativas entre as inscrições produzidas pelos estudantes de “cursinho” e pelos universitários. Entre as inscrições verbais, “esporte” e “presença” predominaram nos “cursinhos”, enquanto temas sexuais e políticos prevaleceram no *campus*. Entre os desenhos, “símbolos”, especialmente os de times de futebol, predominaram nos “cursinhos”, enquanto “sexo” predominou na universidade.

Quando os dados foram analisados em função do sexo, algumas diferenças foram constatadas. A Tabela 2.2 apresenta as quantidades e porcentagens de temas por sexo e ambiente.

Tabela 2.2 Temas por sexo e ambiente, “cursinho” e universidade, bem como valores de qui-quadrado

Temas	“Cursinho”				χ^2	Universidade				χ^2
	Homens		Mulheres			Homens		Mulheres		
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%		<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
Inscrições verbais										
Esporte	173	39	3	1	152,19***	3	1	0	0	3,33
Insultos	69	15	34	10	3,98	28	13	14	6	6,76*
Política	19	4	3	1	7,50*	39	18	24	10	6,02
Presença	32	7	54	17	17,09***	7	3	9	4	1,17
Escola	28	6	47	14	14,50***	19	9	25	10	0,38
Romantismo	1	0	77	24	114,35***	0	0	29	12	28,12***
Sexo	28	6	30	9	2,41	62	29	80	34	1,27
Outros	98	22	77	24	0,36	58	27	57	24	0,50
Total	448		325			216		238		
Desenhos										
Romantismo	0	0	13	54	33,98***	1	4	1	6	0,10
Símbolos	22	42	1	4	11,32*	5	18	0	0	3,61
Sexo	17	33	6	25	0,46	13	46	14	78	4,44
Outros	13	25	4	17	0,66	9	32	3	17	1,36
Total	52		24			28		18		

* $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$.

De maneira geral, incluindo-se grafitos verbais e desenhos, observou-se que estudantes de “cursinho” do sexo masculino produziram maior quantidade de

inscrições que os do sexo feminino (59% x 41%; $\chi^2 (N=849) = 26,86$, $gl=1$, $p<0,001$). Já na universidade, as quantidades de grafitos produzidos por homens e por mulheres foram equivalentes (49% x 51%; $\chi^2 (N=500) = 0,29$, $gl=1$, $p>0,05$).

Entre as inscrições verbais coletadas nos “cursinhos”, prevaleciam, nos banheiros femininos, “romantismo”, “presença” e “escola”, enquanto “esporte” e “política” predominavam nos masculinos. Adiante, apresentamos alguns exemplos destas categorias diferenciadoras de gênero nos “cursinhos”:

“Te amo mais que a mim mesma” (Romantismo – WC Feminino).

“Dri, você demorou a chegar, mas chegou. E me trouxe de novo a vontade de ter alguém pra pensar. Te amo.” (Romantismo – WC Feminino).

“Dani 92” (Presença – WC Feminino).

“Ranulfo” (Presença – WC Masculino).

“Eu quero o prof. Ricardo” (Escola – WC Feminino).

“Em Exatas só tem viado” (Escola – WC Masculino).

“Mancha Verde manda aqui” (Esporte – WC Masculino).

“Pelé parou, o Santos acabou” (Esporte – WC Masculino).

“Viva Mussolini” (Política – WC Masculino).

“Quércia 1994” (Política – WC Masculino).

Quanto às inscrições verbais coletadas no *campus*, foi observada uma quantidade significativamente maior de grafitos de conteúdo romântico nos banheiros femininos do que nos masculinos. Nestes, por outro lado, havia maior quantidade de grafitos classificados na categoria “insulto”. Os exemplos a seguir, retirados de banheiros universitários masculinos e femininos, são ilustrativos:

“Alessandra e Alexandre” (Romantismo – WC Feminino).

“Garoto, queria gritar pra todo mundo que te amo e que sempre te amarei... Tua!” (Romantismo – WC Feminino).

“A Sociais só serve pra cagar!!! Seus viados” (Insulto – WC Masculino).

“Faculdade de viados. Só tem bicha e petista nessa merda. Se tiver algum macho que se apresente. Viados!” (Insulto – WC Masculino).

No que se refere aos desenhos, as estudantes produziram quantidade significativamente maior de grafitos classificados na categoria “romantismo” do que seus colegas do sexo masculino, que preferiram fazer símbolos, especialmente de times de futebol. Na universidade, não foram observadas diferenças significativas quanto aos desenhos.

Curiosamente, não foram encontradas diferenças significativas relativamente à quantidade de grafitos de conteúdo sexual produzidos por homens e mulheres, tanto nos “cursinhos” quanto na universidade.

2.4 Discussão

Foram observadas, nesta pesquisa, interessantes diferenças sexuais e de conteúdo na produção de grafitos, de acordo com o local dessa produção. Estudantes de “cursinho” produziram quantidade maior de grafitos que os universitários (849 x 500). Durante a coleta de dados, foi interessante observar que estudantes de “cursinho” do sexo masculino não só escreviam nas portas e paredes das cabines dos banheiros, mas também no teto, parte de difícil acesso. Também escreviam em materiais habitualmente resistentes à impressão feita por canetas, tais como azulejos. Isso aparentemente indicou alta motivação por parte desses alunos.

Estudantes de “cursinho” do sexo masculino, que se esforçaram mais para produzir os grafitos, também realizaram maior quantidade de inscrições que os do sexo feminino relativamente ao total de grafitos (37% x 26%) e essa diferença foi significativa ($\chi^2 (N = 1349) = 12,55, gl = 1, p > 0,001$). No entanto, homens e mulheres produziram quantidade relativamente igual de grafitos na universidade (19% x 18%).

Vários autores relataram que os homens produzem maior quantidade de grafitos que as mulheres (Barbosa, 1985; Kinsey et al., 1953; Landy & Steele, 1967; Rudin & Harless, 1970). Kinsey et al. (1953) associaram essa maior produção de grafitos entre homens a um interesse masculino mais acentuado por materiais sexualmente estimulantes. Ainda de acordo com esses autores, as mulheres escrevem menos por estarem mais preocupadas com códigos morais e convenções sociais. Em nosso estudo, a diferença entre os sexos quanto à quantidade de inscrições produzidas foi grande nos “cursinhos”, mas praticamente inexistente na universidade. É importante frisar que esses dados devem ser considerados como sugestivos e não conclusivos, uma vez que não conhecemos os reais números de pessoas que freqüentaram os banheiros masculinos e femininos. Podemos apenas inferir, a partir das correspondentes matrículas, que esses números sejam semelhantes.

Nos “cursinhos”, os estudantes do sexo masculino estavam basicamente interessados por esporte, produzindo quantidade extremamente maior de grafitos com esse tipo de conteúdo que as estudantes (39% x 1%). Surpreendentemente, o interesse por sexo, tanto por parte dos homens (6%) quanto por parte das mulheres (9%), foi bastante baixo. Em verdade, o tema sexo interessou menos ainda a eles que a elas, sendo que os estudantes de “cursinho” do sexo masculino preferiram escrever sobre seus times de futebol.

A Figura 2.2 apresenta registro fotográfico de grafitos produzidos em banheiro masculino de “cursinho”. Pode-se notar a grande quantidade de referências a torcidas organizadas de times de futebol, bem como a existência de rivalidade entre elas, rivalidade essa que fica evidente pelo uso de termos agressivos e freqüentes rabiscos efetuados sobre os nomes de times e torcidas.

Flávia Garrafa Borges e Fabiana Follador e Ambrosio

Figura 2.2 – Registro fotográfico de grafitos produzidos em banheiro masculino de “cursinho”.

A categoria “esporte”, tão freqüente nos “cursinhos”, estava praticamente ausente na universidade, em cujo ambiente, homens e mulheres mostraram-se mais interessados por sexo (29% x 34%) que por esporte (1% x 0%). O tema sexo, em verdade, correspondeu à categoria mais freqüente para produtores de grafitos de ambos os sexos. Também na universidade, as mulheres produziram quantidade maior de grafitos sexuais, apesar de a diferença não ter sido estatisticamente significativa.

Uma categoria observada com bastante freqüência nos banheiros femininos dos dois ambientes foi “romantismo”, sendo que as mulheres mostraram-se muito românticas nos grafitos, especialmente as estudantes de “cursinhos”. Observamos que esse romantismo continuou na universidade, porém um pouco atenuado com relação às inscrições verbais (24% x 12%) e bastante abrandado relativamente aos desenhos (54% x 6%).

Diversos autores têm utilizado grafitos de banheiro para investigar a sexualidade humana, procurando informações a respeito de desejos reprimidos e de diferenças sexuais. Kinsey et al. (1953) observaram que uma quantidade muito grande de grafitos em banheiros masculinos era de conteúdo sexual (86%), bem maior que a produzida em banheiros femininos (25%). As mulheres, ao contrário dos homens, preferiram escrever sobre o amor. Barbosa (1985), Wales e Brewer (1976), Giraldi et al. (1991) e Otta (1993) também relataram maior freqüência de grafitos românticos nos banheiros femininos. Kinsey et al. (1953) acreditam que as mulheres não sejam eroticamente excitadas pelos estímulos psicológicos que são significativos para os homens. De acordo com alguns investigadores, enquanto os homens parecem dar maior valor para a relação física erótica, as mulheres importam-se mais com a relação emocional (Kinsey et al., 1953; Mellen, 1981; Sprecher & Sedikides, 1993).

Em nosso estudo, as mulheres mostraram-se realmente mais românticas que os homens tanto nos “cursinhos” quanto na universidade. Por outro lado, homens e mulheres demonstraram igual interesse pela categoria sexo nos dois ambientes estudados, sendo grande esse interesse na universidade e bastante pequeno nos “cursinhos”.

A alta freqüência de grafitos sexuais nos banheiros femininos da universidade, observada neste estudo, comparável à constatada nos banheiros

masculinos, contraria resultados previamente relatados (Kinsey et al., 1953; Kutakoff, 1972; Arluke et al., 1987), segundo os quais as mulheres escrevem pouco sobre sexo, pois, na universidade, a categoria sexo tornou-se um tema central igualmente importante para homens e mulheres. Na Figura 2.3, apresentamos registro fotográfico de grafito produzido em banheiro universitário feminino. Percebe-se o teor explicitamente sexual da inscrição.

Renata Plaza Teixeira

Figura 2.3 – Registro fotográfico de grafito produzido em banheiro feminino universitário.

A ausência de diferença entre homens e mulheres quanto à produção de grafitos de conteúdo sexual foi constatada previamente por Otta (1993), o que, todavia, não foi verificado por outros autores (Kutakoff, 1972; Arluke et al., 1987). Wales e Brewer (1976), por outro lado, pesquisando grafitos produzidos por

estudantes de segundo grau, descobriram que seu conteúdo tornou-se menos romântico e mais erótico com o aumento do nível socioeconômico. Em níveis socioeconômicos mais altos, essas categorias de conteúdo tornaram-se equivalentes nos banheiros femininos.

Os resultados encontrados no presente estudo aparentemente contradizem os obtidos por Kinsey et al. (1953) e a análise de Mellen (1981), por revelarem que um alto grau de romantismo pode coexistir com um elevado interesse pelo sexo por parte das mulheres. Talvez a diversidade de expressão da sexualidade observada entre homens e mulheres deva-se mais a fatores sociais condicionantes dos métodos de expressão que a diferenças básicas (Wales e Brewer, 1976).

De maneira geral, um número maior de categorias distinguiu significativamente homens de mulheres mais nos “cursinhos” que na universidade (7 x 2). Além de produzir mais grafitos românticos que os homens, as estudantes de “cursinho” também efetuaram maior quantidade de grafitos classificados nas categorias “escola” e “presença”, principalmente muita fofoca relacionada com seu ambiente de estudo, bem como um grande número de nomes nas portas e paredes dos banheiros. Os homens estudantes de “cursinho” interessaram-se principalmente por esporte, mas também revelaram interesse por política, tendo apresentado uma produção significativamente maior de grafitos classificados nessa categoria de conteúdo que as mulheres.

Na universidade, estudantes do sexo masculino produziram quantidade significativamente maior de insultos que as mulheres. As estudantes universitárias, por outro lado, fizeram maior quantidade de inscrições românticas. Homens e mulheres, portanto, apresentaram maior número de categorias diferenciadoras de gênero nos “cursinhos” (homens: 2; mulheres: 3) que na universidade (homens: 1;

mulheres: 1). Assim como Wales e Brewer (1976) observaram uma diminuição da diferença de gênero com o aumento do nível socioeconômico, verificamos, no presente estudo, uma diminuição desse tipo de diferença com o aumento do grau de escolaridade.

CAPÍTULO 3

**Termos sexuais empregados por
homens e mulheres**

3 TERMOS SEXUAIS EMPREGADOS POR HOMENS E MULHERES

3.1 Introdução

Este estudo teve por objetivo promover uma análise de conteúdo dos grafitos sexuais produzidos nos banheiros públicos masculinos e femininos dos “cursinhos” e da universidade, por meio dos termos sexuais neles utilizados.

Foi efetuado um levantamento dos termos empregados nas inscrições cujo conteúdo era sexual e realizada uma análise quantitativa e qualitativa desse material. Baseamos nossa análise em Barbosa (1982), que efetuou levantamento de vocábulos de teor sexual contidos em 1.008 inscrições coletadas em diversas regiões do Brasil no início da década de 80. Assim sendo, uma vez que desejávamos trabalhar apenas com termos sexuais, foram incluídas na análise somente as inscrições verbais. Apesar de não terem sido identificadas, no primeiro estudo, diferenças de gênero na categoria sexo considerada amplamente, supúnhamos que uma análise mais pormenorizada do material pudesse revelar diferenças.

3.2 Método

3.2.1 Material amostrado

O material utilizado neste estudo foi o mesmo do primeiro estudo.

3.2.2 Procedimento

Foi efetuado um levantamento dos termos ligados à sexualidade em todos os grafitos (Anexos A-D), com a análise, inclusive, daqueles que, anteriormente, não haviam sido categorizados como sexuais. Foram incluídos, *ipsis verbis*, todos os vocábulos que diziam respeito à sexualidade, justamente por ser essa a temática de interesse principal.

A análise, assim sendo, envolveu todo termo que fizesse referência explícita a sexo, órgãos genitais ou regiões eróticas do corpo. Como a região anal também é uma zona de excitação sexual (Bruner & Kelso, 1981), os grafitos relacionados ao ânus e à defecação foram também incluídos no estudo. Na categoria “ânus”, incluíram-se termos cujo conteúdo possuía caráter explicitamente anal ou, correspondentemente, mais amplo (“cu”, “bunda”), enquanto na categoria “defecação”, classificaram-se termos de conteúdo escatológico (por exemplo, “cagar”, “merda”).

Foram encontrados, entre as inscrições femininas, muitos grafitos de conteúdo romântico, do tipo “Perrone, te amo”. Apesar da relação que pode haver entre amor e sexo, a categoria “romantismo” não foi incluída na presente análise devido ao fato de, na maioria das vezes em que a palavra “amor” apareceu nos grafitos, não ser possível verificar a existência de ligação explícita entre esse termo e sexo, critério empregado para o levantamento dos termos de conteúdo sexual.

Contudo, vale a pena mencionar que o vocábulo “amor” foi incluído em nossa pesquisa quando aparecia na expressão “fazer amor”, bem como a palavra “amar”, quando tinha também esse sentido, sendo esses termos classificados na categoria “relação sexual”. A expressão “fazer amor” foi empregada pelas mulheres uma vez nos “cursinhos” (“Amo sua voz e sua cor/E seu jeito de fazer amor/Revirando os olhos e o tapete/Suspirando em falsetes coisas que eu nem sei contar”) e duas vezes na universidade (“... Fazer amor no salão caramelo ...” e “Nada é mais gostoso do que fazer amor com quem a gente ama...”), mas simplesmente inexistiu nos banheiros masculinos dos dois ambientes. O termo “amar”, com o sentido de “fazer amor”, esteve presente duas vezes nos grafitos femininos universitários (“...Vontade de te amar ali, prá todo mundo saber, prá todo mundo entender que você é meu...” e “É isso aí caloura! “Amar uma mulher é demais!...”, em resposta a um grafito propondo contato sexual homossexual). A palavra “amor” apareceu somente em um grafito produzido num banheiro universitário masculino, mas em conteúdo de inscrição nada romântico: “O amor é como uma rosa preta, começa na boca e acaba na buceta”. Nos “cursinhos”, somente um grafito produzido em banheiro masculino foi classificado na categoria “romantismo”: “Adriana eu te amo, LAM”.

No primeiro estudo, os grafitos foram categorizados de acordo com o seu tom predominante. Exemplificando, a inscrição “Vai tomar no cú seu filho da puta” foi, naquele momento, inserida na categoria “insulto”, por ser este o conteúdo prevaiente. Neste estudo, os vocábulos “tomar”, “cú” e “filho da puta” foram classificados nas categorias “relação sexual”, “ânus” e “xingamento”, respectivamente, conforme o tema ao qual o termo se referia. Cada tema reunia uma série de vocábulos sinônimos.

3.3 Resultados

A Tabela 3.1 mostra as freqüências absolutas e relativas de termos ligados à sexualidade empregados por homens e mulheres estudantes de “cursinho” e universitários. Dados mais detalhados são apresentados nos Anexos A-D, que contêm as distribuições dos termos relacionados à sexualidade empregados em grafitos e respostas a grafitos de banheiros masculinos e femininos de “cursinhos” (Anexos A e B) e da universidade (Anexos C e D).

Todos os termos relacionados a um mesmo tema foram agrupados em uma determinada categoria. Foram levantadas 13 categorias de termos, correspondentes, cada uma, a um tema: genitais masculinos, genitais femininos, ânus, defecação, xingamento sexual, elogio sexual, erotismo, relação sexual, seios, impotência, masturbação, AIDS e outros.

Tabela 3.1 Termos ligados à sexualidade produzidos por homens e mulheres no “cursinho” e na universidade, bem como valores de qui-quadrado e de probabilidade associados

Termos	“Cursinho”				χ^2	Universidade				χ^2
	Homens		Mulheres			Homens		Mulheres		
	n	%	n	%		n	%	n	%	
Genitais masculinos	13	9	9	14	0,70	38	19	13	7	11,23***
Genitais femininos	8	5	0	0	2,36	13	7	29	16	7,26**
Ânus	36	24	3	4	10,69***	22	11	11	6	2,61
Defecação	11	7	1	1	2,01	10	5	0	0	7,70
Xingamento sexual	34	23	20	30	0,94	44	23	17	9	11,18***
Elogio sexual	4	3	10	15	9,62**	2	1	17	9	11,92***
Erotismo	1	0,5	1	1	0,35	0	0	9	5	7,87**
Relação sexual	38	26	18	27	0,01	56	29	70	38	3,59
Seios	0	0	0	0	--	1	0,5	4	2	1
Impotência	0	0	0	0	--	1	0,5	0	0	1
Masturbação	0	0	0	0	--	4	2	4	2	0,01
AIDS	1	0,5	0	0	0,45	2	1	0	0	0,44
Outros	2	1	4	0,5	0,03	2	1	8	4	2,94
Total	148		66			195		182		

* $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$.

A quantidade de termos ligados à sexualidade escritos nos banheiros femininos de “cursinhos” (N=66) foi bem menor que nos banheiros universitários femininos (N=182). Os homens, por outro lado, produziram, nos “cursinhos” (N=148), quantidade de termos ligados à sexualidade menos díspar da observada na universidade (N=195), apesar de sua produção ter sido também menor nos “cursinhos”. Observou-se, portanto, mudança marcante no que se refere ao comportamento feminino de escrever a respeito de sexo em portas de banheiros de “cursinhos” e da universidade, sugerindo que elas parecem liberar-se mais quando passam do segundo para o terceiro grau, no que se refere aos termos sexuais empregados.

No primeiro estudo realizado com o material (Capítulo 2), em que todos os grafitos foram analisados, também foi observada essa tendência, por parte das mulheres, de escrever mais sobre sexo na universidade que nos “cursinhos” (34% x 9%). Essa mesma tendência foi verificada nos banheiros masculinos (29% na universidade x 6% nos “cursinhos”). Assim sendo, esse primeiro estudo revelou que tanto a sexualidade dos homens quanto a das mulheres pareceu acentuar-se na universidade.

A análise dos termos sexuais realizada neste estudo, por outro lado, revelou que, enquanto as mulheres escreveram quantidade de vocábulos ligados à sexualidade quase três vezes maior na universidade que nos “cursinhos” (182 x 66), essa quantidade nos banheiros masculinos da universidade foi cerca de apenas um terço maior que a produzida nos “cursinhos” (195 x 148). Portanto, neste segundo estudo, os homens revelaram grau acentuado de sexualização já nos “cursinhos”, ambiente em que as mulheres mostraram-se menos sexualizadas. Mudança mais

acentuada relativamente à produção de termos sexuais ocorreu, assim sendo, especialmente com relação às mulheres ao passarem do segundo para o terceiro grau.

Não foram encontradas, nos grafitos produzidos nos “cursinhos”, diferenças significativas quanto ao emprego, por homens e mulheres, de termos relativos aos órgãos genitais masculinos (9% x 14%; χ^2 (N=214) = 0,70, $p > 0,05$) e femininos (5% x 0; χ^2 (N=214) = 2,36, $p > 0,05$). Cabe ressaltar que não observamos casos de estudantes de “cursinho” que tenham escrito qualquer termo para se referir aos órgãos genitais femininos. Também é interessante verificar que as mulheres de “cursinho” escreveram um pouco mais do que os homens sobre pênis, apesar de tal diferença não ter sido significativa.

Ao contrário do que ocorreu nos “cursinhos”, foram observadas diferenças significativas em função de sexo quanto à utilização, por estudantes universitários, de termos referentes aos órgãos genitais masculinos e femininos. Os homens utilizaram proporcionalmente mais termos referentes aos órgãos genitais masculinos que as mulheres (19% x 7%; χ^2 (N=377) = 11,23, $p < 0,001$). As mulheres utilizaram mais termos referentes aos órgãos genitais femininos que os homens (16% x 7%; χ^2 (N=377) = 7,26, $p < 0,01$).

A Tabela 3.2 mostra a quantidade de termos diferentes usados pelos estudantes para se referir aos órgãos genitais. Calculou-se, para cada tema, a razão entre a quantidade de termos diferentes e o número total de termos usados. Quanto mais perto de um, mais termos diferentes foram empregados para se referir ao tema. Quanto mais perto de zero, menos termos foram utilizados.

A variedade de termos empregados por homens e mulheres estudantes de “cursinho” para fazer referência ao pênis foi bastante semelhante (0,54 x 0,55). Como é possível observar no Anexo A, “pau” foi o termo mais utilizado por alunos

de “cursinho” para aludir ao pênis. Já as alunas de “cursinho” utilizaram predominantemente a palavra “cacetão”, conforme a distribuição de termos encontrada no Anexo B. Quanto aos genitais femininos, os homens apresentaram certa variedade de termos a eles alusivos (“aranha”, “buça”, “buceta”) e a palavra mais utilizada foi “buceta” (Anexo A), sendo importante lembrar que as mulheres não utilizaram qualquer termo para fazer referência aos genitais femininos.

Tabela 3.2 Quantidade de termos diferentes usados para se referir aos temas mais freqüentes, bem como proporção entre número de termos empregados para cada tema (N) e número total de termos (T)

Temas	“Cursinho”						Universidade					
	Homens			Mulheres			Homens			Mulheres		
	N	T	N/T	N	T	N/T	N	T	N/T	N	T	N/T
Genitais masculinos	7	13	0,54	5	9	0,55	17	38	0,45	5	13	0,38
Genitais femininos	3	8	0,37	0	0	--	6	13	0,46	7	29	0,24

Como é possível verificar nos Anexos C e D, “pau” foi o termo mais utilizado por estudantes universitários do sexo masculino e do sexo feminino para designar o pênis, mas os homens foram um pouco mais criativos, pois enquanto as mulheres fizeram uso de termos mais tradicionais, os homens empregaram um repertório mais amplo de palavras (“caralho”, “pica”, “cacete”, “dita-dura”, “pistola”, “piroca”).

Nos “cursinhos”, não foram encontradas diferenças significativas entre a produção masculina e feminina de termos relativos à defecação (7,5% x 1,5%; χ^2 (N=214) = 2,01, $p>0,05$). Por outro lado, os homens escreveram mais sobre ânus que as mulheres (24% x 4,5%; χ^2 (N=214) = 10,69, $p<0,001$), tal diferença sendo

considerada significativa. O agrupamento de termos relativos à defecação e ao ânus empregados por homens estudantes de “cursinho” também revela uma diferença significativa entre os sexos quanto à temática da analidade (32% x 6%; χ^2 (N=214) = 15,22, $p < 0,001$).

Já na universidade, houve uma diferença sexual significativa relativa à utilização de termos ligados à defecação, tendo sido a produção masculina maior que a feminina (5% x 0; χ^2 (N=377) = 7,70, $p < 0,01$). Apesar de os homens terem se referido um pouco mais ao ânus que as mulheres, aqui não se observou diferença estatisticamente significativa (11% x 6%; χ^2 (N=377) = 2,61, $p > 0,05$). Ao agruparmos os termos que fazem referência ao ânus e à defecação, percebemos uma diferença relevante entre homens e mulheres universitários (16% x 6%; χ^2 (N=377) = 9,01, $p < 0,01$).

Já no que se refere a xingamentos e elogios sexuais, foram observados alguns dados muito interessantes. Por exemplo, nos “cursinhos”, as mulheres produziram maior número que os homens de termos que envolviam elogio sexual e a diferença foi significativa (15% x 3%; χ^2 (N=214) = 9,62, $p < 0,01$). No tocante aos xingamentos, porém, não se observou diferença relevante entre os sexos, apesar de as mulheres terem produzido uma quantidade relativamente maior de termos agressivos que os homens. Nos “cursinhos”, os termos mais utilizados pelos homens em xingamentos foram “viado”, “bicha” e “filho da puta” e, pelas mulheres, “puta”, “prostituta” e “vagabunda”. Para elogiar, os homens fizeram uso mais frequente do vocábulo “gostosa”, enquanto as mulheres preferiram a palavra “tesão”. A distribuição destes termos é mostrada nos Anexos A e B.

Homens e mulheres universitários xingaram bastante, mas os homens xingaram mais e a diferença foi significativa ($23\% \times 9\%$; χ^2 (N=377) = 11,18, $p < 0,001$). Ambos apresentaram variedade similar de repertório de termos, a produção masculina tendo sido ligeiramente mais diversificada. Já relativamente aos elogios, as mulheres foram muito mais pródigas ($9\% \times 1\%$; χ^2 (N=377) = 11,92, $p < 0,001$), sem empregar, contudo, grande variedade de termos em seus encômios. Os vocábulos usados com mais frequência pelos estudantes universitários do sexo masculino para xingar foram “viado”, “bicha” e “gay”, enquanto as estudantes utilizaram os vocábulos “puta” e “vaca”. Para elogiar, os homens empregaram os termos “gostosa” e “tesuda” e, as mulheres, “tesão” e “gostosa”. A distribuição desses termos é mostrada nos Anexos C e D.

É oportuno notar que tanto as mulheres de “cursinho” quanto as da universidade produziram maior quantidade de elogios que os homens. As estudantes de “cursinho”, contudo, apresentaram maior número de xingamentos que os homens, apesar de a diferença não ter sido estatisticamente significativa. Por sua vez, os estudantes universitários do sexo masculino realizaram quantidade significativamente maior de xingamentos que as mulheres.

A Figura 3.1 apresenta registro fotográfico de grafito masculino produzido na universidade. Essa inscrição, além de conter xingamento e ser preconceituosa, faz uso de um termo anal, sendo que xingamentos e referências à analidade são frequentes nos banheiros masculinos.

Figura 3.1 – Registro fotográfico de grafito produzido em banheiro masculino universitário.

As universitárias produziram quantidade significativamente maior de termos eróticos (por exemplo, “desejo”, “sexual”, “sensual” e “erótico”) que os homens (5% x 0; χ^2 (N=377) = 7,87, $p < 0,01$), apesar de a porcentagem ter sido pequena. O erotismo, por outro lado, simplesmente não apareceu nos termos ligados à sexualidade produzidos pelos universitários. As estudantes de “cursinho” também produziram mais termos eróticos (“desejo”) que os homens, mas a diferença não foi significativa (1,5% x 0,7%).

Em relação à quantidade de termos referentes a relação sexual, as mulheres universitárias apresentaram produção ligeiramente maior que a dos homens (38% x 29%; χ^2 (N=377) = 3,59, $p < 0,06$), sendo que nos “cursinhos”, homens e mulheres

escreveram muito sobre relação sexual (26% x 27%), apresentando frequências bastante semelhantes de termos classificados nessa categoria. Exemplos desse tipo de termos são: “dar”, “transar”, “chupar” e “comer”.

Homens e mulheres encontram-se motivados a escrever sobre relação sexual tanto nos banheiros dos “cursinhos” quanto nos da universidade, parecendo haver uma pequena elevação de interesse por esse tema na universidade. Sucedeu, porém, que nos dois ambientes, as mulheres escreveram maior quantidade de termos alusivos a relação sexual. Essa diferença, que era muito sutil nos “cursinhos”, tornou-se um pouco mais acentuada na universidade. Em verdade, o interesse feminino por esse tema parece ter apresentado um aumento maior por parte das mulheres que por parte dos homens na passagem do “cursinho” para a universidade (mulheres: 27% para 38%; homens: 26% para 29%).

Interessante assinalar que estudantes de “cursinho” nada escreveram sobre virgindade, impotência e masturbação, temas que surgiram, ainda que em baixa frequência, nos grafitos produzidos por universitários. Também, em apenas uma vez e em banheiro masculino, foi encontrado um termo referente à AIDS entre os grafitos relativos à sexualidade produzidos por estudantes de “cursinho”. Assim, não se observou diferença significativa entre a produção realizada por homens e mulheres estudantes de “cursinho” quanto à temática da AIDS. Quanto ao número de termos empregados por homens e mulheres universitários para se referir a masturbação, impotência, AIDS e virgindade, as diferenças não foram significativas.

3.4 Discussão

A análise geral realizada em nosso primeiro estudo com os grafitos produzidos em banheiros masculinos e femininos de “cursinhos” e de uma

universidade (Capítulo 2) não revelou diferenças de gênero quanto ao conteúdo sexual considerado de maneira ampla. A análise dos termos ligados à sexualidade contidos em todos os grafitos, no entanto, evidenciou diferenças desse tipo.

A primeira diferença constatada refere-se à quantidade de vocábulos relacionados à sexualidade produzidos por homens e mulheres nos “cursinhos” e na universidade. As alunas de “cursinho” empregaram um número bem menor de termos sexuais em seus grafitos que as universitárias. Os homens, por outro lado, grafitaram semelhantemente em ambos os locais, tendo apresentado produção um pouco mais acentuada de termos sexuais na universidade. Os estudantes, ao elevarem seu nível de escolaridade, pareceram diminuir o grau de repressão no tocante à sexualidade, o que foi válido especialmente para as mulheres, conforme os resultados obtidos nesta pesquisa. Esta mudança de comportamento pode ser devida a uma influência do local, do grau de escolaridade ou da faixa etária dos indivíduos. Existe um controle maior sobre os alunos nos “cursinhos” que na universidade, controle esse efetuado, por exemplo, através da exigência da apresentação de carteira de identificação para o ingresso em suas dependências. Além disso, os “cursinhos” também oferecem aos alunos condições bastante semelhantes àsquelas típicas das escolas de segundo grau, uma vez que eles continuam recebendo aulas praticamente relativas às mesmas disciplinas que fazem parte do curso regular, o que faz o “cursinho” parecer a representação de um tipo de continuidade da escola. De fato, muitos estudantes cursam simultaneamente o último ano do segundo grau e o “cursinho”, preparando-se, em um e noutro local, para o vestibular. Desta maneira, é possível que nos “cursinhos” os alunos mantenham a repressão de sua sexualidade da qual se liberam mais quando ingressam na universidade.

Uma outra diferença observada diz respeito ao tratamento conferido por homens e mulheres aos temas “pênis” e “vagina”. Os estudantes universitários escreveram mais sobre pênis que as mulheres, enquanto estas escreveram mais sobre vagina que os primeiros, o que revela uma preocupação preponderante com os órgãos genitais do próprio sexo. É possível que este fato deva-se a uma influência do ambiente, já que os banheiros não são mistos. Mas isto também pode, eventualmente, indicar a existência de um tom homossexual nos grafitos produzidos tanto por homens quanto por mulheres, ainda mais que a pessoa que faz essas inscrições sabe que sua produção será provavelmente vista apenas por pessoas do mesmo sexo.

Kinsey et al. (1953) observaram que os homens revelam-se, nos grafitos, muito interessados pelos órgãos e funções genitais masculinos, mais que pelos genitais e funções femininos, e não concordam com a interpretação de que esse tipo de conteúdo tenha tom homossexual. Afirmam que muitas dessas inscrições são produzidas por homens que não estão conscientes de suas reações homossexuais e que podem não ter tido experiência homossexual aberta, mas que se interessam pela anatomia e funções genitais masculinas como elementos que fazem parte da atividade heterossexual.

Eibl-Eibesfeld (1970) cita o comportamento de exposição do pênis apresentado por vários primatas, como, por exemplo, os “macacos-esquilos”, que expõem o pênis ereto quando encontram outros membros da mesma espécie, agindo dessa maneira até mesmo entre animais jovens. O autor também menciona o comportamento de babuínos e outros macacos de sentarem-se “em guarda”, na periferia do grupo ao qual pertencem, expondo seus órgãos sexuais, comportamento este que faz parte da exibição de ameaça e tem a função de defender território.

Tal tipo de comportamento também pode ser observado entre os homens, sendo exemplo alguns indumentos masculinos de regiões da Europa, que ainda atualmente enfatizam os órgãos genitais masculinos por intermédio de certos bordados decorativos. Algumas tribos papua também enfatizam artificialmente essa região e, nas ilhas Nicobar e em Bali, existem amuletos que exibem o pênis ereto, com a função de espantar fantasmas. Na Grécia antiga, já havia colunas com cabeça de homem e pênis usadas para marcar propriedade. Igualmente, “guardiões” fálicos esculpidos em madeira ou em pedra podem ser vistos em igrejas românicas. No Japão atual, amuletos fálicos ainda são utilizados, por exemplo, para proteger o indivíduo contra acidentes de automóvel. O comportamento de exibição tem, assim sendo, função de ameaça, de defesa do território ou de conferir proteção.

Em nosso estudo, constatamos que os homens não só escreveram muito sobre seus órgãos sexuais, mas também os desenharam bastante, tanto nos banheiros de “cursinhos” quanto nos da universidade, aqui mais marcadamente, comportamento que lembra a exibição “primitiva” de ameaça, reforçada pela grande quantidade de xingamentos presentes nos grafitos.

Innala e Ernulf (1992) citam, como características preferidas entre os grafitos homossexuais, aquelas que se referem ao pênis, tais como “grande”, “grosso” e “pendurado”. Coletaram 406 grafitos de teor homossexual em dois banheiros masculinos da Universidade do Havá, em Manoa, Honolulu, nos Estados Unidos, instalações reconhecidamente freqüentadas por estudantes homossexuais e homens aí procurando por contatos desse tipo. Concluíram que os grafitos sexuais correspondem a uma forma de expressar desejos sexuais sem que seus produtores sejam descobertos ou estigmatizados. Sendo o pênis um tema preferido pelos homossexuais, conforme constatarem Innala e Ernulf (1992), é possível que,

contrariamente ao que supõem Kinsey et al. (1953), a grande frequência com que, em nosso estudo, genitais masculinos foram mencionados nos grafitos produzidos pelos estudantes universitários do sexo masculino relacione-se com desejos e fantasias homossexuais expressas por meio de grafitos de banheiro.

As estudantes universitárias também escreveram mais termos que os homens para se referir aos órgãos genitais femininos. Igualmente, elas podem estar, dessa forma, dando vazão a desejos e fantasias homossexuais, tendência que se fez presente no ambiente universitário, já que as alunas dos “cursinhos” não escreveram qualquer termo para aludir aos próprios genitais. Mais uma vez, verificamos, aparentemente, repressão sexual menor nos grafitos produzidos por mulheres de maior nível de escolaridade.

Nos “cursinhos”, os homens escreveram um pouco mais que as mulheres sobre os genitais femininos (5% x 0%), enquanto elas o fizeram um pouco mais que os homens sobre o órgão sexual masculino (14% x 9%), apesar de as diferenças não terem sido significativas. A compreensão de dessemelhanças tão pequenas não é simples, sendo possível que estudantes de “cursinho” reprimam suas fantasias e desejos homossexuais mais que os universitários. Estando esses estudantes, na sua grande maioria, na fase da adolescência, talvez exista uma forte preocupação em definir a identidade sexual conforme os padrões sociais aceitos. Assim sendo, formas que não condigam com esses padrões são reprimidas, dando lugar àquelas que com eles se coadunem. A adolescência é a fase em que o grupo é importante referência para o indivíduo e Otta e Bussab (1998) mencionam a importância do “grupo de referência” nessa etapa do desenvolvimento. O grupo de referência “dá condições para que cada um se descubra” (Otta e Bussab, 1998, p.56), buscando a constituição

de sua identidade. Em virtude de comportamentos heterossexuais serem predominantes nos grupos, talvez os adolescentes não aceitem e rechacem com veemência os comportamentos que desviam da norma.

No presente trabalho, os homens também revelaram-se mais interessados por temas relacionados à analidade que as mulheres. Além disso, o nível de analidade foi maior entre os estudantes de “cursinho” que entre os universitários. Paralelamente à diminuição do grau de analidade à medida que o nível de escolaridade aumentou, verificou-se, também, nos grafitos pesquisados, um aumento do grau de genitalidade, já que se escreveu mais sobre os genitais masculinos e femininos na universidade. É possível que isto reflita o desenvolvimento sexual dos indivíduos com o passar dos anos e com aumento do nível de escolaridade.

Freud (1925 [1924]), descrevendo o desenvolvimento sexual humano, afirma que, depois da fase inicial auto-erótica, existe uma primeira etapa de organização em que há o predomínio dos componentes orais, à qual se segue uma fase anal-sádica, e “só depois de a terceira fase ter sido finalmente alcançada é que a função sexual começa a servir aos fins de reprodução” (1976, p.19). Assim, a fase anal corresponde a um período que antecede a fase genital. Freud (1913) relata, também, que o desenvolvimento da função sexual nem sempre ocorre tranquilamente. Segundo ele, “ponto de fixação” acontece quando há apego a um estágio anterior, “para o qual a função pode regredir se o indivíduo ficar doente devido a alguma perturbação externa” (1976, p.399-400). O maior grau de analidade entre os homens estudantes de “cursinho” e universitários, que entre as mulheres, nesses dois ambientes, pode sugerir fixação masculina mais acentuada na fase anal.

Observamos, também, os estudantes universitários mostraram-se, nos grafitos sexuais, mais agressivos que as mulheres. Para Cole (1991), os homens reafirmam, nos grafitos, seu domínio e neles revelam-se mais hostis que as mulheres. Contudo, constatamos que nos “cursinhos”, as mulheres produziram maior quantidade de termos hostis que os homens, ainda que a diferença tenha sido apenas marginalmente significativa.

O estereótipo segundo o qual os homens são, em geral, mais agressivos que as mulheres já foi confirmado em vários estudos. Segundo Björkqvist (1994), numa revisão dos trabalhos recentes sobre diferenças de sexo em agressões físicas, verbais e indiretas, artigos mais antigos a respeito de diferenças sexuais tendiam a sustentar a opinião de que os meninos são mais agressivos que as meninas. No entanto, pesquisas mais recentes abordam esse tema com maior cautela, descrevendo diferenças sexuais principalmente de ordem qualitativa. De acordo ainda com o mencionado autor, existem indícios de que as diferenças observadas entre homens e mulheres, quanto ao grau de agressividade, devam-se mais provavelmente à aprendizagem, não estando diretamente ligadas a hormônios.

Björkqvist, Lagerspetz e Kaukiainen (1992), em estudo anterior, constataram que o tipo especial de agressão indireta aumenta drasticamente quando a criança tem 11 anos de idade, especialmente entre as meninas. O nível médio de agressão física diminui durante a fase final da adolescência, sendo, então, substituído por agressão verbal e por outros meios indiretos de agressão. Isto se deve, muito provavelmente, ao aumento da “inteligência social”. O autor cita, ainda, Fry (1990, 1992, 1993), que relatou estratégias de agressividade indireta também entre mulheres de culturas não ocidentais.

Björkqvist et al. (1992), ao investigarem estilos de agressividade feminina durante a adolescência, verificaram que as meninas relatavam utilizar, tipicamente, métodos indiretos em situações de conflito, tais como fofocas, troca de amigos, exclusão de grupos e recados grosseiros. Esses meios agressivos indiretos seriam empregados com o objetivo de encobrir as reais intenções prejudiciais dirigidas contra alguém. Portanto, para esses autores, as mulheres também são agressivas, mas expressam a agressividade de maneira diferente, às vezes indiretamente.

Pudemos observar que, aparentemente, as mulheres encontram nos banheiros espaço para expressar sua agressividade. De fato, homens e mulheres demonstraram grande agressividade em muitos dos grafitos produzidos nas portas dos banheiros dos “cursinhos” e da universidade. Em nosso estudo, principalmente nos “cursinhos”, verificamos conteúdo agressivo em grafitos femininos, agressividade essa que emergiu especialmente na forma de xingamentos contra a mulher de comportamento sexual promíscuo. A frequência de termos sinônimos ao vocábulo “prostituta” (“galinha”, “vaca”, “puta”, “vagabunda”) foi significativamente maior nos banheiros femininos que nos masculinos, tanto nos “cursinhos” ($76\% \times 23\%$; $\chi^2 (N=52) = 12,49$, $gl=1$, $p<0,001$) quanto na universidade ($58\% \times 10\%$; $\chi^2 (N=41) = 8,16$, $gl=1$, $p<0,05$). A agressividade feminina contra a mulher prostituta mostrou-se mais acentuada entre as estudantes de “cursinho” que entre as universitárias.

Houve, portanto, um certo decréscimo no nível de agressividade feminina com o aumento da escolaridade, ou então, conforme Björkqvist (1994), com o desenvolvimento da “inteligência social”. Os homens mantiveram nível semelhante de agressividade tanto nos “cursinhos” quanto na universidade. Assim sendo,

segundo esta nossa pesquisa, a agressividade feminina parece ter sofrido um maior impacto que a masculina como resultado do aumento da “inteligência social”.

Verificamos, também, muitas agressões contra homossexuais entre os grafitos estudados. Kerns e Fine (1994) desenvolveram um estudo sobre a relação entre gênero e atitudes negativas contra homens e mulheres homossexuais. Apesar de os homens terem relatado mais atitudes negativas que as mulheres contra homossexuais masculinos, não observamos diferenças de gênero nas atitudes contra lésbicas. A aversão ao homossexualismo masculino parece ser um componente central dos papéis de gênero tradicionais dos homens heterossexuais.

Em nosso estudo, observamos que os homens mostraram-se mais agressivos que as mulheres contra homossexuais masculinos, tanto nos “cursinhos” (64% x 5%; $\chi^2 (N=52) = 16,17, gl=1, p<0,001$) quanto na universidade (69% x 25%; $\chi^2 (N=41) = 4,99, gl=1, p<0,05$), porém mais marcadamente nos “cursinhos”. Termos tais como “bicha”, “viado” e “gay” eram principalmente utilizados para produzir xingamentos nos banheiros masculinos (por exemplo, em “Vai se fuder seu viado do caralho” e “Na Sociais só tem bichas, gays, pederastas, bichos-grilos e filhos de várias putas!!! Ass.: Um Politécnico”). Já nos WCs femininos, termos relacionados ao homossexualismo feminino, tais como “lésbica” e “sapatão”, eram utilizados de maneira neutra, como, por exemplo, “Também sou sapatão”, “Eu sou virgem e lésbica” ou, simplesmente, “Lésbicas.”

Pudemos, ainda, observar maior tendência por parte das mulheres que dos homens em elogiar. Bruner e Kelso (1981) relatam que inúmeros grafitos de banheiro revelam que as pessoas que os escrevem, freqüentemente, seguem estratégias de comunicação socialmente condicionadas e orientadas conforme o sexo. Portanto, assim como em outras formas de comunicação, o homem manifesta-se

dominante nos grafitos, reafirmando ou asseverando seu poder sobre aqueles que considera inferiores, e a mulher utiliza os grafitos para repensar sua posição oprimida em uma sociedade patriarcal. Nesse tipo de sociedade, os homens vêem-se como superiores e, conseqüentemente, seus grafitos são mais agressivos que os produzidos pelas mulheres. Estas, por outro lado, não se preocupam com o domínio, mesmo quando escrevem na esfera privada de um banheiro. Seus grafitos são mais interpessoais, interativos. Em nosso estudo, observamos uma grande quantidade de termos elogiosos nos grafitos femininos, sendo possível que, ao elogiar alguém, as mulheres estivessem buscando estabelecer uma interação positiva com outra pessoa. Além disso, segundo alguns autores, as mulheres geralmente empregam maior quantidade de adjetivos que os homens (Haas, 1979; Brandis & Henderson, 1970; Entwisle & Garvey, 1972).

Apesar de estudantes de “cursinho” e universitários, de ambos os sexos, escreverem bastante sobre temas relacionados à sexualidade, os homens pareceram não ser tão eróticos quanto as mulheres em seus grafitos. Sprecher e Sedikides (1993) desenvolveram um estudo sobre casais heterossexuais com o objetivo de verificar diferenças de gênero nas percepções de emoção. Concluíram que as mulheres acreditavam ser, em geral, mais emocionais que os homens. A única emoção que os homens relataram sentir com maior frequência que as mulheres foi a excitação sexual. Em nossa pesquisa, os homens estudantes de “cursinho” mostraram-se mais sexuais que as mulheres ao produzirem maior quantidade total de termos de conteúdo sexual (148 x 66). Ao passarem para a universidade, os estudantes do sexo masculino e os do sexo feminino realizaram uma produção semelhante de termos com esse tipo de conteúdo (195 x 182), mas as mulheres mostraram-se relativamente mais eróticas. O erotismo, bastante baixo nos

“cursinhos”, acentuou-se um pouco no repertório de termos empregados pelas mulheres na universidade (como, por exemplo, “desejo”, “sensual” e “erótico”). Além disso, foi interessante constatar que a palavra “prazer” apareceu somente nos banheiros femininos: uma vez nos “cursinhos”, em “Sou seu vício do prazer”, e duas vezes na universidade, em “Ver você vibrar de prazer é o meu prazer” e “Quero te ver vibrar de prazer”. Percebe-se, nestes grafitos produzidos em banheiros femininos da universidade, uma preocupação em dar prazer, o que não foi verificado em qualquer dos grafitos masculinos, nos “cursinhos” ou na universidade. Para Wales e Brewer (1976), diferenças de gênero na expressão da sexualidade dizem respeito, em verdade, a condicionamentos culturais de modos de expressão e não a diferenças essenciais. Homens realmente parecem expressar a sexualidade, nos grafitos de banheiro, de maneira diferente da utilizada pelas mulheres, mas isso não permite concluir que possuam diferenças sexuais básicas.

Esta pesquisa aponta que homens e mulheres diferem quanto à produção de termos sexuais produzidos em grafitos inscritos em banheiros de “cursinhos” e da universidade. Algumas facetas da sexualidade humana foram reveladas, o que converge com Innala e Ernulf (1992), segundo os quais, grafitos sexuais são importantes fontes de informação a respeito de fantasias e desejos sexuais. Ademais, inclinamo-nos a acreditar que este seja, também, um material de importância para a exploração de outros aspectos da personalidade, como, por exemplo, a agressividade, bastante presente nos grafitos de conteúdo sexual analisados nesta pesquisa.

CAPÍTULO 4

**Conteúdos sexuais
produzidos por homens e mulheres**

4 CONTEÚDOS SEXUAIS PRODUZIDOS POR HOMENS E MULHERES

4.1 Introdução

Neste terceiro estudo, recuperamos, mais uma vez, os conteúdos sexuais existentes em todos os grafitos coletados e novamente classificamos o material, desta vez focalizando o conteúdo sexual das inscrições.

O primeiro estudo não revelou diferenças de gênero significativas na categoria sexo considerada amplamente. No segundo estudo, pudemos verificar algumas diferenças quanto à quantidade de termos sexuais empregados por homens e mulheres em inscrições produzidas em banheiros de “cursinhos” e da universidade. Neste estudo, desejávamos verificar se as diferenças apontadas pela análise dos termos sexuais isolados empregados por homens e mulheres nos grafitos dos banheiros também seriam constatadas quando da análise dos grafitos sexuais considerados como unidades de resposta.

Por termos, no segundo estudo, analisado somente as inscrições verbais, na opção de trabalhar com os vocábulos sexuais, e tendo em vista nosso interesse, neste terceiro estudo, em comparar os resultados alcançados em ambas as pesquisas, mais

uma vez foram investigadas apenas as inscrições verbais. Nossa hipótese era que homens e mulheres também difeririam quanto ao conteúdo sexual dos grafitos, sendo eles mais agressivos e interessados pela temática da analidade que as mulheres.

4.2 Método

4.2.1 Material amostrado

O material utilizado neste estudo foi o mesmo do primeiro e do segundo estudos.

4.2.2 Procedimento

Foram levantadas 13 categorias de sexualidade, as mesmas do segundo estudo: genitais masculinos (“Se você quer sentir 25 cm de um belo mastro pegando fogo, deixe recado!”); genitais femininos (“Definição de vagina: escreva a sua!”); analidade (“A prática continuada da penetração anal leva a impossibilidade de fechar totalmente o cu”); defecação (“Cagar e fecundar guardam em si um paradoxo, ambos, por razões ambíguas, dão imenso prazer após o ato”); xingamento sexual (“Nem todo viado faz humanas, mas com certeza, todos que fazem humanas são viados. Ass.: Exatas”); elogio sexual (“Chamy tesão”); erotismo (“Desejo sensual/ensejo erótico/desejo teu corpo/bem junto ao meu/para sentir o teu orgasmo/lindo orgasmo/ver você vibrar de prazer/é o meu prazer”); relação sexual (“Eu sou aquela garota que beijou aos 11, transou aos 14, fumou maconha aos 15. Enfim, fui uma garota normal”); seios (“Quero poder beijar teus peitos”); impotência (“Porque todo viado é brocha”); masturbação (“Eu não aguento mais trepar 1 vez a cada 2 semanas e ficar socando o resto!”); AIDS (“A → gora / I → diota / D → urma / S → ozinho”) e outros (“O corno tem que aprender a ficar quieto”). Desde que

houvesse algum termo abordando um desses temas, o grafito era classificado na respectiva categoria, sendo que, algumas vezes, um mesmo grafito foi classificado em mais de uma categoria, como exemplo, a inscrição “Neste cursinho só tem uma mina gostosa. Mais é galinha”, que foi categorizada tanto em “elogio sexual” quanto em “xingamento sexual”.

O levantamento das categorias de sexualidade foi baseado na existência de referência explícita a sexo, através da utilização de termos ligados a órgãos genitais ou regiões eróticas do corpo, bem como por meio da alusão a atos relacionados a esses órgãos ou regiões e de expressões ligadas a comportamentos sexuais. Grafitos que, no primeiro estudo, haviam sido classificados, por exemplo, nas categorias “esporte” (“É o destino corintiano comer o cú de São Paulino”) ou “insulto” (“FAU só dá bicha e prostituta”), devido a serem estes seus conteúdos predominantes, foram agora categorizados como sexuais, contanto que se reportassem, de alguma forma, à sexualidade.

A região anal foi considerada uma região erótica e, portanto, permitiu o estabelecimento das categorias “anabilidade” e “defecação”. A primeira incluiu grafitos cujos conteúdos possuíam um caráter anal geral, como, por exemplo, “Já que você tem força enfia uma lâmpada no cu e vê se acende” e a segunda, grafitos de conteúdo escatológico, como, por exemplo, “Cagar faz bem a saúde. Cague bastante porque quando eu comer o seu cú não quero merda atrapalhando”.

Foram encontrados, entre as inscrições femininas, muitos grafitos de conteúdo romântico, do tipo “Honey Bunny te amo muito, imenso infinito, prá sempre”. Apesar da relação que pode haver entre amor e sexo, a categoria “amor” não fez parte desta análise por incluir grafitos que não se referiam explicitamente a sexo, critério empregado nesta pesquisa para o levantamento das categorias de

conteúdo sexual. Contudo, vale a pena mencionar que foi encontrado somente um grafito romântico entre as inscrições masculinas produzidas nos “cursinhos” (“Adriana eu te amo, LAM”) e nenhuma entre as produzidas na universidade.

A Figura 4.1 apresenta registro fotográfico de grafitos produzidos em banheiro feminino universitário, sendo que um deles contém mensagem buscando contato e o outro, mensagem romântica bastante comum, do tipo “eu te amo”.

Luís Augusto Barbosa

Figura 4.1 – Registro fotográfico de grafitos produzidos em banheiro feminino universitário.

Ao todo, foram observados 77 grafitos românticos nos banheiros femininos dos “cursinhos” (24% de todos os grafitos produzidos) e 29 grafitos românticos (12%) nos banheiros femininos da universidade. A análise desses dados através do qui-quadrado revelou haver diferença estatisticamente significativa entre os grafitos

produzidos por homens e mulheres tanto nos “cursinhos” (0 x 24%) quanto na “universidade” (0 x 12%). Com relação aos desenhos românticos produzidos por mulheres (em especial, corações e bocas), a diferença foi estatisticamente significativa nos “cursinhos” (0 x 54%), mas não na universidade (4 x 6%).

4.3 Resultados

Dos 286 grafitos verbais ligados à sexualidade analisados, 38% vieram dos “cursinhos” e 62%, da universidade. A maior parte dos grafitos verbais de conteúdo sexual foi produzida por estudantes universitários, apesar de estes, de maneira global, grafitarem menos que os estudantes de “cursinho”: do total geral de 1.349 grafitos coletados, 63% provinham dos “cursinhos” e 37%, da universidade.

A nova categorização dos grafitos sexuais elevou a porcentagem de inscrições com conteúdo sexual em relação ao estudo inicial tanto nos “cursinhos” (de 7% para 14%) quanto na universidade (de 31% para 39%). A grande elevação da frequência de inscrições classificadas como sexuais nos “cursinhos” decorreu, principalmente, do fato de haver uma quantidade alta de grafitos de insulto que passaram a ser considerados de conteúdo sexual por incluírem xingamentos que, de alguma forma, achavam-se ligados à temática da sexualidade (por exemplo, em “Filho da puta”).

Uma vez que muitos grafitos foram classificados em duas ou mais categorias, foi necessário aplicar uma técnica estatística que não exigisse classificação exclusivamente em uma determinada categoria. A Regressão Logística atende a este requisito. Assim, foi utilizada essa técnica estatística com o objetivo de verificar quais categorias de grafitos sexuais associavam-se aos homens e quais associavam-se às mulheres. Com isso, foi possível identificar as categorias que diferenciavam os sexos nos dois ambientes pesquisados.

A Tabela 4.1 apresenta as quantidades e porcentagens de temas ligados à sexualidade empregados por homens e mulheres nos grafitos verbais produzidos no “cursinho” e na universidade.

Tabela 4.1 Temas ligados à sexualidade produzidos por homens e mulheres no “cursinho” e na universidade

Temas	“Cursinho”				Universidade			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Genitais masculinos	12	9	9	15	19	12	12	11
Genitais femininos	9	7	0	0	14	9	15	13
Analidade	30	22	2	3	20	13	10	9
Defecação	9	7	1	2	6	4	0	0
Xingamento sexual	38	28	15	25	27	18	10	9
Elogio sexual	5	4	11	18	3	2	11	10
Erotismo	0	0	2	3	0	0	3	3
Relação sexual	28	20	19	31	44	29	31	27
Seios	0	0	0	0	1	1	3	3
Impotência	2	1	0	0	1	1	0	0
Masturbação	0	0	0	0	4	3	2	2
AIDS	1	1	0	0	3	2	0	0
Outros	3	2	2	3	11	7	16	14
Total	137		61		153		113	

A técnica da Regressão Logística, utilizada tipicamente para predizer a pertinência a um determinado grupo a partir de variáveis discretas ou dicotômicas (Fisk, Owsley & Pulley), foi apropriada para a análise dos dados desta pesquisa. Um modelo teórico foi construído para predizer o sexo do produtor de grafito, sendo a variável dependente codificada para o sexo masculino e para o sexo feminino da seguinte forma: sexo masculino = 0, sexo feminino = 1. O modelo de Regressão Logística foi baseado em 13 preditores, codificados conforme a ausência ou a

presença da variável (ausência = 0, presença = 1): genitais masculinos, genitais femininos, analidade, defecação, xingamento sexual, elogio sexual, erotismo, relação sexual, seios, impotência, masturbação, AIDS e outros.

Duas equações de Regressão Logística ($\alpha = 0,05$) foram calculadas, uma para cada ambiente, “cursinho” e universidade, tendo sido utilizado o programa SPSS 7.0 (*Statistical Package for Social Sciences*, versão 7.0) para Windows 95 e, para a introdução das variáveis no modelo, o método “*Forward: LR, Stepwise*”.

A análise dos dados revelou que homens e mulheres diferem quanto à produção de grafitos ligados à sexualidade no que se refere ao conteúdo dessas inscrições. Nos “cursinhos”, as categorias que diferenciaram os homens das mulheres foram “analidade” ($B: 1,7560, p < 0,01$) e “xingamento sexual” ($B: 0,8843, p < 0,01$), conforme se observa na Tabela 4.2. Ambos os temas foram mais abordados pelos homens que pelas mulheres, o que sugere maior analidade e agressividade dos estudantes do sexo masculino de “cursinho”.

Tabela 4.2 Conteúdos sexuais significativos incluídos no modelo de Regressão Logística para os “cursinhos”

Temas	“Cursinho”	
	Coeficiente	EP
Analidade	1,7560**	0,4124
Xingamento sexual	0,8843**	0,2648

Os coeficientes podem ser interpretados de forma tal que uma mudança de uma unidade na variável independente resulta na mudança de uma unidade no *log likelihood* de um resultado favorável. A razão *log likelihood* para a equação é $(-2 \ln \lambda) = 95,348$.

** $p < 0,01$.

A Tabela 4.3 apresenta os temas que diferenciaram homens de mulheres na universidade. O tema “xingamento sexual” também diferenciou homens de mulheres

($B: 0,4445, p < 0,05$) no ambiente universitário, tendo eles apresentado maior número de grafitos classificados nessa categoria (“viado”, “bicha” etc.) Outro tema que diferenciou homens de mulheres no *campus* universitário foi a categoria “elogio sexual” ($B: -0,7654, p < 0,05$), as mulheres tendo manifestado frequência bastante maior de grafitos com termos classificáveis nessa categoria (“gostosa”, “tesão” etc.) que os homens. Assim, categorias opostas (“xingamento sexual” x “elogio sexual”) diferenciaram homens de mulheres na universidade, indicando maior nível de agressividade também entre os estudantes do sexo masculino pertencentes à amostra universitária.

Tabela 4.3 Conteúdos sexuais significativos incluídos no modelo de Regressão Logística para a universidade

<i>Temas</i>	<i>Universidade</i>	
	<i>Coeficiente</i>	<i>EP</i>
Xingamento sexual	0,4445 *	0,3379
Elogio sexual	-0,7654 *	0,2059

^b A razão *log likelihood* para a equação é $(-2 \ln \lambda) = 231,004$.

* $p < 0,05$.

A categoria “xingamento sexual”, que diferenciou homens de mulheres tanto nos “cursinhos” quanto na universidade, foi submetida a uma análise de conteúdo com o objetivo de verificar contra quem era dirigida a agressividade expressa por intermédio dos grafitos sexuais. Foram levantadas cinco categorias de xingamento, conforme os termos empregados nos grafitos: “homossexual masculino” (por exemplo, “bicha” e “viado”); “homossexual feminino” (“sapatão” e “entendida”), “prostituta” (“puta” e “vagabunda”), “homem traído” (“corno”) e “outros” (“brocha” e “bundão”).

O teste do qui-quadrado foi utilizado para verificar quais categorias de xingamento apresentavam diferenças de gênero significativas e alguns dados interessantes foram observados, como pode ser verificado na Tabela 4.4.

Tabela 4.4 Freqüências absolutas e relativas de termos utilizados em xingamentos empregados por estudantes de “cursinho” e universitários, bem como respectivos valores de qui-quadrado

Categorias de xingamento	“Cursinho”					Universidade				
	Homens		Mulheres		χ^2	Homens		Mulheres		χ^2
	n	%	n	%		n	%	n	%	
Hom. masculino	20	64	1	5	16,17**	20	69	3	25	5,00*
Hom. feminino	0	0	1	5	0,04	0	0	2	17	2,12
Prostituta	7	23	16	76	12,49***	3	10	7	58	8,16**
Homem traído	1	3	0	0	0,69	4	14	0	0	0,60
Outros	3	10	3	14	0,00	2	7	0	0	0,02
TOTAL	31		21			29		12		

Hom. masculino = Homossexual masculino e Hom. feminino = Homossexual feminino.

* $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$.

Nos “cursinhos”, homens utilizaram principalmente termos relativos ao homossexualismo masculino em seus xingamentos (por exemplo, “Viado é seu pai que manda um idiota como você para a escola”) e o fizeram com freqüência significativamente maior que as mulheres (64% x 5%; $\chi^2 (N=52) = 16,17$, $gl=1$, $p < 0,001$). Não se observou diferença significativa entre homens e mulheres no tocante a xingamentos dirigidos contra homossexuais femininos, tanto nos “cursinhos” quanto na universidade. Por outro lado, nos “cursinhos”, estudantes do sexo feminino produziram xingamentos que continham termos relativos à prostituição (por exemplo, “Olha amiga desculpa. Sabe que você é uma galinha mais

safada sua prostituta e é só que você merece”) com frequência significativamente maior que os do sexo masculino (76% x 23%; $\chi^2 (N=2) = 12,49, gl=1, p<0,001$).

Na universidade, a frequência de xingamentos com termos referentes ao homossexualismo masculino (por exemplo, “Faculdade de viados. Só tem bicha e petista nessa merda. Se tiver algum macho que se apresente viados”) também foi maior entre os grafitos produzidos pelos homens que pelas mulheres (69% x 25%; $\chi^2 (N=41) = 4,99, gl=1, p<0,05$), sendo essa diferença significativa, mas menos que nos “cursinhos”. As mulheres, igualmente, continuaram a xingar empregando termos alusivos à prostituição (por exemplo, “Vão procurar homem suas putas!”) com frequência maior que os homens, mas também menos enfaticamente que nos “cursinhos” (58% x 10%; $\chi^2 (N=41) = 8,16, gl=1, p<0,05$).

Homens e mulheres apresentaram certa constância de comportamento no tocante aos xingamentos produzidos em grafitos de conteúdo sexual nos “cursinhos” e na universidade. Os homens empregaram, em seus xingamentos, termos relativos ao homossexualismo masculino com frequência significativamente maior que as mulheres tanto nos “cursinhos” quanto na universidade. As mulheres, por outro lado, nos dois ambientes, diferenciaram-se dos homens quanto a xingamentos com termos relacionados à prostituição. No entanto, é interessante notar que a desigualdade entre os sexos foi mais amena na universidade, já que a relevância da diferença entre a quantidade de termos agressivos produzidos por homens e mulheres referentes ao homossexualismo masculino e à prostituição foi menor nesse local, especialmente no tocante aos grafitos cujo conteúdo fazia referência ao homossexualismo masculino.

A Figura 4.2 apresenta registro fotográfico de grafitos produzidos em banheiro masculino universitário. Dois grafitos se destacam: um de conteúdo heterossexual e outro hostil a homossexuais e “punks”.

Figura 4.2 – Registro fotográfico de grafitos produzidos em banheiro masculino universitário.

A análise pela Regressão Logística é muito interessante pelo fato de revelar categorias diferenciadoras através da comparação entre o efeito de cada categoria e o efeito médio de todas as categorias (Norusis, 1993). Contudo, a observação da Tabela 4.1 mostra que homens e mulheres escreveram muito sobre “relação sexual”. Apesar de o alto índice de grafitos nessa categoria não ter promovido diferenciação de gênero, esse resultado da pesquisa revela um grande interesse tanto dos homens quanto das mulheres por sexo, nos dois ambientes estudados, sendo interessante verificar que os homens produziram número maior de grafitos relacionados à atividade sexual nos “cursinhos”, enquanto as mulheres, por outro lado, mostraram-se mais interessadas por esse tema na universidade.

4.4 Discussão

Uma primeira análise geral dos grafitos que foram objeto desta pesquisa (Capítulo 2) não havia revelado diferenças de gênero quanto à categoria sexo considerada amplamente. No entanto, diferenças significativas foram reveladas pela análise dos termos sexuais contidos nos grafitos de banheiro (Capítulo 3) e pelo estudo do conteúdo das inscrições consideradas como unidades de resposta, examinando-se os diversos temas abrangidos pela categoria sexo.

A análise dos grafitos sexuais pela técnica da Regressão Logística indicou quais categorias de conteúdo sexual diferenciaram significativamente homens de mulheres, tanto nos “cursinhos” quanto na universidade. Nos dois ambientes pesquisados, “xingamento sexual” destacou-se como a categoria que mais diferenciou homens de mulheres: os homens xingaram mais, principalmente nos “cursinhos”. Por ter sido esta a principal categoria que distinguiu os gêneros, a agressividade tornou-se um fator relevante neste estudo.

Cabe lembrar que existe uma série de teorias que tentam explicar a agressividade humana, relacionando-a, inclusive, à sexualidade. Eibl-Eibesfeld (1989) relata a hipótese de a agressão e o medo serem ligados à excitação sexual. Enquanto no homem haveria uma relação positiva entre agressão e excitação sexual, no sexo feminino, a agressão inibiria a sexualidade. Deste modo, a grande quantidade de grafitos sexuais agressivos produzidos por homens poderia ser interpretada em termos da associação entre excitação sexual e agressão, sendo possível que os homens tenham produzido xingamentos movidos não só pelo impulso de agredir, mas também pela excitabilidade que pode estar envolvida nesse comportamento. Por sua vez, o fato de as mulheres terem produzido uma quantidade bem menor de xingamentos que os homens revela que a sexualidade feminina não parece ser

estimulada por comportamentos agressivos. Não obstante, apesar de em grau menor, a agressividade feminina mostrou-se presente nos grafitos, sendo possível que outras motivações, como, por exemplo, rivalidade entre mulheres, tenham levado as estudantes a produzir tal tipo de inscrições.

A agressão masculina, tanto nos "cursinhos" quanto na universidade, voltou-se principalmente contra homossexuais do sexo masculino, observando-se que os homens, mais que as mulheres, produziram um número significativamente maior de termos agressivos contra esses homossexuais. Segundo Innala e Ernulf (1992), o banheiro masculino pode ser sexualmente atraente para os homossexuais sadomasoquistas, especialmente os submissos, já que é possível que exista um componente masoquista, de auto-humilhação, em expressar desejos sexuais dentro de um banheiro. A agressividade, presente tanto no comportamento sadomasoquista quanto no ato de grafitar mensagens contendo xingamentos, pode estar ligada aos mecanismos disparadores de excitação sexual envolvidos na relação entre excitação e agressão citada por Eibl-Eibesfeld (1989).

Atitudes negativas para com homossexuais masculinos e lésbicas foram estudadas por Kerns e Fine (1994) em 155 estudantes de uma universidade católica privada do meio-oeste dos Estados Unidos, os homens tendo manifestado maior número de atitudes negativas com relação a homossexuais masculinos que as mulheres, ao passo que não foram verificadas diferenças de gênero relativamente às atitudes para com as lésbicas. Gallup Jr. (1995) associa o receio de ter filho homossexual à acentuada aversão dos homens ao homossexualismo masculino, já que cuidar de um filho com essa orientação sexual seria o mesmo que prover uma criança gerada por um outro homem, produto de uma traição. Tanto num caso quanto

no outro, o investimento seria em vão do ponto de vista da transmissão de genes para gerações futuras.

Herek (1989) sugeriu que a violência contra homossexuais de certo modo reforça os papéis tradicionais de gênero e deprecia atributos femininos nos homens. Assim, ao grafítarem xingamentos contra homossexuais masculinos, os homens poderiam estar buscando reafirmar os papéis tradicionais que exercem dentro da sociedade. Ao mesmo tempo, é possível que estejam hostilizando aspectos femininos dos homossexuais que atacam, revelando uma atitude duplamente preconceituosa: contra *gays* e contra mulheres.

Tanto nos “cursinhos” quanto na universidade, as mulheres xingaram prostitutas com frequência significativamente maior que os homens, sendo essa diferença mais marcada nos “cursinhos”, o que está de acordo com os trabalhos de Burbank (1987, 1994), segundo os quais as mulheres são mais frequentemente agressivas contra outras mulheres que contra homens.

Ao estudar desejos pessoais de homens e mulheres, Ehrlichman e Eichenstein (1992) constataram que estudantes do sexo feminino de duas universidades norte-americanas, localizadas, respectivamente, em região metropolitana e em área suburbana, preferiram o sexo com compromisso ao sexo casual. Segundo Michael, Gagnon, Laumann e Kolata (1975), é muito mais provável que os homens tenham um número bem maior de parceiros sexuais que as mulheres. Silva (1996) relata evidências de as mulheres rejeitarem o sexo casual muito mais que os homens (Clark & Hattfield, 1989) e cita a teoria do investimento parental para explicar tal diferença. As mulheres têm mais a investir na gravidez e na criação dos filhos que os homens. Assim, em termos evolutivos, as mulheres que só aceitam sexo com homens que dão indícios de gostar delas aumentariam as chances de deixar descendentes ao

partilharem os encargos decorrentes da gravidez com um companheiro. Por outro lado, os homens que freqüentemente praticam sexo casual teriam muito a ganhar, pois com esse comportamento, aumentariam a probabilidade de passar seu material genético às gerações seguintes. Ao grafitarem mensagens contendo xingamentos que fazem referências a prostitutas, as mulheres, além de revelar atitude preconceituosa, podem estar voltadas contra um comportamento sexual do tipo eventual, sem compromisso. É como se menosprezassem a prostituta, que não garante a presença de um companheiro com quem possa partilhar o cuidado da prole e também que se constitui em uma competidora em potencial, muito ameaçadora no uso de estratégias mais assertivas de conquista, tornando “desleal” a competição sexual.

O psicanalista Lomas (1980) considera agressivo o próprio ato de grafitar. Afirma que os dados clínicos sustentam a hipótese de que o ato de escrever na parede esteja conectado a sentimentos de ser excluído, negligenciado ou separado, e que corresponde a uma ação destrutiva provocada por esses sentimentos. “Entre outras coisas, os grafitos são o produto de um ato de vingança”⁶ (Lomas, 1980, p.142). O autor enfatiza o sentimento de exclusão como sendo a motivação provocadora desse ato e destaca, ainda, que escrever nas paredes compreende um esforço de dominar ativamente uma humilhação experienciada passivamente. Assim, a agressividade contida nos grafitos de xingamento poderia estar, na verdade, apenas exacerbando o caráter já agressivo do próprio ato de grafitar.

White (1977) afirma que o anonimato aumenta a probabilidade de haver comportamento agressivo ou destrutivo contra as normas. O espaço reservado do banheiro oferece a condição de anonimato que, se por um lado fornece aos produtores de grafitos relativa privacidade na qual podem expressar seus pontos de

⁶ Tradução da autora.

vista sem medo (Nwoye, 1993), por outro também fomenta o comportamento agressivo.

Além da categoria “xingamento sexual”, observamos que os homens diferiram das mulheres no “cursinho” quanto à categoria “analidade”. Na universidade, no entanto, esta categoria, apesar de presente, mostrou-se menos importante, não mais se revelando diferenciadora de gênero. Tal mudança de grau de interesse pelo tema da analidade com o aumento do nível da escolaridade e da idade pode decorrer do desenvolvimento sexual dos indivíduos. De qualquer forma, esse tema esteve presente e pode estar relacionado a fantasias sexuais masculinas, o que encontra apoio em Innala e Ernulf (1992), segundo os quais a análise dos grafitos sexuais pode revelar quais comportamentos sexuais são preferidos pelos homens, tanto no plano da fantasia quanto no próprio comportamento.

Na universidade, constatamos que homens e mulheres diferenciaram-se em duas categorias sexuais opostas: “xingamento sexual” e “elogio sexual”. Enquanto os homens xingaram mais, as mulheres produziram maior número de elogios sexuais. Segundo Bruner e Kelso (1981), os indivíduos que produzem grafitos frequentemente seguem estratégias de comunicação socialmente condicionadas e orientadas de acordo com o gênero, os grafitos masculinos geralmente sendo mais negativos, agressivos e hostis que os produzidos por mulheres, cujos grafitos, por outro lado, costumam ser interpessoais, interativos. Os dados da presente pesquisa confirmam esses padrões de comportamento: os homens foram mais agressivos e as mulheres, mais interativas, já que ao produzirem grafitos elogiosos de certa forma buscaram uma interação positiva com suas interlocutoras.

Existe uma série de estudos que abordam a questão da agressividade feminina (Burbank, 1987, 1994; Björkqvist, 1994), muitas vezes constatando que não há razões para se acreditar que as mulheres sejam menos hostis que os homens (Björkqvist, 1994). Por outro lado, o estereótipo de que as mulheres são mais emocionais que os homens encontra-se relatado na literatura. Sprecher e Sedikides (1993) estudaram casais heterossexuais com o objetivo de verificar diferenças de gênero na percepção de emoção. As mulheres, em geral, acreditavam ser mais emocionais que os homens e relatavam ter experienciado, em grau mais elevado que seus parceiros, tanto emoções positivas quanto negativas em seus relacionamentos. Essa característica de sentir-se experienciando maior nível de emoções positivas parece estar relacionada com a grande produção de elogios nas mensagens sexuais femininas, pois como foi verificado, elas revelaram maior liberdade em produzir grafitos elogiosos em suas manifestações discursivas de caráter sexual.

Os grafitos de banheiro são, assim sendo, uma rica fonte para estudos relativos à sexualidade, correspondendo a mais um meio através do qual os indivíduos podem se expressar e acabam por revelar interessantes aspectos de suas personalidades. Esse tipo de material deve constituir, portanto, uma importante via de acesso ao estudo do imaginário sexual humano.

CAPÍTULO 5

**O que pensam os
estudantes sobre os grafitos?**

5 O QUE PENSAM OS ESTUDANTES SOBRE OS GRAFITOS?

5.1 Introdução

Objetivando compreender melhor o que estudantes de diferentes níveis de escolaridade e idades diversas pensam sobre grafitos de banheiro, aplicamos questionários (Apêndices 5 e 6) em alunos de uma escola pública e de uma universidade, ambas instituições localizadas na cidade de São Paulo, SP, Brasil.

Optamos pelos questionários, em vez de entrevistas, pelo fato de permitirem anonimato, oferecendo, assim, condições semelhantes às da produção dos próprios grafitos. Foi interessante observar que muitas pessoas lembraram-se de alguma inscrição, apresentando, em resposta à quarta pergunta (“Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?”), uma verdadeira “gratagem” no impresso do questionário. Um estudante chegou a escrever, logo acima da frase “Agradecemos sua colaboração”, impressa no papel, o comentário “Agradecemos a curiosidade”. Acreditamos, porém, que entrevistas também possam corresponder a importante fonte de informações.

Inspiramo-nos, na elaboração dos questionários, em sugestões feitas pela banca examinadora do exame de qualificação para o mestrado, que contou com a participação dos Profs. Drs. Cesar Ades, Américo Pellegrini Filho e Emma Otta, bem como na literatura pertinente, especialmente em Fraser (1980), Bruner e Kelso (1981) e Loewenstine et al. (1982).

Fraser (1980) realizou um estudo bastante original a respeito de grafitos. Afirmando ser mais interessante dirigir-se diretamente aos produtores de grafitos do que impor, na análise desse tipo de material, alguma teoria psicológica não passível de teste, o autor descreve o estudo que desenvolveu e alguns dados que coletou em Boston, em 1979. Afixou, em uma variedade de banheiros na área da grande Boston, papéis em branco com a seguinte mensagem na parte superior: “Estamos estudando grafitos – a linguagem escrita nas paredes. Muitos de nós somos produtores de grafitos. Você é um deles? Se for, diga-nos o porquê. Obrigado”⁷. Em resposta, obteve vários comentários interessantes, sendo que algumas pessoas, inclusive, chegaram a escrever grafitos e réplicas a grafitos nas folhas de papel. O autor não fez, propriamente, uma análise de seu material, limitando-se a transcrever uma amostra das respostas. Em verdade, desenvolveu em seu trabalho um estudo metalingüístico, já que, com ele, foi obtida uma linguagem a respeito da própria linguagem dos grafitos.

Algumas respostas à indagação sobre o porquê das pessoas produzirem grafitos, mencionadas por Fraser (1980), foram: “Um bom modo de passar o tempo”, “Por emoção sexual”, “Porque às vezes você quer que o mundo todo saiba seus sentimentos sem se deixar revelar”, “É uma oportunidade de dar vazão a frustrações – dizer coisas que você não se atreveria a dizer”, “...para deixar uma frase & apelido,

⁷ Tradução da autora.

uma data para as pessoas lerem”, “Grafitos têm a tendência de ser uma saída para agressão” e “O que mais você pode fazer enquanto está cagando?”. Foram, ainda, produzidos alguns grafitos, tais como “Para sempre *gay* e eu adoro isso!!!” e “Minha mãe me fez lésbica”⁸.

Bruner e Kelso (1981) realizaram uma análise semiótica de grafitos de banheiro baseada em cinco tipos de fontes: inscrições copiadas de paredes de banheiros do *campus* de uma universidade e cidade vizinha, em Illinois, nos Estados Unidos, em 1978 (767 itens, sendo 438 de banheiros masculinos e 329 de banheiros femininos); dados coletados em 1976 por alunos de uma curso introdutório de antropologia (em 64 banheiros masculinos e 37 femininos); um questionário colocado no sistema PLATO de computador da universidade, incluindo perguntas tais como “Por que você pensa que as pessoas escrevem grafitos?” e “Você pode dar um exemplo do tipo de grafito que você escreve ou gosta de ver?” (foram recebidas respostas de 108 homens e 23 mulheres); entrevistas sobre grafitos com 30 alunos; e na literatura. Os autores afirmam que optaram pelo sistema de computador porque as respostas assim obtidas seriam anônimas, da mesma forma que as inscrições feitas nos banheiros.

Loewenstine et al. (1982) analisaram grafitos de banheiros masculinos e femininos de uma universidade norte-americana em termos de diferenças sexuais de conteúdo e de linguagem, buscando identificar variáveis de personalidade e motivacionais de homens e mulheres que escrevem em paredes de banheiros. Formularam uma série de perguntas a 102 estudantes (51 homens e 52 mulheres) de um curso introdutório de Psicologia, entre elas, “Por que você pensa que as pessoas escrevem em paredes de banheiro?”.

⁸ Traduções da autora.

Também, interessadas em compreender aspectos motivacionais da produção de grafitos, aplicamos um questionário, constituído por quatro perguntas, em 83 estudantes. Nosso intuito, ao aplicar o questionário, foi apenas realizar um esboço do que pensam estudantes cursando o segundo grau, que se encontram na adolescência, e estudantes universitários, já adentrados ou vivendo a fase adulta, a respeito dos grafitos de banheiro.

5.2 Método

5.2.1 Sujeitos

Participaram desta amostra 83 estudantes, dos quais 42 cursavam o segundo grau de uma escola pública (22 homens e 20 mulheres) e 41 eram estudantes de uma universidade (20 homens e 21 mulheres), ambos estabelecimentos de ensino localizados na cidade de São Paulo, SP, Brasil.

Os alunos da escola pública possuíam, em média, 16 anos e meio de idade (média de idade dos estudantes do sexo masculino: 16,59, $DP = 0,67$; média de idade dos estudantes do sexo feminino: 16,50, $DP = 0,89$). Tanto na amostra masculina quanto na feminina, havia estudantes com 16, 17 e 18 anos, sendo que na feminina havia também uma aluna com 19 anos de idade.

Na universidade, a média de idade dos homens (média = 24, $DP = 7,62$) foi um pouco superior à das mulheres (média = 21,5, $DP = 0,68$), o que se deveu ao fato de a faixa etária, entre os estudantes universitários do sexo masculino, apresentar maior heterogeneidade, como se pode notar pelo respectivo desvio padrão. A maior parte dos estudantes universitários, tanto do sexo masculino quanto do feminino, tinha 21 anos de idade. No entanto, enquanto a amostra universitária feminina era compreendida por pessoas com 20, 21, 22 e 23 anos, na masculina, além dessas

idades, também havia sujeitos com idades mais elevadas: 27, 28, 34 e, até mesmo, 53 anos. Os estudantes da escola de segundo grau e da universidade eram todos pertencentes à classe média.

5.2.2 Procedimento

5.2.2.1 Questionários

Inspiramo-nos em Fraser (1980) para formular o seguinte parágrafo introdutório do questionário – “Estamos pesquisando grafitos de banheiro, ou seja, inscrições realizadas em portas e paredes de banheiros públicos. Muitos de nós produzimos essas inscrições. Gostaríamos de saber a sua opinião a respeito de alguns pontos”. Buscamos, ao incluímo-nos entre os produtores de grafitos, evitar que aqueles que respondessem aos questionários se munissem de uma atitude negativa para com os grafitos, na expectativa de que fosse essa a postura defendida pelos pesquisadores, enviesando, assim, suas respostas.

Para elaborar a primeira questão (“Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?”), baseamo-nos em Bruner e Kelso (1981) e em Loewenstine et al. (1982), que empregaram pergunta desse tipo em sua pesquisa. Aqui, referimo-nos às “pessoas” e não a “você”, como uma forma de conferir maior liberdade àqueles que respondessem ao questionário, na tentativa de fazê-los sentir-se seguros de que não seriam julgados por seus comentários. Esse procedimento também foi sugerido pela banca examinadora do exame de qualificação para o mestrado.

A segunda questão (“Sobre o que *as pessoas do mesmo sexo do respondente* mais gostam de escrever?”) e a terceira (“Sobre o que você acha que *as pessoas do sexo oposto* mais gostam de escrever?”) pareceram-nos interessantes por permitirem

verificar se os comentários dos estudantes constatariam os dados obtidos em nossos estudos e se as suas previsões quanto à produção de grafitos realizada por pessoas do sexo oposto viriam a ser confirmadas.

Finalmente, a quarta questão (“Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?”) baseou-se em Bruner e Kelso (1981), que também utilizaram indagação semelhante em seu estudo. Pretendíamos oferecer, propositadamente, um espaço para os estudantes produzirem grafitos, mas também desejávamos observar a existência de grafitos criativos, recorrentes e diferentes, bem como verificar quais tipos de grafitos atraíam principalmente os homens e quais atraíam as mulheres.

Os questionários foram aplicados por colaboradores pois supomos que a presença de uma psicóloga, cuja identidade profissional poderia vir à tona no caso de algum aluno indagar a respeito, pudesse constranger os estudantes em suas respostas, impedindo-lhes de se sentir livres para responder, no receio de alguma interpretação de seus comentários. Assim, ao aplicarem os questionários, os colaboradores somente informaram que se tratava de uma pesquisa sobre grafitos de banheiro que estava sendo desenvolvida pela Universidade de São Paulo.

5.2.2.2 Coleta de dados

Nosso contato com alguns “cursinhos” para efetuar a pesquisa recebeu resistência da parte dos coordenadores responsáveis decorrente do receio de que os questionários pudessem instigar os alunos a produzir grafitos, conforme expresso por um dos coordenadores. Em virtude dessa dificuldade inicial com os “cursinhos”, estabelecemos, então, contato com uma escola pública de segundo grau de São Paulo, que consentiu a aplicação de questionários em alunos do segundo ano

colegial, cujas idades aproximam-se às dos alunos de “cursinho”, já que estavam finalizando o segundo ano correspondente, alguns deles, inclusive, planejando estudar em algum “cursinho” no ano seguinte.

A opção pela escola deveu-se ao elevado nível de preparo de seus alunos, com perfil semelhante ao dos estudantes de “cursinho”, pois, em geral, eles, tanto em um quanto em outro estabelecimento, estão interessados no preparo para o exame vestibular, sendo que esses alunos, em sua maioria, acabam sendo aprovados em algum exame, muitas vezes nos mais concorridos. Além disso, em ambas instituições de ensino, a população é proveniente, em sua maior parte, da classe média.

Assim, nos dias 21 e 22 do mês de outubro de 1998, foram aplicados questionários em 22 alunos do sexo masculino e 20 do sexo feminino de uma escola pública de segundo grau localizada em São Paulo e, entre os dias 29 de setembro e 20 de outubro, em 20 estudantes universitários do sexo masculino e 21 do sexo feminino da mesma universidade onde foram coletados os grafitos objeto dos estudos realizados nesta pesquisa.

5.3 Resultados

Foram observados alguns dados interessantes, muitos deles de acordo com os resultados obtidos nos estudos que realizamos com os grafitos de banheiro coletados em 1992. As Tabelas 5.1-5.6 apresentam frequências de respostas às quatro perguntas formuladas nos questionários, nelas tendo sido incluídas categorias com frequências iguais a zero porque também nos interessavam, para fins de comparação, ausências de respostas. As perguntas formuladas nos questionários permitiam respostas múltiplas, portanto, a soma das porcentagens não perfaz o total de 100.

Utilizaram-se, no trato dos dados, apenas as frequências absolutas e relativas das respostas.

A Tabela 5.1 apresenta as frequências de respostas à primeira questão (“Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?”) em cada ambiente.

Tabela 5.1 Frequências das respostas à questão 1 (“Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?”) por ambiente

<i>Temas</i>	<i>Segundo grau (N=42)</i>		<i>Universidade (N=41)</i>	
	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Anonimato	10	23,8	15	36,6
Ausência de censura	3	7,1	12	29,3
Vandalismo	10	23,8	4	9,8
Deixar marca	8	19,0	5	12,2
Exibicionismo	8	19,0	2	4,9
Exprimir pensamentos	8	19,0	7	17,1
Desabafar	7	16,7	0	0
Humor	3	7,1	5	12,2
Revolta	5	11,9	6	14,6
Tédio	5	11,9	7	17,1
Forma de comunicação	1	2,4	4	9,8
Criatividade	0	0	3	7,3
Exprimir desejos	0	0	2	4,9
Exprimir sentimentos	0	0	5	12,2
Para expressar-se	3	7,1	0	0
Influenciadas por outros grafitos	4	9,5	3	7,3
Para influenciar pessoas	0	0	3	7,3
Insegurança	1	2,4	2	4,9
Rivalidade	0	0	2	4,9
Deixar mensagem	3	7,1	0	0
Provocar reflexão	2	4,8	0	0
Pelo risco de ser pego	2	4,8	0	0
Porque é legal	3	7,1	0	0
Para zoar	3	7,1	0	0
Escrever nome de quem se ama	2	4,8	0	0
Outros	20	47,6	6	14,6

Porcentagens não somam 100 por terem sido permitidas respostas múltiplas

O motivo mais citado em resposta à primeira questão foi o anonimato, mencionado por 23,8% dos estudantes de segundo grau e 36,6% dos universitários.

Uma outra causa, também citada, ligada ao anonimato, foi a ausência de censura, à qual os estudantes universitários fizeram menção com mais frequência que os alunos de segundo grau (29,3% x 7,1%).

Em grande número, alunos de segundo grau afirmaram que as pessoas escrevem grafitos de banheiro por vandalismo (23,8%). Este motivo, entre esses estudantes, foi tão mencionado quanto o anonimato. Mas, por outro lado, somente 9,8% dos estudantes universitários citaram-no.

Outras causas apontadas com maior frequência pelos alunos de segundo grau que pelos estudantes universitários foram o exibicionismo (19% x 4,9%), a possibilidade de deixar marca (19% x 12,2%) e de expressar-se de maneira geral (7,1% x 0).

Os alunos de segundo grau apontaram uma série de motivos não citados pelos estudantes universitários, tais como deixar mensagem (7,1%), provocar reflexão (4,8%), risco de ser pego (4,8%), “ser legal” produzir grafitos (7,1%) e a finalidade de “zoar” com essa produção (7,1%). Os estudantes universitários também relataram algumas razões que não foram mencionadas pelos de segundo grau: criatividade (7,3%), exprimir desejos (4,9%) e exprimir sentimentos (12,2%).

Foi bem maior a variedade de causas apontadas pelos estudantes de segundo grau que pelos universitários (39 x 23 categorias de respostas). Essa diversidade foi tão grande que a frequência de respostas classificadas na categoria “outros” foi muito maior entre os primeiros (20 x 6). É interessante assinalar que alunos de segundo grau apontaram razões muito diversificadas para escrever em banheiros, tais como “para embelezar o ambiente”, “estrear caneta nova”, “afrontar autoridade” e “onanismo do adolescente”.

Na Tabela 5.2, são apontadas as freqüências de respostas à primeira questão por sexo em cada ambiente.

Tabela 5.2 Freqüências das respostas à questão 1 (“Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?”) por sexo em cada ambiente

Temas	Segundo grau				Universidade			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	(N=22)		(N=20)		(N=20)		(N=21)	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Anonimato	3	13,6	7	35,0	8	40,0	7	33,3
Ausência de censura	2	9,1	1	5,0	8	40,0	4	19,0
Vandalismo	6	27,3	4	20,0	2	10,0	2	9,5
Deixar marca	7	31,8	1	5,0	1	5,0	4	19,0
Exibicionismo	4	18,2	4	20,0	1	5,0	1	4,8
Desabafar	1	4,5	6	30,0	0	0	0	0
Humor	2	9,1	1	5,0	4	20,0	1	4,8
Revolta	4	18,2	1	5,0	3	15,0	3	14,3
Tédio	4	18,2	1	5,0	2	10,0	5	23,8
Forma de comunicação	1	4,5	0	0	2	10,0	2	9,5
Criatividade	0	0	0	0	3	1,0	0	0
Exprimir pensamentos	3	13,6	5	25,0	4	20,0	3	14,3
Exprimir desejos	0	0	0	0	2	10,0	0	0
Exprimir sentimentos	0	0	0	0	1	5,0	4	19,0
Para expressar-se	2	9,1	1	5,0	0	0	0	0
Influenciadas por outros grafitos	2	9,1	2	10,0	0	0	3	14,3
Para influenciar pessoas	0	0	0	0	2	10,0	1	4,8
Insegurança	1	4,5	0	0	2	10,0	0	0
Rivalidade	0	0	1	5,0	2	10,0	0	0
Deixar mensagem	2	9,1	1	5,0	0	0	1	4,8
Provocar reflexão	1	4,5	1	5,0	0	0	0	0
Pelo risco de ser pego	2	9,1	0	0	0	0	0	0
Porque é legal	3	13,6	0	0	1	5,0	0	0
Para zoar	2	9,1	1	5,0	0	0	0	0
Escrever nome de quem se ama	0	0	2	10,0	0	0	0	0
Outros	11	50,0	7	35,0	3	15,0	1	4,8

Porcentagens não somam 100 por terem sido permitidas respostas múltiplas

“Deixar marca” foi uma resposta bastante freqüente para a primeira questão entre os estudantes de segundo grau do sexo masculino (31,8%). De fato, junto com vandalismo (27,3%), foi a que mais apareceu. Outras respostas obtidas foram

exibicionismo (18,2%), revolta (18,2%), tédio (18,2%), anonimato (13,6%), possibilidade de exprimir pensamentos e o fato de “ser legal” produzir grafitos (13,6%).

Já entre as meninas estudantes de segundo grau, a causa mais citada para a produção de inscrições nos banheiros foi o anonimato (35%). Além do anonimato, mencionaram, ainda, como motivos, a possibilidade de desabafar (30%) e de exprimir pensamentos (25%), bem como o exibicionismo (20%) e o vandalismo (20%), este motivo tendo sido menos citado por elas que por eles. Quanto ao exibicionismo, foi citado com frequência semelhante por homens e por mulheres (18,2% x 20%).

A ausência de censura, uma das causas para a produção de grafitos de banheiro mais citadas pelos estudantes universitários, apareceu com frequências diferentes entre os sexos. Quarenta por cento dos estudantes universitários do sexo masculino apontaram a ausência de censura como razão para produzir grafitos de banheiro, enquanto apenas 19% das mulheres mencionaram esse motivo.

Outra resposta que apresentou disparidade de distribuição entre os estudantes universitários foi o humor: 20% dos homens afirmaram que as pessoas escrevem nas portas e paredes dos banheiros pela jocosidade envolvida nesse ato, enquanto somente 4,8% das mulheres citaram o humor. Os homens afirmaram, ainda, que as pessoas escrevem por estarem resguardadas pelo anonimato (40%), bem como para exprimir pensamentos (20%) e por revolta (15%). Estudantes universitários do sexo feminino também apontaram o anonimato como causa freqüente da produção de grafitos (33,3%), além da possibilidade de as pessoas exprimirem seus sentimentos (19%) e de deixarem suas marcas (19%).

A Tabela 5.3 apresenta as frequências das respostas à segunda questão do questionário (“Sobre o que *as pessoas do mesmo sexo do respondente* mais gostam de escrever?”) por sexo e em cada ambiente, e a Tabela 5.4, a distribuição das respostas à terceira questão (“Sobre o que *as pessoas do sexo oposto* mais gostam de escrever?”) por sexo e em cada ambiente. Essas duas perguntas, em verdade, contrapõem-se, já que, enquanto uma se refere ao que os estudantes pensam que as pessoas do mesmo sexo escrevem nos banheiros, a outra se relaciona com o que elas acreditam que seja a produção efetuada pelos colegas do sexo oposto.

Entre os estudantes de segundo grau do sexo masculino, 63,6% afirmaram que os homens gostam de escrever, sobretudo, a respeito de sexo, enquanto apenas 5% das mulheres mencionaram sexo como principal tema dos grafitos produzidos por elas próprias. Os homens, no entanto, imaginaram que as mulheres escrevessem mais sobre esse assunto que o relatado por elas: 45,5% deles afirmaram que as mulheres escrevem sobre sexo, valor bem mais alto que os 5% alcançados por elas. As mulheres, por outro lado, supuseram que os homens escrevessem menos sobre sexo que o reportado por eles: somente 10% das mulheres afirmaram que os homens escrevem sobre sexo, tema mais citado pelos estudantes do sexo masculino como sendo o preferido pelos seus colegas de mesmo sexo.

Xingamentos também foram bastante citados por estudantes de segundo grau: 27,3% homens e 40% das mulheres afirmaram que seus colegas do mesmo sexo produziam xingamentos nas portas e paredes de banheiros. Palavrões foram, igualmente, bastante mencionados pelos homens como um dos conteúdos de grafitos mais frequentemente produzidos pelos próprios homens (31,8%). No entanto, somente 5% das mulheres afirmaram serem os palavrões seu tema preferido.

Tabela 5.3 Frequências das respostas à questão 2 (“Sobre o que *as pessoas do mesmo sexo do respondente* mais gostam de escrever?”) por sexo em cada ambiente

Temas	Segundo grau				Universidade			
	Homens (N=22)		Mulheres (N=20)		Homens (N=20)		Mulheres (N=21)	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Sexo	14	63,6	1	5,0	17	85,0	10	47,6
Xingamentos	6	27,3	8	40,0	5	25,0	5	23,8
Palavrões	7	31,8	1	5,0	3	15,0	2	9,5
Insultos sobre a mãe do outro	5	22,7	0	0	0	0	0	0
Seus grupos	5	22,7	0	0	0	0	0	0
Marcas, símbolos	3	13,6	0	0	0	0	0	0
Nomes	0	0	0	0	0	0	1	4,8
Conteúdos homossexuais	3	13,6	0	0	4	20,0	0	0
Defecação	3	13,6	0	0	1	5,0	0	0
Futebol	1	4,5	0	0	7	35,0	0	0
Amor	1	4,5	16	80,0	1	5,0	7	33,3
Sobre pessoas do outro sexo	1	4,5	9	45,0	3	15,0	5	23,8
Atacam pessoas do mesmo sexo	0	0	8	40,0	0	0	7	33,3
Provocações	0	0	1	5,0	0	0	0	0
Críticas	0	0	3	15,0	0	0	0	0
Poesia	2	9,1	6	30,0	3	15,0	4	19,0
Drogas	1	4,5	1	5,0	0	0	0	0
Conteúdos caracterizados pelo humor	3	13,6	1	5,0	2	10,0	0	0
Masturbação	1	4,5	0	0	0	0	0	0
Professores	2	9,1	0	0	0	0	0	0
Recados	2	9,1	1	5,0	0	0	3	14,3
Política	0	0	0	0	3	15,0	0	0
Vida alheia	0	0	0	0	4	20,0	0	0
Não sabe	0	0	0	0	0	0	1	4,8
Outros	9	40,9	7	35,0	7	35,0	3	14,3

Porcentagens não somam 100 por terem sido permitidas respostas múltiplas

As mulheres, por outro lado, não pareceram acreditar que os homens fossem tão agressivos ao produzirem grafitos quanto os próprios homens afirmaram sê-lo: 15% das mulheres relataram que os homens escrevem xingamentos, contra os 31,8% dos homens que responderam ser esse o tema preferido por seus colegas do mesmo sexo. Em pequena frequência (9,1%), homens citaram xingamentos como sendo o tema mais abordado pelas mulheres. Os homens preferiram citar o amor como um dos conteúdos mais recorrentes entre os produzidos pelas mulheres (36,4%), cuja

freqüência só foi menor que a do tema sexo (45,5%). As mulheres, contudo, pareceram ser mais românticas do que supuseram os homens: 80% delas afirmaram ser o amor o assunto preferido por elas.

Outro tema citado pelos homens como preferido pelas mulheres foram os ataques às próprias mulheres, conteúdo esse também bastante mencionado pelas próprias mulheres como sendo dos mais freqüentes entre as inscrições realizadas pelas colegas do mesmo sexo, mais citado ainda que pelos homens: 40% delas 18,2% deles fizeram menção ao ataque a outras mulheres como sendo um tópico de interesse. Muitas mulheres (30%) também afirmaram que mulheres escrevem poesia nas portas e paredes dos banheiros. Os homens não imaginaram que a poesia fosse um tema tão freqüente entre os grafitos femininos: somente 9,1% deles fizeram referência à poesia como tópico de preferência das estudantes do sexo feminino.

Os estudantes de segundo grau do sexo masculino afirmaram, ainda, que seus colegas do mesmo sexo escrevem muito sobre seus grupos (22,7%), produzem marcas nas portas e paredes dos banheiros (13,6%), bem como fazem grafitos com alusão ao homossexualismo (13,6%), à defecação (13,6%) e de conteúdo jocoso (13,6%). Curiosamente, apenas 4,1% dos estudantes de segundo grau do sexo masculino citaram o futebol como tema preferido pelos seus colegas de mesmo sexo. Também foi interessante observar que os estudantes de segundo grau do sexo masculino citaram insultos à mãe do outro (22,7%) como tema recorrente nos grafitos produzidos neste grupo.

Apenas uma estudante de segundo grau (5%) afirmou que os homens escrevem sobre seus grupos. Nenhuma delas afirmou que os homens fazem marcas nas portas e paredes de banheiros ou que produzem grafitos sobre defecação. Insulto à mãe do outro também não foi citado por qualquer mulher como sendo tema de

preferência dos homens. Poucas delas mencionaram o futebol (5%) ou o homossexualismo (5%) como sendo temas freqüentes entre as inscrições masculinas. O tipo de grafito citado pelas mulheres como o mais produzido pelos homens (30%) foram os desenhos de mulheres. Por outro lado, nenhum estudante de segundo grau do sexo masculino afirmou serem os desenhos de mulheres um tipo de inscrição preferido por seus colegas de mesmo sexo.

Na universidade, sexo foi o tema mais citado pelos homens e pelas mulheres como sendo o preferido pelos colegas de mesmo sexo na produção de grafitos de banheiro, especialmente pelos primeiros: 80% dos homens e 47,6% das mulheres afirmaram que os estudantes de mesmo sexo que o seu escrevem sobre esse assunto. No entanto, ao serem indagadas a respeito do tema preferido pelos colegas do sexo oposto, uma porcentagem menor de mulheres (57,1%), comparativamente à porcentagem de homens (80%), apontou sexo como sendo o assunto mais abordado por estes. A suposição masculina a respeito do tema preferido pelas mulheres foi bastante semelhante ao relatado pelas mulheres relativamente aos grafitos por elas produzidos: 45% deles e 47,6% delas afirmaram ser sexo o tema mais freqüente entre os grafitos femininos.

Diferentemente dos estudantes de segundo grau, os estudantes universitários do sexo masculino citaram o futebol como segundo tema mais abordado pelos homens (35%), perdendo apenas para sexo (80%). Nenhuma mulher citou o futebol como sendo tema freqüente nos grafitos de banheiro masculinos. Entre os temas preferidos por elas, segundo as próprias estudantes universitárias, encontram-se o amor (33,3%) e os ataques a outras mulheres (33,3%). Nenhum estudante universitário do sexo masculino citou esses ataques como tema abordado pelas

mulheres em seus grafitos e somente 15% deles afirmaram ser o amor um tópico de interesse feminino.

Tabela 5.4 Frequências das respostas à questão 3 (“Sobre o que você acha que as pessoas do sexo oposto mais gostam de escrever?”) por sexo em cada ambiente

Temas	Segundo grau				Universidade			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	(N=22)		(N=20)		(N=20)		(N=21)	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Sexo	10	45,5	2	10,0	9	45,0	12	57,1
Xingamentos	2	9,1	3	15,0	2	10,0	5	23,8
Palavrões	3	13,6	5	25,0	0	0	4	19,0
Ameaças	0	0	2	10,0	0	0	0	0
Prostituta, mulher promíscua	1	4,5	0	0	2	10,0	0	0
Seus grupos	0	0	1	5	0	0	1	4,8
Marcas, símbolos	1	4,5	0	0	0	0	0	0
Nomes, apelidos	5	22,7	1	5,0	0	0	1	4,8
Conteúdos homossexuais	0	0	1	5,0	0	0	1	4,8
Defecação	0	0	0	0	0	0	1	4,8
Futebol	0	0	1	5,0	0	0	2	9,5
Amor	8	36,4	1	5,0	3	15,0	0	0
Sobre pessoas do outro sexo	2	9,1	2	10,0	3	15,0	9	42,9
Atacam pessoas do mesmo sexo	4	18,2	0	0	0	0	0	0
Provocações	0	0	2	10,0	0	0	0	0
Poesia	1	4,5	0	0	0	0	0	0
Drogas	0	0	2	10,0	0	0	0	0
Conteúdos caracterizados pelo humor	0	0	0	0	0	0	2	9,5
Professores	0	0	1	5,0	0	0	0	0
Recados	1	4,5	1	5,0	0	0	0	0
Fofocas	2	9,1	0	0	5	25,0	0	0
Besteiras	0	0	4	20,0	0	0	0	0
Auto-afirmação	0	0	2	10,0	0	0	0	0
Desenhos	0	0	3	15,5	0	0	1	4,8
Desenhos de pessoas do sexo oposto	0	0	6	30,0	0	0	0	0
Não sabe	3	13,6	0	0	3	15,0	0	0
Outros	5	22,7	5	25,0	7	35,0	4	19,0

Porcentagens não somam 100 por terem sido permitidas respostas múltiplas

Diferentemente dos estudantes de segundo grau, os estudantes universitários do sexo masculino citaram o futebol como segundo tema mais abordado pelos homens (35%), perdendo apenas para sexo (80%). Nenhuma mulher citou o futebol como sendo tema freqüente nos grafitos de banheiro masculinos. Entre os temas

preferidos por elas, segundo as próprias estudantes universitárias, encontram-se o amor (33,3%) e os ataques a outras mulheres (33,3%). Nenhum estudante universitário do sexo masculino citou esses ataques como tema abordado pelas mulheres em seus grafitos e somente 15% deles afirmaram ser o amor um tópico de interesse feminino.

A Tabela 5.5 apresenta as freqüências das respostas à quarta questão ("Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?") por sexo em cada ambiente. Uma freqüência maior de estudantes de segundo grau que de estudantes universitários lembrou-se de algum grafito: 71,4% x 39%.

Tabela 5.5 Freqüências das respostas à questão 4 ("Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?") por sexo em cada ambiente

<i>Temas</i>	<i>Segundo grau</i>				<i>Universidade</i>			
	<i>Homens</i>		<i>Mulheres</i>		<i>Homens</i>		<i>Mulheres</i>	
	<i>(N=22)</i>		<i>(N=20)</i>		<i>(N=20)</i>		<i>(N=21)</i>	
	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Sim	11	50,0	19	95,0	9	45,0	7	33,3

No segundo grau, um número bem maior de mulheres que de homens relatou lembrar-se de algum grafito: 95% x 50%. Na universidade, por outro lado, uma quantidade maior de homens que de mulheres afirmou que se lembrava de alguma inscrição, mas a diferença não foi tão grande: 45% x 33,3%. Transcrevemos, a seguir, alguns grafitos mencionados pelos estudantes nas respostas à quarta questão:

Segundo grau – Sexo masculino

1. “Quando sonhamos só, apenas sonhamos, quando juntos sonhamos, fazemos e vivemos a solidariedade” (Adp. Goethe).
2. “A felicidade só é completa quando fazemos outras pessoas felizes também”.
Ass.: eu.
3. “Foi neste banheiro... É, foi aqui que ‘comi’ sua mãe e sua irmã...”
4. “Cagar é a lei de tudo, a lei do universo...”
5. “Se puta fosse flor, essa escola era um jardim!”
6. “The Hemps”.
7. “Escrevi e saí correndo, pau no ... de quem tá lendo”.
8. “AVISO
Este tentando ler
tem um idiota.”
9. “You wouldn’t believe what the guy in here before you did!”
10. “Cagar é a lei da vida,
cagar é a lei do universo,
pois foi cagando
que eu fiz esse verso.”

Barroso
11. “Após utilizar, aperte a descarga. Obrigado”.
12. “Tem viado um ler
aviso este tentando
ass: o que te ...”
13. “Quem pixa banheiro é f.d.p.”

Segundo grau – Sexo feminino

1. ... “Amor não é uma declaração nas portas de um banheiro e sim uma declaração nas portas do coração”.
2. “Quem ama não precisa falar, demonstrar para todos, ama-se em silêncio, quem fala para todos que ama alguém, na verdade não ama.”
3. “Coma Japonês com moderação.”
4. “Na solidão do banheiro sinto uma agonia profunda, é a bosta que bate na água, é a água que bate na bunda”.
5. “Aonde está você? Agora que estou pronto para amar você se foi. Se existe felicidade, volta p/ mim.”
6. “Porque vocês dizem que amam todos os homens, amam todos e não amam nenhum. Quando vocês realmente amarem saberão e não precisarão dizer para ninguém, você dirá a ele por meio de um olhar ou carinho, e só aí vocês saberão que realmente amam.”
7. “Se o mundo fosse perfeito, todo mar teria onda, toda música seria reggae e toda fumaça daria barato”.
8. (resposta citada pela aluna ao grafito acima e a um outro, não mencionado por ela) “Viu como existem coisas impossíveis, suas duas idiotas”.
9. “A cauda do pavão é a luxúria de Deus” (William Blake).

Universidade – Sexo masculino

1. “Enquanto você está aqui, um japonês está estudando”.
2. “Por esse mundo sem fim
Nunca vi um banheiro tão sujo assim
É tão sujo que não sei
Se estou cagando nele
ou ele cagando em mim!”
3. “Aqui é o lugar onde o covarde faz força e o corajoso se borra todo”.
4. “Lula Presidente
do banheiro”
5. “Cão Fila”.
6. “Quero dar o cu. Ligue para ____”.
7. “Morte aos Judeus”.
8. “Aqui caguei
Aqui deixei parte de mim
Mas era uma parte que não prestava mesmo...
Então caguei feliz.”

Universidade – Sexo feminino

1. Desenho de “águia” (a aluna cita o desenho).
2. “Quero seu pau gostoso entrando na minha buceta”.

A Tabela 5.6 apresenta as frequências de grafitos transcritos em resposta à quarta questão (“Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?”) por sexo em cada ambiente.

Tabela 5.6 Frequências de grafitos transcritos em resposta à questão 4 (“Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?”) por sexo em cada ambiente

<i>Temas</i>	<i>Segundo grau</i>				<i>Universidade</i>			
	<i>Homens</i>		<i>Mulheres</i>		<i>Homens</i>		<i>Mulheres</i>	
	<i>(N=22)</i>		<i>(N=20)</i>		<i>(N=20)</i>		<i>(N=21)</i>	
	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Transcrição de grafito	13	59,1	9	45,0	8	40,0	2	9,5

É interessante notar que, apesar de as estudantes de segundo grau terem afirmado, em 95% dos casos, lembrar-se de algum grafito, somente 45% delas foram capazes de transcrevê-lo, sendo que 44,4% das inscrições por elas mencionadas fizeram referência ao amor. Entre estudantes de segundo grau do sexo masculino, 59,1% reproduziram, na folha de papel, alguma inscrição. Na universidade, 40% dos homens e apenas 9,5% das mulheres realizaram transcrição de grafitos ao responderem à quarta questão.

5.4 Discussão

Alguns resultados interessantes foram observados. O motivo mais citado para escrever grafitos foi o anonimato: 23,8% dos alunos de segundo grau e 36,6% dos universitários fizeram menção a ele. Na universidade, estudantes associaram o anonimato à ausência de censura, que foi mencionada por 29,3% deles. No segundo

grau, não houve esse tipo de associação explícita, uma vez que apenas 7,1% dos alunos responderam que as pessoas escrevem grafitos de banheiro porque se sentem garantidas de que não serão repreendidas. Para os estudantes de segundo grau, especialmente os do sexo feminino, o importante foi não ser identificado, já que 35% das alunas incluíram o anonimato em suas respostas.

A literatura constantemente cita o anonimato como um importante aspecto da produção das escritas latrinárias. Para Barbosa (1985), o banheiro é um local que oferece segurança, anonimato e intimidade. Pellegrini Filho (1982, 1987) também aponta a relevância que tem a condição de anonimato para a realização dessas inscrições, pois ela permite ao emissor expressar seus sentimentos e idéias sem medo de represálias.

Houve, contudo, quem mencionasse, ao responder à primeira pergunta do questionário, o risco de ser pego como motivação para produzir grafitos. Esse tipo de resposta aponta a existência de certa ambigüidade no ato de grafitar, que parece atrair não só pelo anonimato, mas também por envolver risco, deixando entrever que a transgressão presente no ato de grafitar exerce algum fascínio.

Entre os alunos de segundo grau, 11,9% afirmaram que as pessoas escrevem grafitos de banheiro por rebeldia e 23,8%, por vandalismo. Na universidade, os estudantes continuaram a citar a rebeldia como motivação (14,6%), mas uma porcentagem menor deles citou o vandalismo (9,8%). Os exemplos que apontamos a seguir contêm respostas que mencionam o vandalismo:

“Desleixo pelo patrimônio público, vandalismo, falta de respeito, e falta do que fazer. Muitos garotos acham que é um modo de enfrentar as autoridades, outros o fazem pelo risco e pelo medo de ser pego, querem viver no risco. Existem várias ‘razões’, mas nenhuma

fundamentada a ponto de ser mais importante que a preservação de um patrimônio.” (Segundo grau – Sexo masculino).

“Acredito que, embora as razões sejam divergentes, o que predomina é uma falta de respeito à conservação e manutenção dos diferentes locais nos quais ocorrem os atos de vandalismo mencionados.” (Universidade – Sexo feminino).

Barbosa (1985) afirma que a proibição realmente desperta o fascínio pela transgressão. Escrevendo-se grafitos de banheiro, transgride-se a regra de não danificar propriedade alheia. Se o conteúdo do que se escreve é obsceno, rompe-se também com uma outra regra, a de não pronunciar o impronunciável: o palavrão. Kutakoff (1972) afirma que fazer inscrições nas portas e paredes de banheiros corresponde a um ato de desafio a uma proibição.

Um motivo bastante mencionado pelas estudantes de segundo grau, citado apenas por um estudante de segundo grau do sexo masculino, foi a possibilidade de desabafar. Na universidade, contudo, essa causa para a produção de grafitos não foi apontada por qualquer estudante. A seguir, apresentamos alguns exemplos de respostas de estudantes do sexo feminino de segundo grau à primeira questão, em que faziam menção ao desabafo:

“As pessoas escrevem para se desabafar, confessar alguma coisa, deixar frases para que os outros reflitam”.

“Há momentos em que nos encontramos tristes e angustiadas e precisamos conversar com alguém, mas nem sempre é possível, então tentamos deixar um desabafo que algumas vezes serve até como um recado”.

“Para desabafar uma coisa que estão sentindo e muitas vezes não têm coragem de falar para ninguém”.

Alguns autores afirmam que os grafitos de banheiro funcionam como uma verdadeira “válvula de escape”. Segundo Gadpaille (1971), o impulso para expressar desejos proibidos, para liberar vontades reprimidas e para quebrar tabus, tanto individuais quanto sociais, corresponde à essência geral dos grafitos. Para Pellegrini Filho (1987), “os grafitos de banheiro servem como válvulas de escape para as tensões sociais” (p.238) e, em sua elaboração, ocorre um ritual catártico na transgressão de proibições sociais. Barbosa (1987) também afirma a existência de um deboche catártico no ato de espalhar fofocas e boatos com a finalidade, principalmente, de desmoralizar autoridades.

Assim como a tragédia, inspirando medo e temor, promove a catarse própria dessas emoções (Aristóteles, 384-322 a.C.), os grafitos de banheiro também promoveriam algum tipo de purificação. Em Psicanálise, o método catártico consiste em um processo terapêutico cujo objetivo é a “purgação”, a descarga de afetos patogênicos (Laplanche, 1992). Deste modo, os grafitos poderiam ter um efeito terapêutico. Arango (1991) aponta, justamente, as virtudes terapêuticas da obscenidade. No ato de falar palavrão, o indivíduo entraria em contato com ocultas lembranças, ligadas ao desenvolvimento infantil da sexualidade. Quem não se lembra do passado torna-se compelido a repeti-lo. Assim, por meio do palavrão, o indivíduo poderia livrar-se de antigas fixações. O palavrão encontra espaço de expressão no contexto terapêutico do consultório e, pelos conteúdos observados nas portas e paredes de banheiros, em que o palavrão se faz bastante presente, parece que as pessoas também se apropriam deste meio, menos oneroso, para “purgar” afetos patogênicos.

“Para desabafar uma coisa que estão sentindo e muitas vezes não têm coragem de falar para ninguém”.

Alguns autores afirmam que os grafitos de banheiro funcionam como uma verdadeira “válvula de escape”. Segundo Gadpaille (1971), o impulso para expressar desejos proibidos, para liberar vontades reprimidas e para quebrar tabus, tanto individuais quanto sociais, corresponde à essência geral dos grafitos. Para Pellegrini Filho (1987), “os grafitos de banheiro servem como válvulas de escape para as tensões sociais” (p.238) e, em sua elaboração, ocorre um ritual catártico na transgressão de proibições sociais. Barbosa (1987) também afirma a existência de um deboche catártico no ato de espalhar fofocas e boatos com a finalidade, principalmente, de desmoralizar autoridades.

Assim como a tragédia, inspirando medo e temor, promove a catarse própria dessas emoções (Aristóteles, 384-322 a.C.), os grafitos de banheiro também promoveriam algum tipo de purificação. Em Psicanálise, o método catártico consiste em um processo terapêutico cujo objetivo é a “purgação”, a descarga de afetos patogênicos (Laplanche, 1992). Deste modo, os grafitos poderiam ter um efeito terapêutico. Arango (1991) aponta, justamente, as virtudes terapêuticas da obscenidade. No ato de falar palavrão, o indivíduo entraria em contato com ocultas lembranças, ligadas ao desenvolvimento infantil da sexualidade. Quem não se lembra do passado torna-se compelido a repeti-lo. Assim, por meio do palavrão, o indivíduo poderia livrar-se de antigas fixações. O palavrão encontra espaço de expressão no contexto terapêutico do consultório e, pelos conteúdos observados nas portas e paredes de banheiros, em que o palavrão se faz bastante presente, parece que as pessoas também se apropriam deste meio, menos oneroso, para “purgar” afetos patogênicos.

Arluke et al. (1987) afirmam que os grafitos de banheiro servem como válvula de escape principalmente para os homens, pois as mulheres parecem manter-se apegadas, mesmo no espaço reservado do banheiro, em que estão protegidas pelo anonimato, a papéis sociais de gênero, sendo mais controladas que os homens pelas demandas sociais, especialmente quando o assunto é sexo. Kutakoff (1972) também sustenta a existência de maior apego a papéis sociais por parte das mulheres.

Na universidade, as mulheres citaram, além do anonimato, o tédio (23,8%) Como uma das principais causas que levam as pessoas a produzir grafitos de banheiro. Exemplos de respostas desse tipo são: “Falta do que fazer enquanto espera...” e “Talvez para ter alguma ocupação enquanto ‘cagam’, seria um substituto do ato de leitura de jornal, principalmente no caso dos homens”.

Kutakoff (1972) faz menção ao tédio como causa para a produção de grafitos. Reisner (1971) afirma que uma das maiores razões pelas quais se escreve nas paredes de banheiro seja puro tédio. Sem ter algo para ler, a pessoa se vê diante do desafio de criar algo com que se entreter.

O ato de ler entre as quatro paredes do banheiro, citado pela aluna de segundo grau e por Reisner (1971), também é mencionado por alguns autores. Arango (1991) afirma que o hábito de ler no banheiro é bastante difundido, herdeiro do prazer infantil de “defecar em companhia” (p.54). Para Dundes (1966), a prática comum de ler em banheiro é essencialmente um ato de incorporação que tem por função equilibrar o material perdido através da defecação. Existiria, portanto, a seguinte equação: escrever = fezes. É interessante observar que, em nosso segundo estudo (Capítulo 3), os estudantes do sexo masculino, tanto nos “cursinhos” quanto na universidade, escreveram mais termos relativos à defecação que as mulheres, não sendo essa diferença, contudo, significativa.

“Deixar marca” foi a resposta mais produzida pelos alunos de segundo grau para a primeira questão (31,8%), “Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?” Este resultado está de acordo com uma característica das escritas latrinárias bastante mencionada na literatura: a possibilidade de deixar marca pessoal ou de grupo (Dundes, 1966; Lomas, 1976; Alexander, 1978; Ahmed, 1981; Ramos, 1994; Schreer & Strichartz, 1997). Dundes (1966) afirma que o desejo de deixar marca ou algo para a posteridade está provavelmente envolvido nas inscrições realizadas nos banheiros. Além disso, também existe, entre outras formas de vida primata, o comportamento de demarcar limites territoriais através do ato de urinar ou defecar. Dois estudantes de segundo grau do sexo masculino chegaram até mesmo a utilizar a expressão “demarcação/marcação de território” em resposta à primeira questão:

“Deixar sua marca como demarcação de território, ou algo parecido.”

“Um tipo de marcação de área, território.”

A escatologia faz parte do repertório da escrita latrinária (Pellegrini Filho, 1980; Barbosa, 1985), especialmente a produzida por homens. “Defecação” foi uma categoria de resposta freqüente entre os estudantes de segundo grau do sexo masculino (13,6%) à segunda pergunta do questionário (“Sobre o que *as pessoas do mesmo sexo do respondente* mais gostam de escrever?”). Nenhuma mulher mencionou a defecação como tema de preferência das mulheres. Dundes (1966) defende a hipótese de o maior interesse masculino pela escatologia estar ligado à inveja da gravidez. Uma vez que os homens não podem produzir filhos, enfatizam um outro tipo de produção corporal de que são capazes: as fezes. As mulheres, por

seu potencial de gerar vida, de produzir bebês, não teriam a necessidade de se interessar por esse tipo de material. Vale retomar um grafito produzido em banheiro universitário masculino:

“Cagar e fecundar guardam em si um paradoxo, ambos, por razões ambíguas, dão imenso prazer após o ato”.

“Entre fezes e urina nascemos”. Esta frase é mencionada por Arango (1991, p.39) ao discorrer sobre o freqüente conteúdo escatológico dos palavrões. Freud (1905 [1901]) utiliza a expressão em latim, ao analisar a associação entre funções reprodutoras e excretoras:

“Mas os órgãos genitais, e em especial o membro masculino, podem lembrar as funções excretoras, porque aqui o órgão, além de desempenhar a função sexual, serve também à da micção. Na verdade, esta é a primeira das duas a ser conhecida, e é a única conhecida durante o período pré-sexual. É assim que a repugnância se inclui nas manifestações afetivas da vida sexual. É o “*inter urinas et faeces nascimur*” dos Padres da Igreja, que adere à vida sexual e dela não pode desprender-se, a despeito de todos os esforços de idealização.” (19, p.37).

Essa associação, que se mostrou explícita no grafito mencionado anteriormente, produzido em banheiro universitário masculino, pode explicar a grande freqüência com que conteúdos escatológicos/anais mesclam-se a conteúdos sexuais, especialmente nos grafitos produzidos em banheiros masculinos.

O tema mais citado pelos homens como sendo o preferido por eles próprios ao produzirem grafitos de banheiro foi sexo, mencionado por 63,3% dos estudantes

de segundo grau e 85% dos universitários. Interessantemente, somente 5% das mulheres estudantes da escola de segundo grau fizeram menção a sexo. Na universidade, 47,6% das estudantes afirmaram que as mulheres gostam de escrever sobre esse assunto nas portas e paredes de banheiros públicos. Enfim, sexo parece ser tema comum nas escritas latrinárias (McGlynn, 1972) e a maior produção de grafitos sexuais por homens que por mulheres foi observada por diversos autores (Kinsey et al., 1953; Wales & Brewer, 1976; Bruner & Kelso, 1981; Lowestine et al., 1982; Arluke et al., 1987).

Foi interessante termos verificado que uma porcentagem bem maior de estudantes de segundo grau do sexo masculino (45,5%) que do sexo feminino (5%) afirmaram que o tema preferido das mulheres era sexo. Em nosso primeiro estudo (Capítulo 2), verificamos que apenas 9% dos grafitos produzidos em banheiros femininos de “cursinhos” foram classificados na categoria sexo. Assim, os homens estudantes de segundo grau “erraram” quanto à frequência desse assunto entre os grafitos femininos (45,5% x 9%), superestimando-o, e as mulheres, por outro lado, realizaram uma previsão bastante próxima do que foi verificado, na prática, em nosso primeiro estudo com os grafitos de banheiro (5% x 9%). Já na universidade, os homens “acertaram” um pouco mais quanto ao peso que tem o sexo na produção de grafitos femininos, uma vez que 45% deles afirmaram ser esse o tema sobre o qual as mulheres mais gostam de escrever, sendo que 34% dos grafitos femininos produzidos na universidade, analisados em nosso primeiro estudo (Capítulo 2), foram incluídos na categoria “sexo”. As mulheres estudantes universitárias também não “erraram” muito suas previsões a respeito do tema preferido por suas colegas universitárias ao responderem à terceira questão (“Sobre o que você acha que a *pessoa do mesmo sexo do respondente* mais gosta de escrever?”): 47,6% delas

afirmaram ser sexo o tema sobre o qual as mulheres mais gostam de escrever, enquanto 34% das inscrições produzidas em banheiros universitários femininos, analisados em nosso primeiro estudo, versaram sobre o assunto. No entanto, observamos que as universitárias superestimaram um pouco a importância desse tema para as próprias mulheres.

Em pequena frequência (10%), mulheres estudantes de segundo grau afirmaram que os homens gostam de escrever sobre sexo. Em nosso primeiro estudo, apenas 6% dos grafitos masculinos produzidos nos “cursinhos” foram classificados nesta categoria. Por outro lado, 57,1% dos alunos de segundo grau do sexo masculino relataram ser esse o tema de preferência dos homens ao escreverem grafitos de banheiro. Assim, as mulheres estudantes de segundo grau pareceram não “errar” muito quanto à frequência do assunto entre os grafitos masculinos, enquanto os homens exageraram um pouco a relevância do tema. Na universidade, as mulheres, em maior frequência (57,1%), citaram sexo como tema preferido dos homens. No entanto, esse valor ficou muito abaixo do alcançado pelos homens ao serem indagados a respeito do conteúdo preferido pelos próprios homens (85%). Em nosso primeiro estudo, 29% dos grafitos masculinos observados na universidade foram classificados na categoria sexo. Portanto, alunos e alunas superestimaram a frequência de sexo entre os grafitos masculinos, sendo que o exagero foi, mais uma vez, muito maior por parte dos homens. Os resultados alcançados nesta pesquisa oferecem fundamento para caracterizar o estereótipo masculino de os homens, geralmente, tenderem a exagerar quando falam de suas conquistas sexuais.

Observamos uma aparente diminuição do romantismo e aumento do erotismo nas manifestações dos grafiteiros do sexo feminino quando passam do segundo grau

para a universidade. Wales e Brewer (1976) mencionam uma diminuição do romantismo com o aumento do nível socioeconômico.

A baixa frequência de referências a sexo pelas estudantes de segundo grau pode indicar maior preocupação por convenções sociais (Kinsey et al., 1953) por parte das mulheres, maior repressão da sexualidade, que parece decrescer com o aumento do nível de escolaridade, ou o receio do julgamento de suas respostas pelos leitores de seus comentários.

As mulheres citaram o amor como seu tema preferencial, o que foi observado tanto entre as estudantes de segundo grau quanto entre as universitárias. No segundo grau, porém, esse assunto foi mencionado por uma porcentagem extremamente alta de mulheres (80%), tendo decrescido na universidade (33,3%), onde o sexo passou a ser o tema mais freqüente (47,6%).

Muitos autores relatam que as mulheres escrevem mais grafitos de conteúdo romântico que os homens (Wales & Brewer, 1976; Bruner & Kelso, 1981; Alexander, 1981; Ahmed, 1981; Otta, 1993; Otta et al., 1996). O estereótipo segundo o qual as mulheres são mais românticas que os homens e os homens mais eróticos que elas parece estar refletido em uma série de pesquisas envolvendo grafitos de banheiro. Kinsey et al. (1953) afirmam que existem diferenças sexuais básicas. Para esses autores, as mulheres não são excitadas pelos mesmos estímulos psicológicos que são significativos para os homens. Bruner e Kelso (1981) sustentam que diferenças de gênero relativas aos grafitos refletem modos de se comunicar e interagir em grupo com pessoas do mesmo sexo que foram padronizados culturalmente e adquiridos socialmente, e não propriamente diferenças sexuais básicas.

Boa parte dos estudantes de segundo grau do sexo masculino imaginou que as mulheres escrevessem sobre amor (36,4%), já que, depois de sexo (45,5%), essa foi a categoria de resposta mais citada por eles ao serem indagados sobre o que as pessoas do sexo oposto mais gostam de escrever (terceira questão). No entanto, as mulheres afirmaram escrever muito mais sobre o amor (80%) do que supunham os homens. Na universidade, depois de sexo (45%), os homens relataram que suas colegas preferiam escrever fofocas (25%) nas portas e paredes de banheiros. Somente 15% fizeram menção ao amor como assunto preferido das mulheres. Quase metade das estudantes de segundo grau (44,4%) citou algum grafito relacionado ao amor em resposta à última questão (“Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?”). Uma delas transcreveu um grafito romântico que faz uso de metalinguagem :

... “Amor não é uma declaração nas portas de um banheiro e sim uma declaração nas portas do coração”.

Entre os estudantes de segundo grau do sexo masculino, além de sexo (63,6%), observamos grande frequência de respostas citando palavrões (31,8%) e xingamentos (27,3%) como temas preferidos pelos homens na produção de grafitos de banheiro. As mulheres estudantes de segundo grau, além do amor (80%), mencionaram conteúdos relativos a pessoas do outro sexo (45%), ataques a pessoas do mesmo sexo (40%) e xingamentos (40%) como temas de sua preferência.

Na universidade, além de sexo (85%), os homens fizeram menção a futebol (35%) e xingamentos (25%) como temas preferidos pelos colegas do mesmo sexo. Entre as estudantes universitárias, as categorias mais frequentes de assuntos

preferidos pelas próprias mulheres foram sexo (47,6%), amor (33,3%), ataques a pessoas do mesmo sexo (33,3%) e xingamentos (23,8%).

Referências a xingamentos foram muito freqüentes nas respostas produzidas tanto por homens quanto por mulheres. Os estudantes de segundo grau do sexo masculino chegaram a mencionar insultos à mãe do outro como tema masculino recorrente, que não foi citado pelos universitários. As mulheres, por outro lado, nos dois ambientes, fizeram menção a ataques a outras mulheres como conteúdo predominante dos grafitos femininos. A presença de xingamentos e insultos em grafitos produzidos em banheiros masculinos foi verificada por diversos autores (Reisner, 1971; Bruner & Kelso, 1981; Barbosa, 1985; Pellegrini Filho, 1987; Otta, 1993; Otta et al., 1996; Schreer & Strichartz, 1997).

O espaço do banheiro também parece oferecer suporte para a agressividade feminina vir à tona. A constatação, neste estudo, de as mulheres terem afirmado que o ataque a outras mulheres é conteúdo freqüente entre os grafitos de banheiro feminino, atesta a existência de agressividade feminina nas inscrições latrinárias, bem como de um certo grau de rivalidade tanto entre as estudantes de segundo grau quanto entre as universitárias. Uma estudante universitária chegou a afirmar que as mulheres escrevem sobre outras mulheres por inveja. Uma aluna de segundo grau comentou, ainda, que as mulheres produzem “xingamentos a suas rivais”.

As respostas à última pergunta do questionário (“Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?”) revelaram algumas diferenças. Os estudantes de segundo grau afirmaram, com mais freqüência que os universitários (71,4% x 39%), lembrar-se de algum grafito. No segundo grau, as mulheres afirmaram recordar-se mais que os homens (95% x 50%) e, na universidade, os homens afirmaram recordar-se mais que as mulheres (45% x 33,3%).

Foi interessante verificar que alguns temas que surgiram nas respostas às perguntas anteriores do questionário também estavam presentes nos grafitos transcritos pelos estudantes ao responderem a última questão. A escatologia esteve presente nas citações que os estudantes do sexo masculino fizeram de grafitos. Vale a pena retomar, aqui, alguns exemplos:

“Cagar é a lei de tudo, a lei do universo...”

“Cagar é a lei da vida,
cagar é a lei do universo,
pois foi cagando
que eu fiz esse verso.”

Barroso

“Por esse mundo sem fim
Nunca vi um banheiro tão sujo assim
É tão sujo que não sei
Se estou cagando nele
ou ele cagando em mim!”

“Aqui caguei
Aqui deixei parte de mim
Mas era uma parte que não prestava mesmo...
Então caguei feliz.”

A presença de trovas “coprográficas” entre os grafitos de banheiro é comum e já foi mencionada na literatura. Barbosa (1985) afirma que os grafiteiros têm o hábito de versejar. Pellegrini Filho (1987) também faz menção ao versos latrinários e cita um dos mais comuns: “Neste lugar solitário/Onde a vaidade se acaba/Todo valente

faz força/Todo covarde se caga”. Uma variação dessa trova foi transcrita, no questionário, por um estudante universitário do sexo masculino, com certa autocensura: “Aqui é o lugar onde o covarde faz força e o corajoso se borra todo”, autocensura essa também percebida em comentário de outro estudante da universidade: “Encontrei uma porta certa vez em que havia vários poemas elegíacos ao ato de defecar. Não vou transcrevê-los por motivos óbvios”.

Tal censura talvez tenha decorrido do fato de as pessoas que participaram da pesquisa saberem que alguém leria o que estavam escrevendo. Mesmo no anonimato, algumas pessoas chegaram a indagar ao aplicador do questionário se podiam escrever palavrão. Ou seja, pediram permissão para fazer o que nos banheiros é feito sem necessidade de autorização e, mesmo, muitas vezes, ao sabor do prazer da transgressão.

O fato de os alunos de segundo grau terem lembrado algum grafito com mais frequência que os universitários (71,4% x 39%), aliado à maior variedade de motivos mencionados por eles para a produção de grafitos (39 x 23 categorias de respostas) em resposta à primeira questão, parece revelar envolvimento mais acentuado com a temática das escritas latrinárias. Vale lembrar que um aluno de segundo grau do sexo masculino escreveu “Agradecemos pela curiosidade” logo acima de nossos agradecimentos (“Agradecemos sua colaboração”). Apesar de muitos desses estudantes terem considerado os grafitos atos de vandalismo (23,8%), também foram mencionadas, por estudantes de segundo grau do sexo masculino, razões tão diversas para a produção desse tipo de inscrição quanto “aspiração à filosofia” e “onanismo adolescente” e, por estudantes de segundo grau do sexo feminino, motivos tão variados quanto “tornar o ambiente mais aconchegante e mais bonito”, “tornar engraçado o local ou mais diferente” e “estrear suas canetas novas”.

Curiosamente, esportes, que foram muito citados por alunos de “cursinho” em nosso primeiro estudo (Capítulo 2), não o foram pelos estudantes de segundo grau, somente 4,5% deles tendo mencionado o futebol como tema preferido pelos homens ao produzirem seus grafitos de banheiro. Na universidade, contudo, 35% dos estudantes afirmaram ser o futebol o tema mais abordado pelos homens. É possível que o futebol, “paixão nacional”, esporte predominante nos grafitos classificados nessa categoria (“esporte”) em nosso primeiro estudo (Capítulo 2), talvez não mais desperte interesse tão acentuado entre os adolescentes. Um motivo para essa mudança pode ser o fato de as torcidas organizadas de times de futebol não serem atualmente permitidas. Em 1992, ao contrário, as torcidas estavam no auge de suas atividades, que envolviam até mesmo atos de agressividade por parte de alguns de seus integrantes, fato que levou à sua proibição. Os grafitos coletados em banheiros masculinos de “cursinhos”, classificados na categoria “esporte” em nosso primeiro estudo, em geral faziam menção a torcidas organizadas (“Mancha Verde”, “Gaviões da Fiel”, “Torcida Independente Futebol Clube” etc.), nomes e apelidos de times (Palmeiras, Verdão, Corinthians, Timão, Coringão, São Paulo etc.) ou continham símbolos desses times, freqüentemente envolvendo comentários de teor agressivo (por exemplo, em “Já matamos um corinthiano e um palmeirense. Quem quiser dormir pra sempre que venha brigar com a gente. Ass.: Torcida Independente [desenho do símbolo do São Paulo Futebol Clube] Obs: Mancha e Gaviões só tem cusão”). Portanto, parecia configurar-se, nesses atos, o desejo de buscar um grupo de referência, tão importante nessa fase do desenvolvimento (Otta & Bussab, 1998), através da afirmação do próprio grupo e do ataque a grupos rivais, como se pode observar na Figura 2.2 (p.26).

Os resultados obtidos neste estudo, é importante ressaltar, devem ser analisados com cautela. A aplicação de questionários pode revelar dados interessantes, que complementam observações feitas a partir dos próprios grafitos. No entanto, trata-se de um método que exerce algum tipo de intrusão, já que o pesquisador de certa forma invade o universo de idéias e sentimentos do sujeito que participa da pesquisa.

Os grafitos de banheiro, por outro lado, não exercem esse tipo de intrusão, uma vez que são produzidos livremente pelas pessoas, o que confere o devido valor de pesquisa a esse tipo de material. Kutakoff (1972) e Schreer e Strichartz (1997) destacam essa característica das escritas latrinárias, referindo-se à análise dos grafitos de banheiro como um “método não intrusivo” de investigação. Schreer e Strichartz (1997) afirmam que o trabalho com esse tipo de material reduz preocupações sobre desejabilidade social que são inerentes a auto-relatos.

Pudemos observar diferenças entre homens e mulheres quanto à produção de grafitos de banheiro, de maneira geral, no primeiro estudo e, mais especificamente, com relação a conteúdos de teor sexual, no segundo e no terceiro estudo. O quarto estudo, que envolveu a aplicação de questionários para investigar aspectos motivacionais da produção de grafitos, também revelou dessemelhanças. Estariam homens e mulheres falando idiomas diferentes, conforme aponta Kramer (1974)? McCloskey e Coleman (1992) afirmam que existem “dialetos de gênero”, ou, em inglês, “*genderlects*”, de modo que homens e mulheres fariam distintos dialetos. Os resultados alcançados em nossos estudos indicam que os discursos masculino e feminino produzidos em portas e paredes de banheiros não são iguais. Alguns autores atribuem as desigualdades a diferenças sexuais básicas (Kinsey et al., 1953),

enquanto outros acreditam que sejam fruto de estratégias de comunicação socialmente condicionadas (Bruner & Kelso, 1981).

O funcionamento mental, segundo Freud (1930 [1929]), é regido por dois princípios: o princípio do prazer e o da realidade. O objetivo da atividade psíquica, em seu conjunto, é “evitar o desprazer e proporcionar o prazer” (Laplanche, 1992, p.364). A busca da satisfação, no entanto, nem sempre percorre caminhos mais curtos devido ao princípio da realidade. A satisfação “faz desvios e adia o seu resultado em função das condições impostas pelo mundo exterior” (Laplanche, 1992, p.368). A civilização impõe restrições à busca do prazer e elas parecem assumir configurações diversas para mulheres e homens. Apesar de as mudanças que a sexualidade humana vem experimentando nas últimas décadas, talvez o princípio da realidade seja mais rigoroso para com as mulheres do que com referência aos homens.

Nos grafitos de banheiro, é possível entrever algumas nuances do funcionamento psíquico feminino e masculino. A aplicação de questionários foi interessante não só por permitir compreender um pouco melhor o que pensam os estudantes sobre os grafitos de banheiro, mas também por representar mais um meio no qual essas nuances pudessem emergir. Seria interessante, a partir dos grafitos e dos questionários, entrevistar pessoalmente homens e mulheres para ouvi-los mais uma vez, agora na forma complementar de um diálogo.

CAPÍTULO 6

Conclusões

6 CONCLUSÕES

6.1 Derrubando resistências: a pesquisa com grafitos de banheiro

Neste trabalho, os estudos realizados com grafitos de banheiro, bem como os questionários aplicados em estudantes de segundo grau e universitários, contendo perguntas relativas a aspectos motivacionais envolvidos na produção desse tipo de inscrição, permitiram a observação de certos comportamentos humanos segundo diferentes perspectivas.

Alguns fatos merecem destaque. Grafitos de banheiro são produto de um comportamento humano e muito podem revelar a seu respeito. Não se pode, contudo, generalizar resultados encontrados em estudos com esse material à população como um todo, uma vez que os grafitos são produzidos em contextos determinados. Nossa pesquisa envolveu a análise de grafitos coletados em local e data bem específicos: banheiros públicos de “cursinhos” e de uma universidade localizados na cidade de São Paulo, Brasil, no ano de 1992.

Podemos inferir que as inscrições tenham sido produzidas por estudantes. Realmente, os banheiros são freqüentados especialmente por essa população, já que são a ela destinados. Além disso, procuramos minimizar a probabilidade de inclusão de

de grafitos produzidos por funcionários, empregados ou visitantes através da coleta de dados em andar superior ao térreo.

Também podemos inferir, a partir dos grafitos de banheiro, características a respeito de quem os escreve, mas de fato desconhecemos os verdadeiros produtores de escritas latrinárias. E é justamente o anonimato, tão citado por diversos autores e pelos próprios estudantes que participaram do estudo que envolveu a aplicação de questionários, que nos impede conhecer os reais autores de grafitos. Mas é também o mesmo anonimato que nos dá a segurança de que os grafitos foram produzidos de maneira mais livre, sem as preocupações presentes quando da aplicação de um teste.

No Brasil, é reduzida a quantidade de trabalhos sobre grafitos de banheiro, sendo um pouco maior em outros países, especialmente nos Estados Unidos. Nesse país, no entanto, a literatura sobre o assunto atingiu seu ápice nas décadas de 70 e 80, passando por um declínio em anos posteriores. Não encontramos qualquer tese sobre o tema escrita por psicólogo nos Estados Unidos ou no Brasil. A tese de doutoramento de Pellegrini Filho (1987), que versa sobre o folclore escrito e urbano, é uma importantíssima contribuição brasileira ao estudo dos grafitos de banheiro, já que inclui um capítulo dedicado ao tema, o olhar do autor seguindo uma abordagem comunicacional. Barbosa, que produziu uma dissertação de mestrado sobre esse assunto (Barbosa, 1985), também é da área de comunicações, assim como Kutakoff, que escreveu uma dissertação a respeito dos grafitos de banheiro (Kutakoff, 1972). Outros autores que produziram importantes trabalhos sobre as escritas latrinárias são antropólogos, tais como Dundes e Reisner.

O psicanalista Lomas (1973) sustenta que há uma resistência acadêmica ao estudo desse tema e pergunta:

“Poderia ser que o ato de trazer a presença desse comportamento à consciência estaria encontrando resistência, em particular o tipo de resistência que Freud tão freqüentemente encontrou por parte da comunidade científica toda vez que tentava apresentar suas idéias sobre a psicanálise?”⁹ (p.72)

Dundes (1966) afirma, ironicamente, ser permissível investigar os grafitos do passado, como os das culturas clássicas, mas ser inaceitável, academicamente, estudar os grafitos da nossa própria cultura. E conclui que a antropologia deve incluir o estudo de todos os aspectos da atividade humana.

No Brasil, a escassez de trabalhos sobre o tema dos grafitos de banheiro aponta uma certa resistência acadêmica. A não inclusão da palavra “grafitti”¹⁰, como termo indexado, no tesauro do *PsycLIT* (*Psychological Literature*), base de dados para busca bibliográfica desenvolvido pela *American Psychological Association* (APA) e utilizada na biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sendo que ela existe no tesauro do *Sociofile*, base de dados que corresponde ao *Sociological Abstracts*, empregada na biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sugere que tal resistência parece ser mais acentuada entre psicólogos, ainda que o interesse da Psicologia pelo assunto efetivamente exista. De fato, a Profa. Dra. Emma Otta, psicóloga e docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, interessou-se pelo tema e orientou-me em projeto de iniciação científica e no projeto desenvolvido durante o mestrado. A revista científica norte-americana *Psychological Reports* publicou, em 1996, artigo sobre o tema (relatado no Capítulo 2). A FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) aprovou, também em 1996, pedido de bolsa de

⁹ Tradução da autora.

¹⁰ “Grafitos”, em inglês.

iniciação científica para financiar pesquisa sobre esse assunto (descrita no Capítulo 3). O Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo aprovou projeto de pesquisa sobre grafitos de banheiro que foi realizada durante o curso de pós-graduação em nível de mestrado, nos anos de 1997 e 1998. O Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo acolheu a pesquisa e a CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) deferiu pedido de bolsa de mestrado para seu financiamento (os Capítulos 1, 4, 5 e 6, em especial, versam sobre o trabalho realizado no mestrado). Em 19/09/1998, parte do trabalho desenvolvido foi aprovado pelos integrantes da banca que participou do exame de qualificação para o mestrado, cujas sugestões foram incorporadas e acabaram gerando um capítulo desta dissertação (Capítulo 5).

Participaram da banca do exame de qualificação, além da Profa. Dra. Emma Otta, orientadora, os Profs. Drs. Cesar Ades, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e Américo Pellegrini Filho, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, a composição multidisciplinar da banca parecendo refletir o interesse que o tema pode despertar em diversas áreas do conhecimento. A própria autora da dissertação tem formação não só em Psicologia, mas também em Letras e Direito, e o assunto interessa-lhe pela relevância dos aspectos psicológicos envolvidos, bem como pelo uso que se faz da língua ao serem produzidos grafitos de banheiro. Para alguns, os grafitos não passam de asneiras. Para nós, constituem material repleto de significados.

Discorrendo sobre a Psicanálise, Miller (1989) aponta:

“o psicanalista presta atenção às asneiras enunciadas por aquele que

concorda em ir além de qualquer consideração de coerência lógica, alcance técnico ou conveniência mundana de seus ditos. Aquele que se aplica em neutralizar a censura dos ‘isso não se diz’, e em descuidar dos ideais da palavra policiada” (p.102).

Foi Freud quem percebeu a importância das “asneiras”, daquilo que “não se diz”, para a compreensão do inconsciente. O pesquisador de grafitos também lida com material desse tipo: palavras que “não devem ser ditas” (ou escritas). Portanto, os grafitos podem ser igualmente profícuos na sondagem dos mistérios do inconsciente.

6.2 A magia da escrita e os grafitos de banheiro como “tela pública de projeção de desejos insatisfeitos”

Escrever é um ato humano, sendo que o hábito de produzir inscrições em paredes parece ser bastante antigo. As inscrições rupestres encontradas em Altamira, na Espanha, em Lascaux, na França, ou em São Raimundo Nonato, no Brasil, são provas da antiguidade desse tipo de registro. Grafitos de banheiro também são produções humanas realizadas já há bastante tempo, haja vista a grande quantidade desses escritos encontrados nas ruínas de Pompéia.

Por que o ser humano escreve? Para Desbordes (1992), “a escrita torna a palavra durável, é um remédio supremo contra a evaporação instantânea das palavras” (p.72). O ato de escrever permite uma comunicação diferida com quem está distante no espaço e no tempo. Escrita é memória: através dela, a memória pode ser armazenada e recuperada (Olson, 1997).

Assim, uma das funções da escrita é permitir a comunicação à distância (Desbordes, 1992). No caso dos grafitos de banheiro, essa comunicação se dá entre

pessoas do mesmo sexo, como bem observam Bruner e Kelso (1981). Alguns autores destacam a função de comunicação da escrita latrinária (Barbosa, 1985; Pellegrini Filho, 1982; Cole, 1991; Lomas, 1973). Lomas (1973) sustenta que essa escrita corresponde a uma forma de comunicação primitiva. Para Lomas (1973), os habitantes pré-históricos das cavernas produziam representações de caça, com desenhos, por exemplo, de mamutes, por motivos mágicos, para possuir e assegurar um suprimento abundante de comida. Através das escritas de paredes de banheiro, talvez o indivíduo busque magicamente garantir a obtenção de gratificação sexual.

Esse aspecto mágico da escrita foi abordado por alguns autores (Lomas, 1973; Ramos, 1994). Para Ramos (1994), escrever tem a dimensão mágica de retirar o indivíduo do anonimato, de marcar sua presença e a conseqüente posse do objeto.

Arango (1991) afirma que os palavrões têm um poder alucinatório, também quase mágico, devido, principalmente, à sua interdição. Alucinar é perceber algo inexistente. O palavrão teria, assim sendo, o poder de provocar uma representação visual, por exemplo, de órgãos sexuais.

Para Arango (1991), os palavrões são como os sonhos, pois permitem um “caminho real para o inconsciente” (p.20). Lomas (1973) compara os grafitos a atos falhos e piadas, sustentando que, através deles, podemos ter acesso a significados inconscientes ou latentes do comportamento. Estabelece, ainda, uma analogia entre os grafitos e os sonhos ao afirmar que a parede seria equivalente à tela intrapsíquica do sonho, “a tela pública em que são projetados os desejos insatisfeitos mais prementes”¹¹ (Lomas, 1976, p.85).

¹¹ Tradução da autora.

6.3 A complexidade humana e os grafitos como “testes projetivos auto-administrados”

O ser humano é complexo, multifacetado. A opção de realizar, nesta pesquisa, quatro estudos a respeito de grafitos de banheiro foi, em verdade, decorrente da consciência dessa complexidade humana. As diferentes análises realizadas com o material coletado partiram de um referencial psicológico e segundo orientação experimental. No entanto, outros olhares lançaram-se sobre nosso objeto de estudo. Assim, esta análise compreendeu o trânsito em outros campos do saber, tais como Psicanálise, Antropologia e o campo das Comunicações.

A contribuição que as diversas áreas do conhecimento humano têm a oferecer com respeito a qualquer fenômeno é interessante por permitir a observação do objeto segundo diferentes perspectivas. Lançar variados olhares sobre qualquer aspecto do fenômeno que se queira estudar é extremamente enriquecedor. Nenhum desses olhares abarca o ser humano como um todo, nem o ser humano também pode corresponder simplesmente à soma deles. Diferentes perspectivas permitem, no entanto, uma compreensão mais global do fenômeno estudado. De qualquer forma, são sempre perspectivas, sendo importante situar o lugar de onde parte o olhar investigador. As representações que se fazem são efeitos de reconhecimento e desconhecimento da prática. Ao se reconhecer algo, inevitavelmente desconhecem-se possibilidades outras de ser. Isto é instaurado e reinstaurado a cada ato. Opera-se por recortes na produção de conhecimento (Guirado, 1995, p.16).

O olhar foi objeto de reflexão de muitos pensadores (Merleau-Ponty, 1966; Foucault, 1992; Perrone-Moisés, 1988; Cardoso, 1988). Em ciência é importante pensar sobre o olhar, pois o “olhar pensa” (Cardoso, 1988). É o olhar que conduz nossa caminhada. Cardoso (1988) aponta diferenças entre a simples visão e o olhar:

“Ela, a simples visão, supõe e expõe um campo de significações; ele, o olhar – necessitado, inquieto e inquiridor – as deseja e procura, seguindo a trilha do sentido. O olhar pensa: é a visão feita interrogação” (p.349). Cientes dessa capacidade que tem o olhar de pensar, acreditamos ser fundamental contextualizar tanto a produção de qualquer material de pesquisa quanto os estudos que se fazem dele.

“O que está dentro, também está fora”, segundo Goethe (Merleau-Ponty, 1966). Ou seja, o externo pode ser uma via de acesso ao interno. Grafitos de banheiro podem ser a ponte que nos leva até o lado de dentro, onde estão os pensamentos e os sentimentos de seus produtores.

Para Gadpaille (1971), indivíduo e sociedade estão projetados nos grafitos. Essas inscrições corresponderiam a um teste projetivo auto-administrado, em que estariam presentes marcas psicológicas daquele que as produz. “Cada grafito é uma impressão digital psicológica do seu autor”¹², afirma Gadpaille (1971, p.47). Que tipo de projeção pudemos verificar em nossos estudos? Quais imagens surgiram nessa “tela pública” de desejos insatisfeitos? Durante a pesquisa com as inscrições latrinárias analisadas em nossos estudos, essas imagens foram, a pouco e pouco, ganhando contornos.

6.4 Que projeções são essas que os grafitos revelam? – Conclusões gerais delineadas em nossa pesquisa

De maneira geral, os grafitos produzidos nos banheiros masculinos de “cursinhos” apresentaram maior grau de analidade e revelaram preocupação com o estabelecimento da identidade, especialmente por meio de grupos de referência.

¹² Tradução da autora.

Também foram observados muitos conteúdos agressivos nesse ambiente. Nos banheiros femininos dos “cursinhos”, o romantismo destacou-se entre as inscrições.

Na universidade, o romantismo feminino diminuiu e aumentou o grau de erotização. Mulheres também produziram grafitos que ofereciam elogios a outras mulheres ou a homens. Nos banheiros masculinos da universidade, os grafitos continuaram apresentando acentuado grau de agressividade, mas tornaram-se menos anais. Nos dois ambientes, a agressividade masculina voltou-se, em geral, contra o homossexual masculino. Apesar de as mulheres terem se mostrado menos agressivas que os homens ao produzirem grafitos de banheiro, a hostilidade feminina também esteve presente entre as inscrições produzidas tanto nos “cursinhos” quanto na universidade. Essa agressividade voltou-se especialmente contra a mulher prostituta. A agressividade contra homossexuais e prostitutas mostrou-se mais acentuada nos “cursinhos”.

A hostilidade dos homens contra homossexuais masculinos e das mulheres contra prostitutas revelou preocupação com identidade sexual. Parece que o grande receio masculino seria o de tornar-se homossexual e o feminino, o de tornar-se sexualmente promíscua. Segundo uma perspectiva evolucionária, ser homossexual ou ter um filho homossexual equivaleria a não deixar descendentes férteis. Cuidar de um filho homossexual, para Gallup Jr. (1995), seria o mesmo que prover um filho gerado por um outro homem, produto de uma traição. Tanto num caso quanto no outro, o investimento seria em vão do ponto de vista da transmissão de genes para gerações futuras.

A preocupação feminina com a prostituição, ainda segundo uma perspectiva evolucionária, poderia estar relacionada com o medo de não ter alguém que ajude a prover os filhos. O investimento físico e psicológico da maternidade são

extremamente grandes. O auxílio do pai, portanto, torna-se imprescindível para maximizar as condições favoráveis ao cuidado dos filhos, à sua manutenção e à sua educação. Proteger os descendentes, mantendo-os vivos e saudáveis, significa protegê-los e assegurar a transmissão de genes. Além disso, as prostitutas representam rivais que podem ameaçar a garantia de investimento integral do pai na prole. A possibilidade desse pai vir a ter filhos com outra mulher é, portanto, muito ameaçadora.

A elevada frequência de grafitos sexuais de conteúdo agressivo entre as inscrições masculinas pode revelar relação entre agressividade e excitação sexual, bem como afirmação de poder. A grande quantidade de referências homossexuais e anais talvez indique a tentativa de submissão do outro. Foi comum, nos grafitos produzidos em banheiros masculino, o uso de termos como “tomar no cu”, “dar o cu” e “pau no cu”. Arango (1991) afirma que a castração e a violação anal são formas supremas de submissão. O indivíduo estaria, ao subjugar o outro através dos grafitos, demarcando território, fixando domínio. Innala (1992) observou que, na maioria das mensagens que buscavam contato, presentes nos grafitos de conteúdo homossexual, os sujeitos desejavam papéis submissos na troca sexual.

Em linhas gerais, são esses os resultados mais significativos presentes em nossos estudos realizados com e sobre os grafitos de banheiro. O imaginário sexual dos estudantes de “cursinhos” e dos universitários foi adquirindo esse contorno conforme os estudos transcorreram e, aos poucos, tornou-se mais nítida a composição de partes desse “enorme tapete do imaginário...” (Arrigucci Jr., 1987, p.174).

6.5 Outras projeções: propostas para futuras pesquisas

A restrita quantidade de trabalhos envolvendo o estudo de grafitos de banheiro sugere a necessidade de investigar esse tipo de material. Sendo uma ponte de acesso ao inconsciente, os grafitos podem contribuir muito para a compreensão do indivíduo e da sociedade.

Poucos são os trabalhos que promovem análises interculturais. Dos cerca de cinquenta textos abordando o tema dos grafitos de banheiro utilizados nesta pesquisa, somente três artigos tratam de grafitos produzidos em diferentes culturas: os trabalhos de Sechrest e Flores (1969), de Ahmed (1981) e de Olowu (1983).

Sechrest e Flores (1969) analisaram as escritas latrinárias produzidas em universidades das Filipinas e dos Estados Unidos. Ahmed (1981) examinou diferenças de conteúdo de inscrições realizadas em banheiros de escolas de segundo grau ligadas às culturas francesa e inglesa, no Canadá. Olowu (1983) comparou grafitos de banheiros universitários nigerianos e britânicos. Esses três estudos apontam a existência de diferenças culturais em grafitos de banheiro. Análises com enfoque em diferenças interculturais corresponderiam, portanto, a uma linha promissora de pesquisa.

Segundo Alves (1967), nos banheiros públicos habita a *Musa latrinalis*, que leva alguns indivíduos a sentir prazer em produzir frases e desenhos eróticos nesses locais. O estudo de inscrições realizadas em diferentes culturas poderia, então, revelar a influência dessa “musa inspiradora” em contextos sociais diversos.

Sendo os grafitos, como afirma Lomas (1973), análogos aos sonhos, poder-se-ia, portanto, com esse tipo de pesquisa, ter acesso às fantasias e desejos mais

comuns de diferentes povos, bem como verificar eventuais diferenças e semelhanças interculturais.

“O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte –
Os beijos merecidos da verdade.”

“Horizonte”

Mensagem

Fernando Pessoa

ANEXOS

ANEXO A - Distribuição de termos ligados a sexualidade empregados em grafitos e respostas a grafitos de banheiros masculinos de “cursinhos”.

GRAFITOS	Total	RESPOSTAS	Total	GRAFITOS + RESPOSTAS	Total
cu	20	cu	6	cu	26
cuzão	5	cuzão	2	cuzão	7
cuzinho	2			cuzinho	2
bunda	1			bunda	1
	$\Sigma = 28$		$\Sigma = 8$		$\Sigma = 36$
mine	2	pinto	1	mine	2
pau	3	pau	1	pau	4
rola	1	caralho	1	rola	1
pica	1			pica	1
pinto de ouro	1			pinto de ouro	1
caralho	1			caralho	2
pinto	1			pinto	2
	$\Sigma = 10$		$\Sigma = 3$		$\Sigma = 13$
aranha	1			aranha	1
buça	2			buça	2
buceta	5			buceta	5
	$\Sigma = 8$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 8$
gostosa	2			gostosa	2
gostosões	1			gostosões	1
tesão	1			tesão	1
	$\Sigma = 4$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 4$
viado	13	bicha	4	viado	18
filho da puta	2	viado	5	filho da puta	3
puta	1	filho da puta	1	puta	2
vagabunda	1	corno	1	vagabunda	1
funeta	1	bundão	1	funeta	1
brocha	2	puta	1	brocha	2
galinha	1			galinha	1
				bicha	4
				corno	1
				bundão	1
	$\Sigma = 21$		$\Sigma = 13$		$\Sigma = 34$
tomar (no cu)	3	dar	2	tomar (no cu)	3
chupar	5	chupar	1	chupar	6
dar	10	enfiar	2	dar	12
comer	10	foder	1	comer	12
enfiar	1	comer	2	enfiar	3
porra	1			porra	1
	$\Sigma = 30$		$\Sigma = 8$		$\Sigma = 38$

GRAFITOS	Total	RESPOSTAS	Total	GRAFITOS + RESPOSTAS	Total
cagão	2			cagão	2
merda	3			merda	3
cagar	3			cagar	3
bosta	2			bosta	2
diarréia	1			diarréia	1
	$\Sigma = 11$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 11$
aidéticos	1			aidéticos	1
	$\Sigma = 1$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 1$
sexualmente	1			sexualmente	1
	$\Sigma = 1$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 1$
			urina	urina	1
	$\Sigma = 0$		$\Sigma = 1$		$\Sigma = 1$
pêlos	1			pêlos	1
	$\Sigma = 1$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 1$

GRAFITOS	Total Geral $\Sigma = 115$	RESPOSTAS	Total Geral $\Sigma = 33$	GRAFITOS + RESPOSTAS	Total Geral $\Sigma = 148$
----------	----------------------------------	-----------	---------------------------------	-------------------------	----------------------------------

ANEXO B - Distribuição de termos ligados a sexualidade empregados em grafitos e respostas a grafitos de banheiros femininos de “cursinhos”.

GRAFITOS	Total	RESPOSTAS	Total	GRAFITOS + RESPOSTAS	Total
cu	3			cu	3
	$\Sigma = 3$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 3$
pau	1	pau	1	pau	2
pauduro	1	cacetão	2	pauduro	1
pinto	1	caralho	1	pinto	1
caralho	1			caralho	2
cacetão	1			cacetão	3
	$\Sigma = 5$		$\Sigma = 4$		$\Sigma = 9$
tesão	7			tesão	7
gostosão	1			gostosão	1
tesudo	1			tesudo	1
gostoso	1			gostoso	1
	$\Sigma = 10$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 10$
travesti	1	capado	1	travesti	1
vagabunda	1	vagabunda	2	vagabunda	3
lésbica	1	galinha	2	lésbica	1
prostituta	1	safada	1	prostituta	3
puta	4	prostituta	2	puta	6
vaca	1	puta	2	vaca	1
		tarada	1	capado	1
		histérica	1	galinha	2
		insaciável	1	safada	1
		frígida	1	tarada	1
		filha da puta	1	histérica	1
				insaciável	1
				frígida	1
				filha da puta	1
	$\Sigma = 9$		$\Sigma = 15$		$\Sigma = 24$
chupar	1	fuck	1	chupar	1
dar	7	dar	1	dar	8
enfiar	1			enfiar	1
transar	1			transar	1
gozo	1			gozo	1
fazer amor	1			fazer amor	1
curra	1			curra	1
fuck	1			fuck	2
cio	1			cio	1
prazer	1			prazer	1

GRAFITOS	Total	RESPOSTAS	Total	GRAFITOS + RESPOSTAS	Total
	$\Sigma = 16$		$\Sigma = 2$		$\Sigma = 18$
desejo	1			desejo	
	$\Sigma = 1$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 1$
merda	1			merda	
	$\Sigma = 1$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 1$

GRAFITOS	Total Geral	RESPOSTAS	Total Geral	GRAFITOS + RESPOSTAS	Total Geral
	$\Sigma = 45$		$\Sigma = 21$		$\Sigma = 66$

ANEXO C - Distribuição de termos ligados a sexualidade empregados em grafitos e respostas a grafitos de banheiros masculinos da universidade.

GRAFITOS	Total	RESPOSTAS	Total	GRAFITOS + RESPOSTAS	Total
cuzinho	1	cu	4	cuzinho	1
cu	9	bunda	1	cu	13
cuzão	2	cuzão	1	cuzão	3
rosca	1			rosca	1
bunda	2			bunda	3
buraco de cagá	1			buraco de cagá	1
	$\Sigma = 16$		$\Sigma = 6$		$\Sigma = 22$
rola	2	pau	5	rola	2
pau	7	caralho	2	pau	12
caralho	2	piroca	1	caralho	4
escroto	1	caceta	1	escroto	1
pica	1	pica	2	pica	3
dita-dura	1	chupeta	1	dita-dura	1
piroca	1			piroca	2
pistola	1			pistola	1
membro	1			membro	1
cacetão	1			cacetão	1
cacete	3			cacete	3
vara	1			caceta	1
pintinho	1			vara	1
pintão	2			pintinho	1
pinto	1			pintão	2
				pinto	1
				chupeta	1
	$\Sigma = 26$		$\Sigma = 12$		$\Sigma = 38$
buceta	5	vagina	2	buceta	6
vagina	1	xoxota	1	vagina	3
		buceta	1	xoxota	1
		boca da onça	1	boca da onça	1
		gruta	1	gruta	1
		xereca	1	xereca	1
	$\Sigma = 6$		$\Sigma = 7$		$\Sigma = 13$
peitinho	1			peitinho	1
	$\Sigma = 1$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 1$
virgem	1	virgem	1	virgem	2
	$\Sigma = 1$		$\Sigma = 1$		$\Sigma = 2$

GRAFITOS	Total	RESPOSTAS	Total	GRAFITOS + RESPOSTAS	Total
gostosa	1			gostosa	1
tesuda	1			tesuda	1
	$\Sigma = 2$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 2$
viado	10	bicha	2	viado	11
bicha	5	gay	1	bicha	7
gay	3	bissexual	1	gay	4
pederasta	2	viado	1	pederasta	2
filho da puta	1	corno	3	filho da puta	1
fresco	1	vagabunda	1	fresco	1
baiatola	1	babaca	1	baiatola	1
entendido	1	zona	1	entendido	1
homossexual	2	babacão	1	homossexual	2
travesti	1	mocinha	1	travesti	1
bichinha	1			bichinha	1
puta	1			puta	1
homossexualismo	1			homossexualismo	1
corno	1			corno	4
				bissexual	1
				vagabunda	1
				babaca	1
				zona	1
				babacão	1
				mocinha	1
	$\Sigma = 31$		$\Sigma = 13$		$\Sigma = 44$
foda [subst.] (1 "phoda")	2	foder	1	foda [subst.] (1 "phoda")	2
dar	4	dar	5	dar	9
comer	8	tregar	2	comer	13
tregar	2	socar	1	tregar	4
socar (mas-turbação)	1	chupar	2	socar (mas-turbação)	2
chupar	7	tomar (no cu)	1	chupar	9
gozar	2	foda [adj.]	2	gozar	2
transar (relação homossexual)	1	comer	5	transar (relação homossexual)	1
foder	2	bater punheta	1	foder	3
foda [adj.]	1	punheteiro	1	foda [adj.]	3
gerner	3			gerner	3
gritar	1			gritar	1
brochar	1			brochar	1
fecundar	1			fecundar	1
prazer	2			prazer	2

penetração anal	1			penetração anal	1
porra	1			porra	1
				tomar (no cu)	1
				bater punheta	1
				punheteiro	1
	$\Sigma = 40$		$\Sigma = 21$		$\Sigma = 61$
cagar	3	cagão	1	cagar	3
merda	3	bosta	1	merda	3
defecar	1			defecar	1
bosta	1			cagão	1
				bosta	2
	$\Sigma = 8$		$\Sigma = 2$		$\Sigma = 10$
AIDS	1	aidética	1	AIDS	1
				aidética	1
	$\Sigma = 1$		$\Sigma = 1$		$\Sigma = 2$

GRAFITOS	Total Geral $\Sigma = 132$	RESPOSTAS	Total Geral $\Sigma = 63$	GRAFITOS + RESPOSTAS	Total Geral $\Sigma = 195$
-----------------	--------------------------------------	------------------	-------------------------------------	-----------------------------	--------------------------------------

ANEXO D - Distribuição de termos ligados a sexualidade empregados em grafitos e respostas a grafitos de banheiros femininos da universidade.

GRAFITOS	Total	RESPOSTAS	Total	GRAFITOS + RESPOSTAS	Total
cu	4	cu	3	cu	7
bunda	1	bunda	1	cuzinho	1
		culo	1	culo	1
		cuzinho	1	bunda	2
	$\Sigma = 5$		$\Sigma = 6$		$\Sigma = 11$
pinto	2	pau	3	pinto	2
mastro	1	cacete	1	mastro	1
pau	2			pau	5
caralho	2			caralho	2
cacete	2			cacete	3
	$\Sigma = 9$		$\Sigma = 4$		$\Sigma = 13$
buceta	6	buceta	6	buceta	12
bucetinha	2	clitóris	2	bucetinha	2
grilo	4	grilo	3	grilo	7
cabaço	1			cabaço	1
clitóris	1			clitóris	3
vagina	2			vagina	2
xoxota	2			xoxota	2
	$\Sigma = 18$		$\Sigma = 11$		$\Sigma = 29$
peito	1	seios	1	peito	1
seios	1			seios	2
tetas	1			tetas	1
	$\Sigma = 3$		$\Sigma = 1$		$\Sigma = 4$
virgem	2			virgem	2
	$\Sigma = 2$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 2$
tesão	4	bucetuda	1	tesão	6
gostosa	5	gostosa	1	gostosa	6
bucetuda	1	tesão	2	bucetuda	2
tesuda	1	tesuda	1	tesuda	2
boazuda	1			boazuda	1
	$\Sigma = 12$		$\Sigma = 5$		$\Sigma = 17$
bicha	3	filho da puta	1	bicha	3
cuzonas	1	vaca	2	cuzonas	1
prostituta	1	puta	1	prostituta	1
sapatão	4			sapatão	4
puta	1			puta	2
homo	1			homo	1
lésbica	3			lésbica	3
filho da puta	1			filho da puta	2
entendida	4			entendida	4

				vaca	2
	$\Sigma = 19$		$\Sigma = 4$		$\Sigma = 23$
orgasmo	5	foder	1	orgasmo	6
prazer	2	chupar	6	prazer	2
comer	5	enfiar	2	comer	5
foder	4	masturbação	3	foder	5
transar	9	transar	1	transar	10
chupar	12	orgasmo	1	chupar	18
tregar	1			tregar	1
fazer amor	4			fazer amor	4
lamber	1			lamber	1
morder	3			morder	3
roçar	1			roçar	1
dar	1			dar	1
porra	2			porra	2
brincar	1			brincar	1
felação	1			felação	1
69	1			69	1
cunilíngua	1			cunilíngua	1
sexo oral	1			sexo oral	1
descabaçar	1			descabaçar	1
suruba	1			suruba	1
enfiar	1			enfiar	3
masturbação	1			masturbação	4
gozar	1			gozar	1
	$\Sigma = 60$		$\Sigma = 14$		$\Sigma = 74$
perversão sexual	1			perversão sexual	1
sexual	2			sexual	2
sensual	1			sensual	1
erótico	1			erótico	1
sexo	1			sexo	1
desejo	3			desejo	3
	$\Sigma = 9$		$\Sigma = 0$		$\Sigma = 9$

GRAFITOS	Total Geral $\Sigma = 137$	RESPOSTAS	Total Geral $\Sigma = 45$	GRAFITOS + RESPOSTAS	Total Geral $\Sigma = 182$
----------	-------------------------------	-----------	------------------------------	----------------------	-------------------------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHMED, S.M.S. Graffiti of Canadian high school students. *Psychological Reports*, v.49, p.559-562, 1981.
- ALEXANDER, B. Male and female rest room graffiti. *Maledicta: the international journal of verbal aggression*, v.2, p.42-59, 1978.
- ALVES, E.S. *Medicina Legal e Deontologia*. v.2. Curitiba, Editora da Universidade Federal do Paraná, 1967. p.246.
- ANDERSON, S.J.; VERPLANCK, W.S. When walls speak, what do they say? *The Psychological Record*, v.33, p.341-359, 1983.
- ARANGO, A. *Os palavrões: virtudes terapêuticas da obscenidade*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- ARCHER, A. Attitudes Toward Homosexuals: An Alternative Darwinian View. *Ethology and Sociobiology*, v.17, p.275-280, 1996.
- ARCHER, A. Attitudes Toward Homosexuals: A Rejoinder. *Ethology and Sociobiology*, v.17, p.275-280, 1996.
- ARISTÓTELES. (384-322 a.C.) *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo, Cultrix, 1988.
- ARLUKE, A.; KUTAKOFF, L.; LEVIN, J. Are the times changing? An analysis of gender differences in sexual graffiti. *Sex Roles*, v.16, p.1-7, 1987.
- ARRIGUCI JR., D. *Enigma e comentário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- BARBOSA, G.G. *Grafitos de banheiro: literatura proibida*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BARTHES, R. *Aula*. São Paulo, Cultrix, 1997.
- BJÖRKQVIST, K. Sex Differences in Physical, Verbal, and Indirect Aggression: A Review of Recent Research. *Sex Roles*, v.30, p.177-188, 1994.
- BJÖRKQVIST, K.; LAGERSPETZ, K.M.J.; KAUKIAINE, A. Do girls manipulate and boys fight? *Aggressive behavior*, v.18, p.117-127, 1992.
- BRANDIS, W.; HENDERSON, D. *Social class, language, and communication*. London, Routledge & Keagan Paul, 1970.
- BRUNER, E.; KELSO, J. Gender differences in graffiti: a semiotic perspective. In: ARENS, W.; MONTAGUE, S.P. *The American Dimension*. Sherman Oaks, CA, Alfred, 1981.

- BURBANK, V.K. Cross-Cultural Perspectives on Aggression in Women and Girls: An Introduction. *Sex Roles*, v.30, p.169-176, 1994.
- BURBANK, V. Female aggression in cross-cultural perspective. *Behavior Science Research*, v.21, p.70-100, 1987.
- CARDOSO, S. O olhar viajante do etnólogo. In: NOVAES, A., org. *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- CLARK, R.D.; HATTFIELD, E. Gender differences in receptivity to sexual offers. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, v.2, p.39-55, 1989.
- COLE, C.M. "Oh wise women of the stalls ..." *Discourse & Society*, v.2, p.401-411, 1991.
- COYNE, J.C.; SHERMAN, R.C.; O'BRIEN, K. Expletives and women's place. *Sex Roles*, v.4, p.827-835, 1978.
- DESBORDES, F. *Concepções sobre a escrita na Roma antiga*. São Paulo, Ática. p.72-79, 1995.
- DUNDES, A. Here I sit – A study of American latrinalia. *Kroeber Anthropological Society Papers*, v.34, p.91-105, 1966.
- EHRlichman, H.; EICHENSTEIN, R. Private Wishes: Gender Similarities and Differences. *Sex Roles*, v.26, n.9/10, p.399-422, 1992.
- EIBL-EIBESFELD, I. *Ethology: the biology of behavior*. New York, Holt, Reinehart and Winston, 1970.
- EIBL-EIBESFELD, I. *Human Ethology*. New York, Aldine de Gruyter, 1989.
- ENTWISLE, D.R.; GARVEY, C. Verbal productivity and adjective usage. *Language and Speech*, v.15, p.288-298, 1972.
- FISK, G.D.; OWSLEY, C.; PULLEY, L.V. Driving after stroke: driving exposure, advice, and evaluations. *Arch Phys Med Rehabil*, v.78, 1338-1345.
- FRASER, B. Meta-graffiti. *Maledicta: the international journal of verbal aggression*, v.4, n.2, p.258-260, 1980.
- FREUD, S. (1913). A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1969. v.XII, p.391-409.

- FREUD, S. (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.XXI, p.75-171.
- FREUD, S. (1905 [1901]). O quadro clínico. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1969. v.VII, p.23-66.
- FREUD, S. (1925 [1924]). Um estudo autobiográfico. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XX, p.11-92.
- FRY, D. Play aggression among Zapotec among children: Implication for the practice hypothesis. *Aggressive behavior*, v.16, p.321-340, 1990.
- FRY, D. Female aggression among the Zapotec of Oaxaca, Mexico. In: BJÖRQVIST, K.; NIEMELÄ, P., eds. *Of mice and women: Aspects of female aggression*. San Diego, Academic Press, 1992.
- FRY, D.; HINES, N. "Sex differences in indirect and direct aggression in Argentina". Trabalho apresentado no 3º Congresso Europeu de Psicologia. Tampere, Finlândia, 4-9 de julho, 1993.
- GADPAILLE, W.J. Graffiti: its psychodynamic significance. *Sexual behavior*, October, p.45-51, 1971.
- GALLUP Jr., G.G. Have Attitudes Toward Homosexuals Been Shaped by Natural Selection? *Ethology and Sociobiology*, v.16, p.53-70, 1995.
- GIRALDI, E.; FALDINI, E. del V. de P.; BACHETTO, J.G.; TORREZAN, S.C., PORTO, V.F.; ROCHA, V.C.; OLIVEIRA, F.D.; OTTA, E. Escrita latrinária. *Revista Brasileira de Psicologia*, v.3, p.66-70, 1991.
- GRIZZLE, J.E.; STARMER, C.F.; KOCH, G.G. Analysis of categorical data by linear models. *Biometrics*, v.25, p.489-504, 1993.
- GUIRADO, M. Psicanálise e análise do discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico. São Paulo, Summus, 1995.
- HAAS, A. Male and Female Spoken Language Differences: Stereotypes and Evidence. *Psychological Bulletin*, v.86, n.3, p.616-626, 1979.
- HEREK, G.M. Hate crimes against lesbians and gay men: Issues for policy and research. *American Psychologist*, v.44, p.948-955, 1989.
- HOLMES, J. Women's talk in public contexts. *Discourse & Society*, v.3, p.131-150, 1992.

- INNALA, S.M.; ERNULF, K.E. Understanding Male Homosexual Attraction: An Analysis of Restroom Graffiti. *Journal of Social Behavior and Personality*, v.7, p.503-510, 1992.
- KERNS, J.G.; FINE, M.A. The Relation Between Gender and Negative Attitudes Toward Gay Men and Lesbians: Do Gender Role Attitudes Mediate This Relation? *Sex Role*, v.31, n.5/6, p.297-307, 1994.
- KINSEY, A.C.; POMEROY, W.B.; MATIN, C.E.; GEBHARDT, P.H. *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia, PA, Saunders, 1953.
- KRAMER, C. Wishy-washy mommy talk. *Psychology Today*, June, p.82-85, 1974.
- KUTAKOFF, L. *Sex differences in bathroom graffiti*. Dissertação (Mestrado), Boston University, 1972.
- LEVIN, J.; ARLUKE, A. An exploratory analysis of sex differences in gossip. *Sex Roles*, v.12, p.281-193, 1985.
- LANDY, E.E.; Steele, J.M. Graffiti as a function of building utilization. *Perceptual and motor skills*, v.25, p.711-712, 1967.
- LAPLANCHE, J. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- LOMAS, H.D. Graffiti: Additional Clinical Observations. *The Psychoanalytic Review*, v.67, n.1, p.139-142, 1980.
- LOMAS, H.D. Graffiti: Some Clinical Observations. *The Psychoanalytic Review*, v.63, p.451-457, 1976.
- LOMAS, H.D. Graffiti: Some Observations and Speculations. *The Psychoanalytic Review*, v.60, p.71-89, 1973.
- LOEWENSTINE, H.V., PONTICOS, G.D.; PALUDI, M.A. Sex differences in graffiti as a communication style. *The Journal of Social Psychology*, v.117, p.307-308, 1982.
- MALAMUTH, N.M.; CHECK, J.V.P.; BRIERE, J. Sexual Arousal in Response to Aggression: Ideological, Aggressive, and Sexual Correlates. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.50, n.2, p.330-340, 1986.
- MASON, K.O.; CZAJKA, J.L.; ARBER, S. Change in U.S. women's sex-role attitudes, 1964-1974. *American Sociological Review*, v.41, p.573-596, 1976.
- MCCLOSKEY, L.A.; COLEMAN, L.M. Difference without dominance: children's talk in mixed- and same-sex dyads. *Sex Roles*, v.27, n.5/6, p.241-257.
- MCGLYNN, P.D. Graffiti & Slogans: Flushing the Id. *Journal of Popular Culture*, v.6, p.351-356, 1972.

- McMENEMY, P.; CORNISH, I.M. Gender differences in the judged acceptability of graffiti. *Perceptual and Motor Skills*, v.77, p.622, 1993.
- MELLEN, S.L.W. *The evolution of love*. Oxford, Freeman, 1981.
- MENDEL, A.O. *Personality in Handwriting: A Handbook of American Graphology*. New York, Ungar, 1974.
- MERLEAU-PONTY, M. Le cinéma et la nouvelle Psychologie. Trad. João Frayse-Pereira e Liane Weissman. In: *Sens et non-sens*. Paris, Nagel, 1966, p.85-106.
- MICHAEL, R.T.; GAGNON, J.H.; LAUMANN, E.O.; KOLATA, G. *Sex in America*. New York, Warner Books, 1975.
- MILLER, G. *Lacan*. Trad. Luiz Forbes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- NETO, R.B. Banheiros de Pompéia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 set. 1992. Caderno Ciência, p.18.
- NORUSIS, M.J. *SPSS for windows: Advanced statistics, release 6.0*. [Manual do programa de computador]. Chicago, SPSS inc., p.1-30, 1993.
- NORUSIS, M.J. *SPSS for windows: Advanced statistics, release 6.0*. [Programa de computador]. Chicago, SPSS inc., 1993.
- NWOYE, O.G. Social issues on walls: graffiti in university lavatories. *Discourse & Society*, v.4, p.419-442, 1993.
- OLOWU, A.A. Graffiti here and there. *Psychological Reports*, v.52, p.986, 1983.
- OTTA, E. Graffiti in the 1990s: a study of inscriptions on restroom walls. *Journal of Social Psychology*, (1993).v.133, p.589-590, 1993.
- OTTA, E.; BUSSAB, V.S.R. *Vai encarar? Lidando com a agressividade*. São Paulo, Moderna, 1998.
- OTTA, E.; LAFRAIA, L.M.; HOSHINO, R.L.; TEIXEIRA, R.P.; VALLOCHI, S.L.; SANTANA, P.R. *Musa latrinalis: gender differences in restroom graffiti*. *Psychological Reports*, v.78, p.871-880, 1996.
- PELLEGRINI FILHO, A. *Folclore: Comunicação escrita e urbana*. São Paulo, 1987. 2v. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.
- PELLEGRINI FILHO, A. Grafitos obscenos. In: MILANESI, L.; FERREIRA, J.P., orgs. *O obsceno: jornadas impertinentes*. São Paulo, Hucitec/Intercom, [198-].
- PELLEGRINI FILHO, A. Grafitos populares. *Folclore*, setembro, 1982.

- PERETTI, P.O.; CARTE, R.; McCLINTON, B. Graffiti and adolescent personality. *Adolescence*, v.45, p.31-42, 1977.
- PSYCLIT: journal articles 1990-1996; chapters & books 1987-1996. [CD-ROM]. Washington, DC, American Psychological Association / Silver Platter, 1996.
- RAMOS, C.M.A. *Grafite Pichação & Cia*. São Paulo, Annablume, 1994.
- REISNER, R. *Graffiti: Two Thousand Years of Wall Writing*. 2.ed. Chicago, Cowles, 1971.
- SCHREER, G.E.; STRICHARTZ, J.M. Private restroom graffiti: an analysis of controversial social issues on two college campuses. *Psychological Reports*, v.81, p.1067-1074, 1997.
- SECHREST, L.; FLORES, L. Homosexuality in the Philippines and the United States: The handwriting on the wall. *Journal of Social Psychology*, v.79, p.3-12, 1969.
- SECHEREST, L.; OLSON, A.K. Graffiti in four types of institutions of higher education. *Journal of Sex Research*, v.7, p.62-71, 1971.
- SILVA, A.A. Sexo Casual. *Viver Psicologia*, julho, p.16-18, 1996.
- SINGER, E. *Personality in Handwriting*. New York, Hippocrene Books, 1974.
- SOCIOFILE: 1974-1996. [CD-ROM]. Sociological Abstracts / Silver Platter, 1996.
- SPRECHER, S.; SEDIKIDES, C. Gender Differences in Perceptions of Emotionality: The Case of Close Heterosexual Relationships. *Sex Roles*, v.28, p.511-530, 1993.
- STOCKER, T.L.; DUTCHER, L.W.; HARGROVE, S.M.; COOK, E.A. Social analysis of graffiti. *Journal of American Folklore*, v.85, p.356-366, 1972.
- TEIXEIRA, R.P.; OTTA, E. Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero. [CD-ROM] In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGÍA, 2., Madri, 1998. Madri, Colegio Oficial de Psicólogos, 1998. 1 CD-ROM.
- THORTON, A.; FREEDMAN, D. Changes in the sex role attitudes of women, 1962-1977: evidence from a panel study. *American Sociological Review*, v.44, p.831-842, 1979.
- WEITZEL, A.H. Latrinária: grafites proscritos. *Boletim da comissão mineira de folclore*, v.5, n.8, p.12-15, 1984.
- WALES, E.; BREWER, B. Graffiti in the 1970's. *Journal of Social Psychology*, v.99, p.115-123, 1976.

WHITE, M.J. Counternormative behavior as influenced by deindividuating conditions and reference group salience. *The Journal of Social Psychology*, v.103, p.75-90, 1977.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Questionários aplicados em estudantes de uma escola pública.

Sexo: Masculino

Idade:

Data:.....

Estamos pesquisando grafitos de banheiro, ou seja, inscrições realizadas em portas e paredes de banheiros públicos. Muitos de nós produzimos essas inscrições. Gostaríamos de saber a sua opinião a respeito de alguns pontos:

1. Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?
2. Sobre o que os garotos mais gostam de escrever?
3. Sobre o que você acha que as garotas mais gostam de escrever?
4. Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?

Agradecemos sua colaboração.

Sexo: Feminino
Data:.....

Idade:

Estamos pesquisando grafitos de banheiro, ou seja, inscrições realizadas em portas e paredes de banheiros públicos. Muitos de nós produzimos essas inscrições. Gostaríamos de saber a sua opinião a respeito de alguns pontos:

- 1 Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?
- 2 Sobre o que as garotas mais gostam de escrever?
- 3 Sobre o que você acha que os garotos mais gostam de escrever?
- 4 Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?

Agradecemos sua colaboração.

APÊNDICE 2 - Questionários aplicados em estudantes universitários.

Sexo: Masculino
Data:.....

Idade:

Estamos pesquisando grafitos de banheiro, ou seja, inscrições realizadas em portas e paredes de banheiros públicos. Muitos de nós produzimos essas inscrições. Gostaríamos de saber a sua opinião a respeito de alguns pontos:

- 1 Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?
- 2 Sobre o que os homens mais gostam de escrever?
- 3 Sobre o que você acha que as mulheres mais gostam de escrever?
- 4 Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?

Agradecemos sua colaboração.

Sexo: Feminino

Idade:

Data:.....

Estamos pesquisando grafitos de banheiro, ou seja, inscrições realizadas em portas e paredes de banheiros públicos. Muitos de nós produzimos essas inscrições. Gostaríamos de saber a sua opinião a respeito de alguns pontos:

- 1 Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?
- 2 Sobre o que as mulheres mais gostam de escrever?
- 3 Sobre o que você acha que os homens mais gostam de escrever?
- 4 Você se lembra de algum grafito que tenha chamado a sua atenção? Qual?

Agradecemos sua colaboração.